




Coleção
Documentos
68

REVISTAS ILUSTRADAS DO RIO DE JANEIRO E O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSOFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

REVISTAS ILUSTRADAS DO RIO DE JANEIRO E O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

REVISTAS ILUSTRADAS DO RIO DE JANEIRO E O CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



- 68 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2022

Ficha Técnica

Título: Revistas ilustradas do Rio de Janeiro e o centenário da independência do Brasil

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 68

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Capas das revistas *Fon-Fon*, 16 set. 1922; *Revista Souza Cruz*, set.-out. 1922; e *Pelo mundo*, set. 1922.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2022

ISBN – 978-65-89557-68-5

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Em termos de imprensa brasileira, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por amplas transformações, com a centralização das atividades jornalísticas e a afirmação do chamado jornalismo empresarial. Nesse contexto, um gênero de periódico encontrou amplas possibilidades de desenvolvimento, com a profusão de diversas revistas que se espelharam pelo país, tendo o Rio de Janeiro como maior foco irradiador. As inovações tecnológicas em termos de impressão permitiram que tais publicações oferecessem uma significativa qualidade gráfica em suas edições, normalmente acompanhada da associação entre o texto e a imagem, mormente no que tange à inclusão cada vez maior da fotografia. Elas caíram no gosto do público leitor e se difundiram pelos decênios seguintes, atingindo uma popularidade cuja tendência geral foi de expressivo crescimento¹.

¹ Sobre a proliferação de revistas nessa época, observar: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Nesses primeiros anos dos Novecentos ocorreu uma série de transformações científicas e tecnológicas que iriam se refletir na vida cotidiana e na remodelação das cidades. Nesse quadro, as revistas acompanharam tal euforia, de modo que centenas de títulos foram lançados e, com as inovações na indústria gráfica, apresentaram um nível de requinte visual até então inimaginável. Era um momento em que o Rio de Janeiro possuía o maior parque gráfico do país, no qual iriam proliferar publicações de todos os gêneros. Em tal época, a imprensa começava a se profissionalizar, acompanhando a evolução da nascente industrialização nacional, de modo que, para fundar e manter uma revista normalmente era necessário unir a um só tempo técnica e capital. As publicações desse período se apresentavam como as de variedades e as de cultura², estabelecendo a prática de um jornalismo informativo e opinativo, com níveis variáveis de criticidade.

Assim como o conjunto da imprensa, nas páginas das revistas foi recorrente a inserção de coberturas e/ou matérias acerca da passagem de datas marcantes da formação histórica brasileira. Tais datas cívicas ganhavam ainda maior relevância na decorrência de efemérides específicas como cinquentenários, centenários e sesquicentenários. O 7 de Setembro foi uma das datas nacionais de mais destaque no seio do jornalismo e tal perspectiva teve ainda maior significado à época da comemoração do centenário da independência. Trata-se de um procedimento pelo qual muitas datas viriam a transformar-se em marcos comemorativos, criando-se rituais para que a

² SCALZO, Marília. *Jornalismo em revista*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 29.

sociedade viesse a se envolver e participar de maneira específica do processo de rememoração³. Nesse sentido, o 7 de Setembro foi encarado como um fato capaz de alterar o curso da história, embora tenha constituído, muito mais, um ponto de referência simbólico e o ano de 1922, com o centenário da independência, foi um dos ápices desse espírito festivo⁴.

O ano que demarcou os cem anos da emancipação política brasileira foi marcado por uma forte contestação ao status quo característico da República Velha. O modelo oligárquico que se instaurara desde a virada do século XIX ao XX passava a sofrer constantes fissuras e chegava a um ponto de inflexão em 1922, considerado um marco no processo histórico que ficou conhecido como crise dos anos 1920, que, por sua vez, levaria ao derruir do regime vigente. Diante desse quadro caótico, o governo federal lançou mão de efusivos festejos para promover a comemoração do centenário, de modo a criar um anteparo diante das dificuldades. De acordo com esse objetivo prevaleceu em tal celebração um espírito profundamente patriótico e ufanista, o qual em muito seria reproduzido a partir da imprensa. Algumas das revistas do Rio de Janeiro estiveram incluídas em tal conjuntura, como as mais famosas, perenes, donas de certa exuberância gráfica, que atingiram significativa popularidade e até mesmo uma distribuição nacional, e outras, de vida mais efêmera, com menores recursos gráficos e que se restringiram à circulação circunscrita ao contexto fluminense.

³ BITTENCOURT, Circe. Introdução. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 12.

⁴ OLIVEIRA, Cecília Salles. 7 de Setembro de 1822 – independência do Brasil. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 208.

A presença dos atos comemorativos do 7 de Setembro no ano de 1922 no conteúdo de revistas do Rio de Janeiro constitui o fulcro deste trabalho.

ÍNDICE

Fon-Fon / 15

Eu sei tudo / 75

Para todos... / 111

Outras revistas / 143

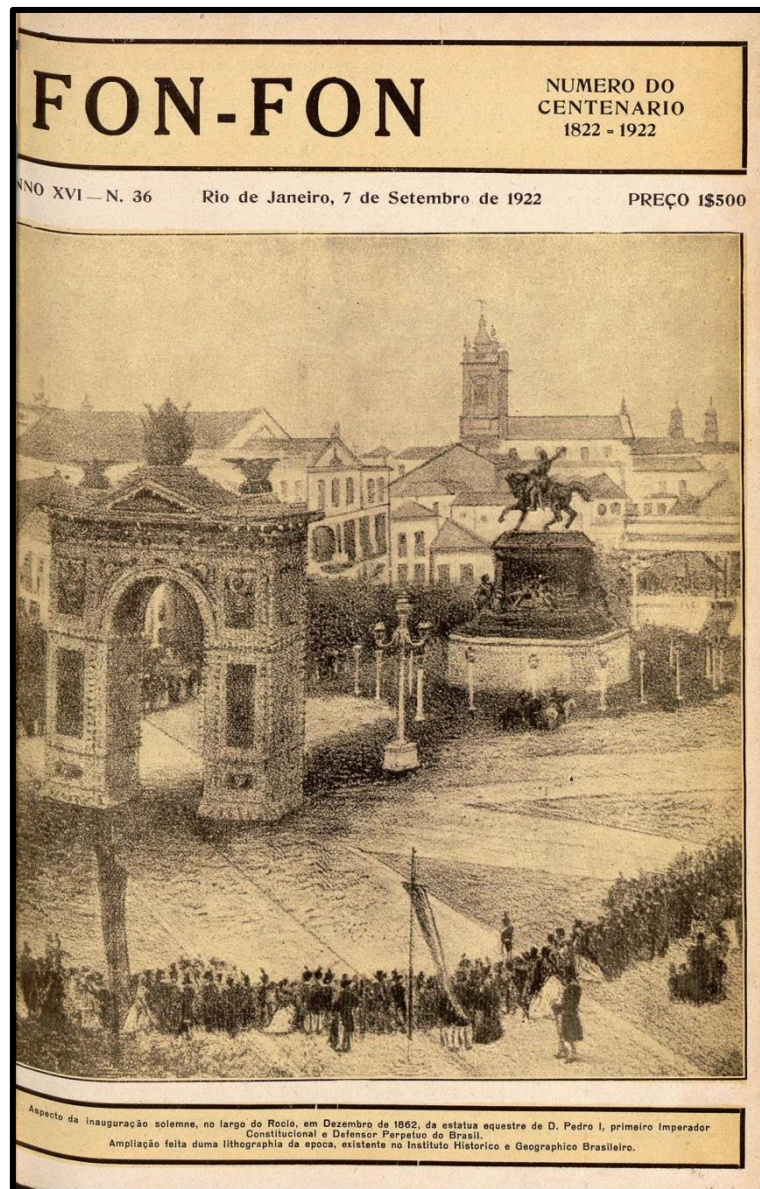
FON-FON

A *Fon-Fon*, editada no Rio de Janeiro desde 1907, constituiu uma das mais marcantes revistas brasileiras do século XX. Tal publicação definia-se em seu frontispício original como um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, além de apresentar-se como um periódico “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”. O título da revista era referência a uma sirene, que seria apertada diante do debate dos diferenciados temas. Nesse sentido, “para os graves problemas da vida, para a mascarada política, para a sisudez conselheiral das finanças e da intrincada complicação dos princípios sociais, colocava-se à disposição para dar “a resposta própria”, ou seja, apertando “a sirene e... *Fon-Fon!*”⁵.

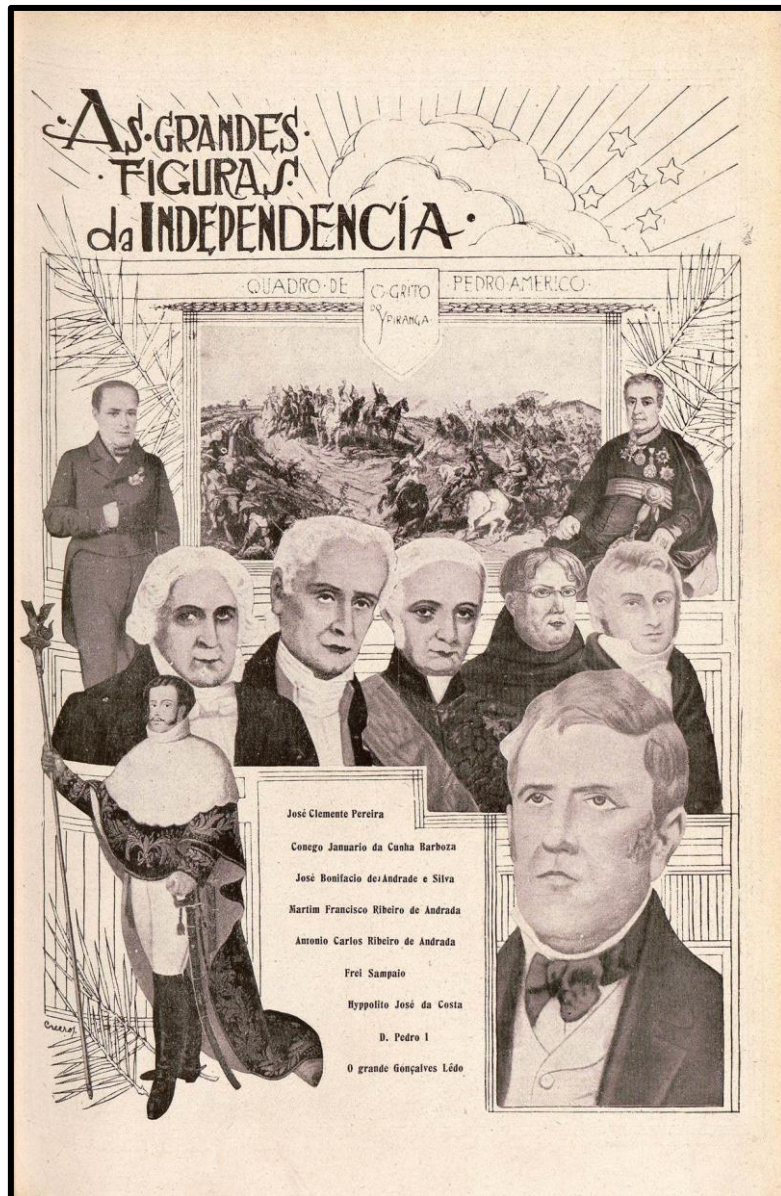
Em uma das edições referente ao centenário, em sua capa a revista reproduzia o registro ocorrido em 1862, quando da inauguração da estátua equestre em homenagem a D. Pedro I. Também na parte iconográfica aparecia o projeto alusivo ao “Monumento aos Andradas”. Esse número especial trouxe algumas seções específicas, como ao estampar “As grandes figuras da independência”, os “Chefes de Estado” da época imperial, os “Presidentes do Conselho”, os “Ministros do Império”, os “Ministros dos Estrangeiros”, os “Ministros da Marinha”, os “Ministros da Justiça” e os Chefes de Estado do período republicano. Refletindo acerca da evolução do país, a magazine dizia que “vai a nação crescendo, ininterruptamente, na invariável sucessão das noites e das alvoradas”⁶.

⁵ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

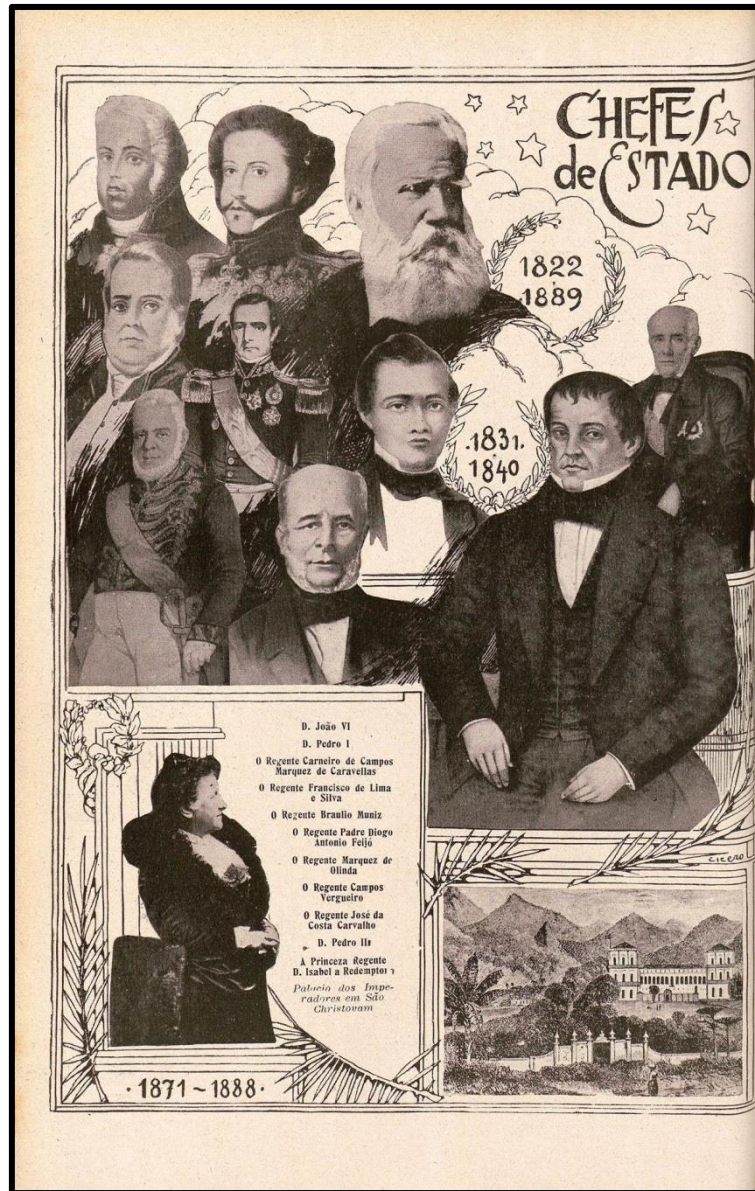
⁶ FON-FON. Rio de Janeiro, 7 set. 1922.

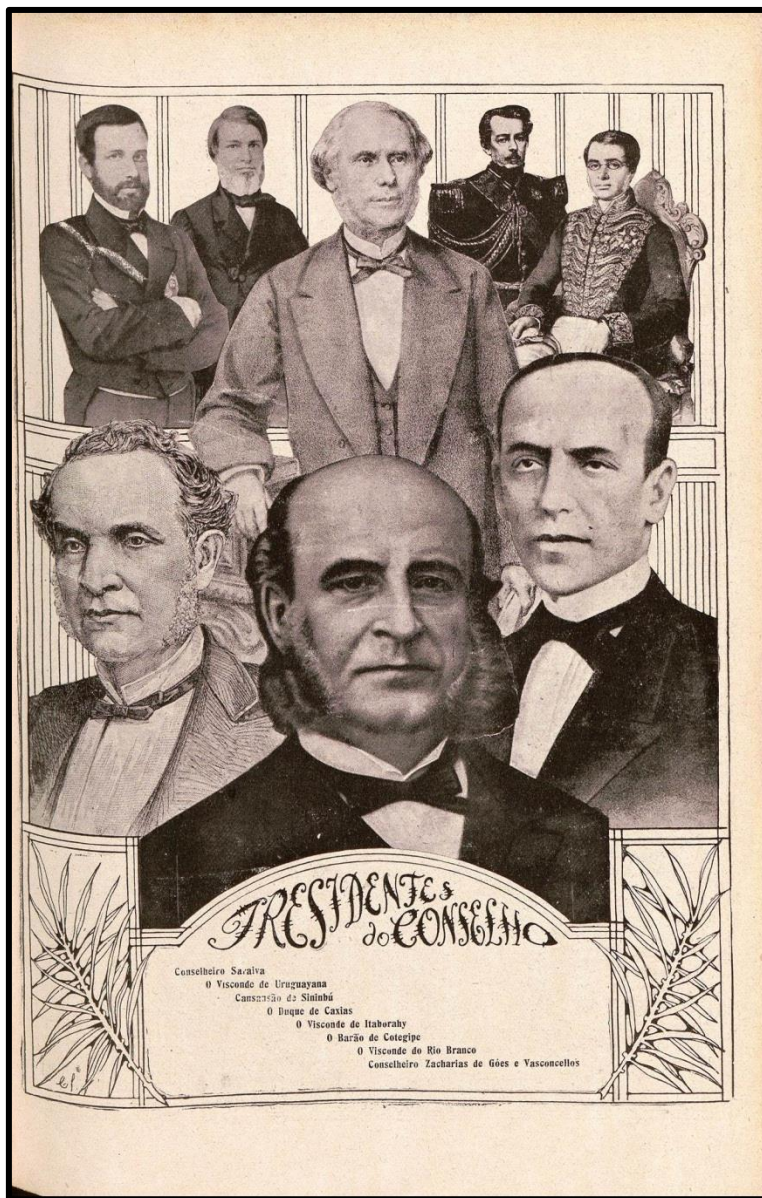


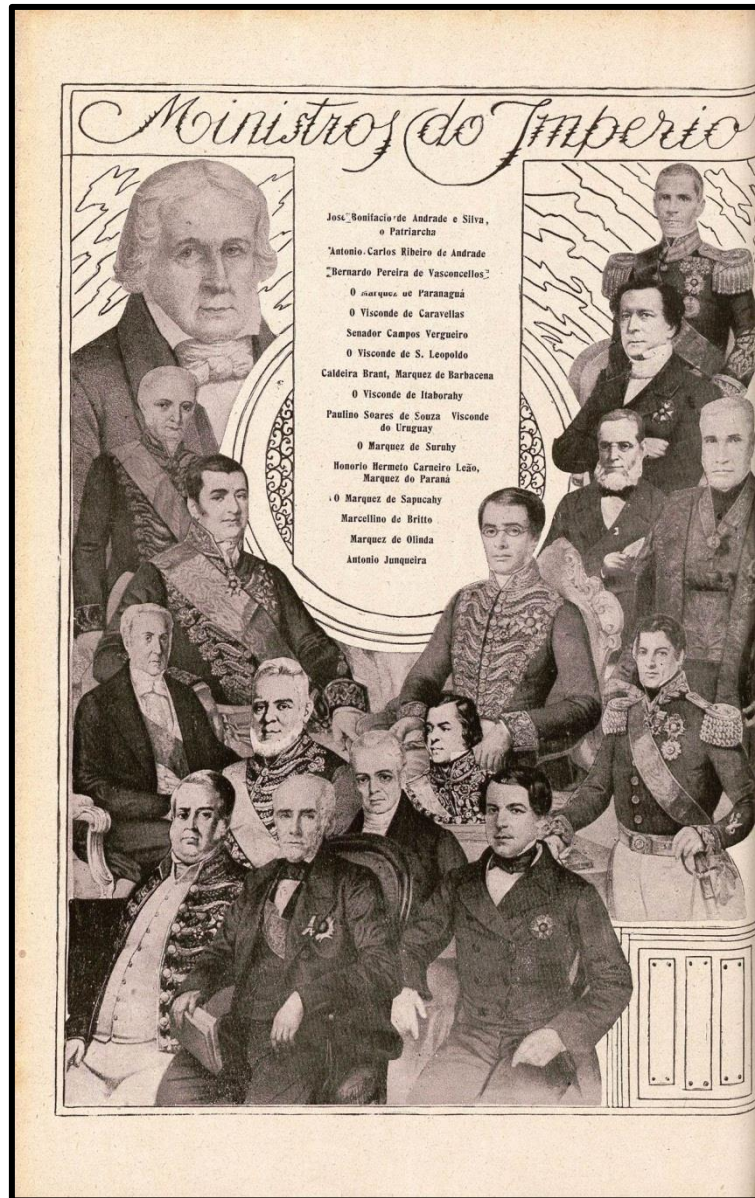


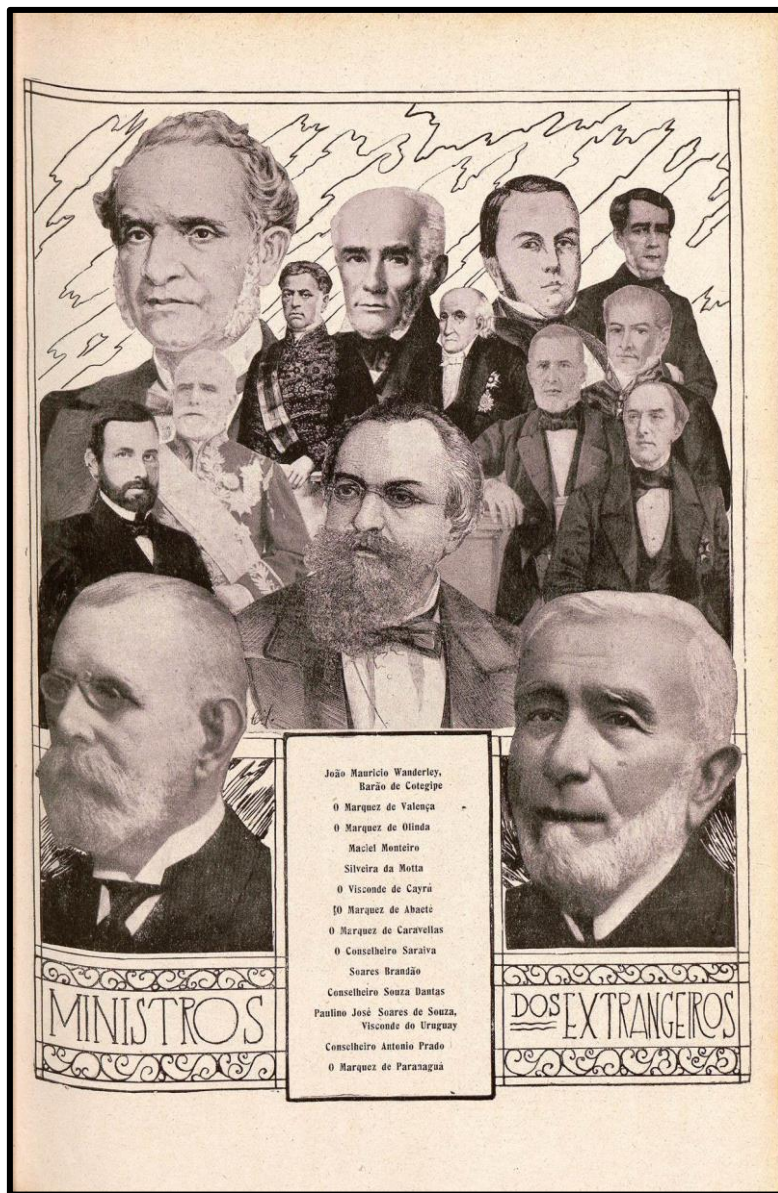


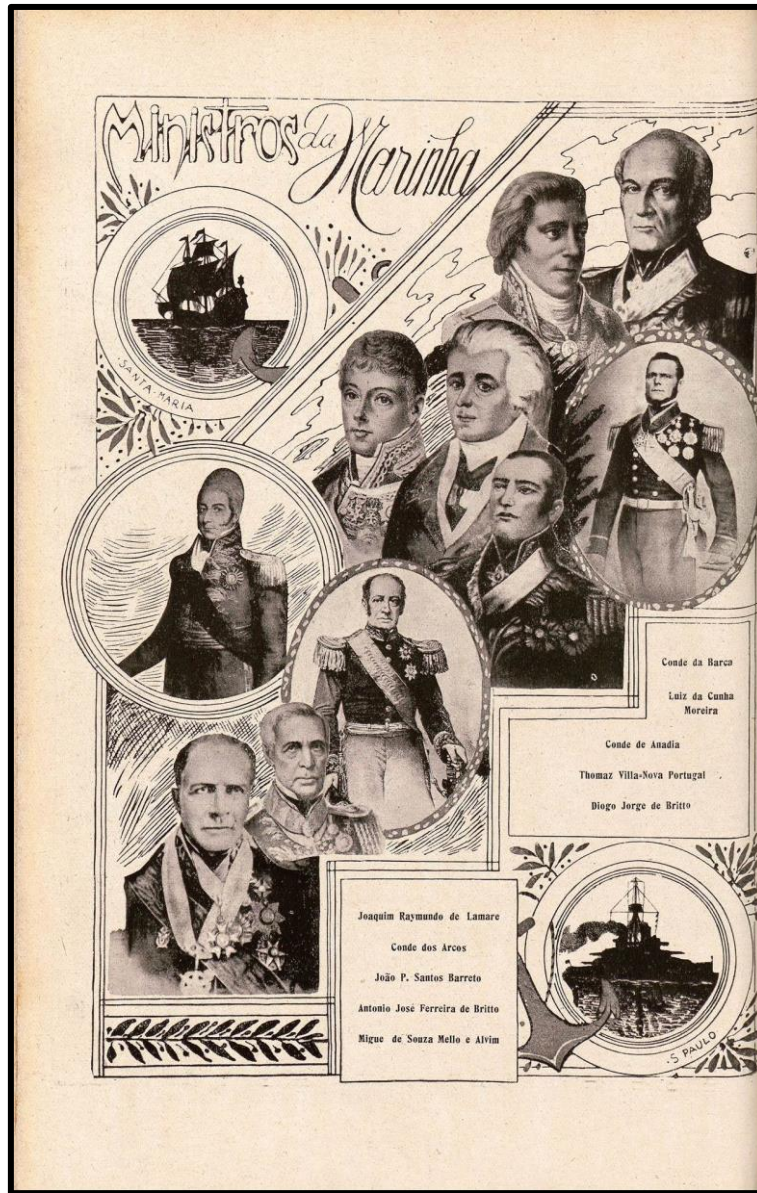
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

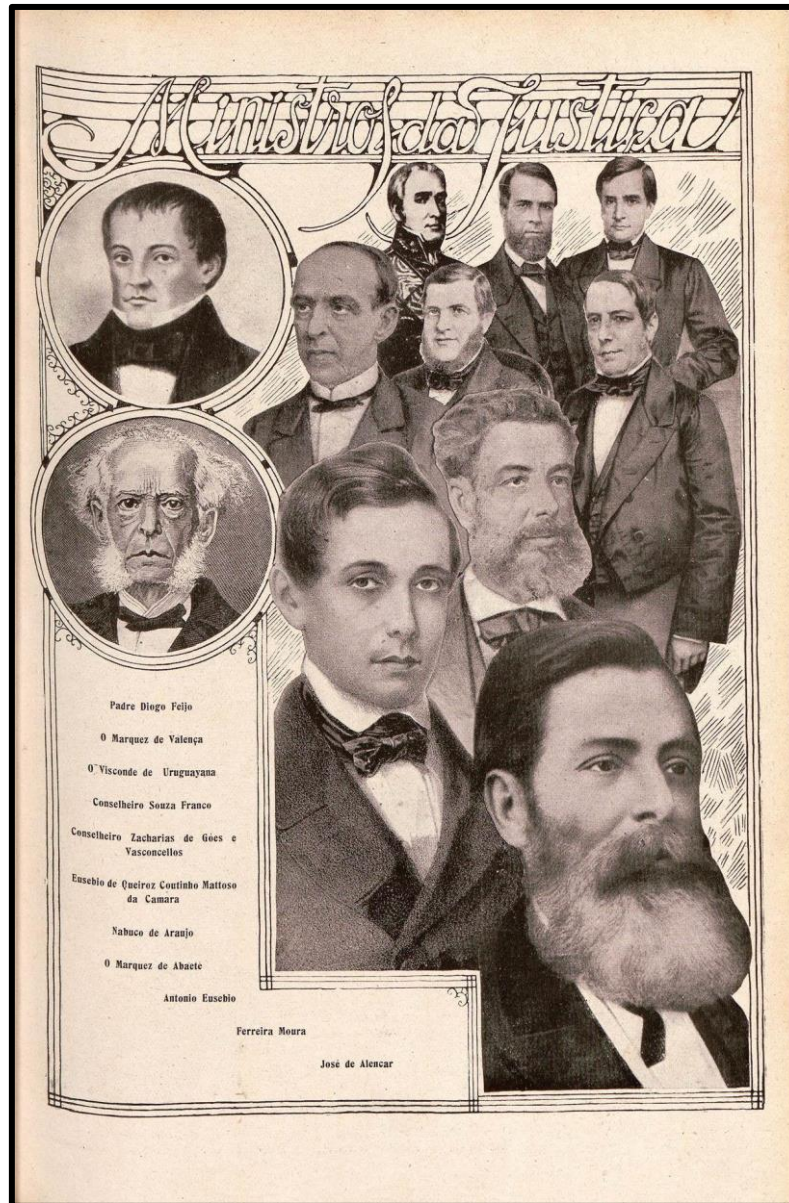




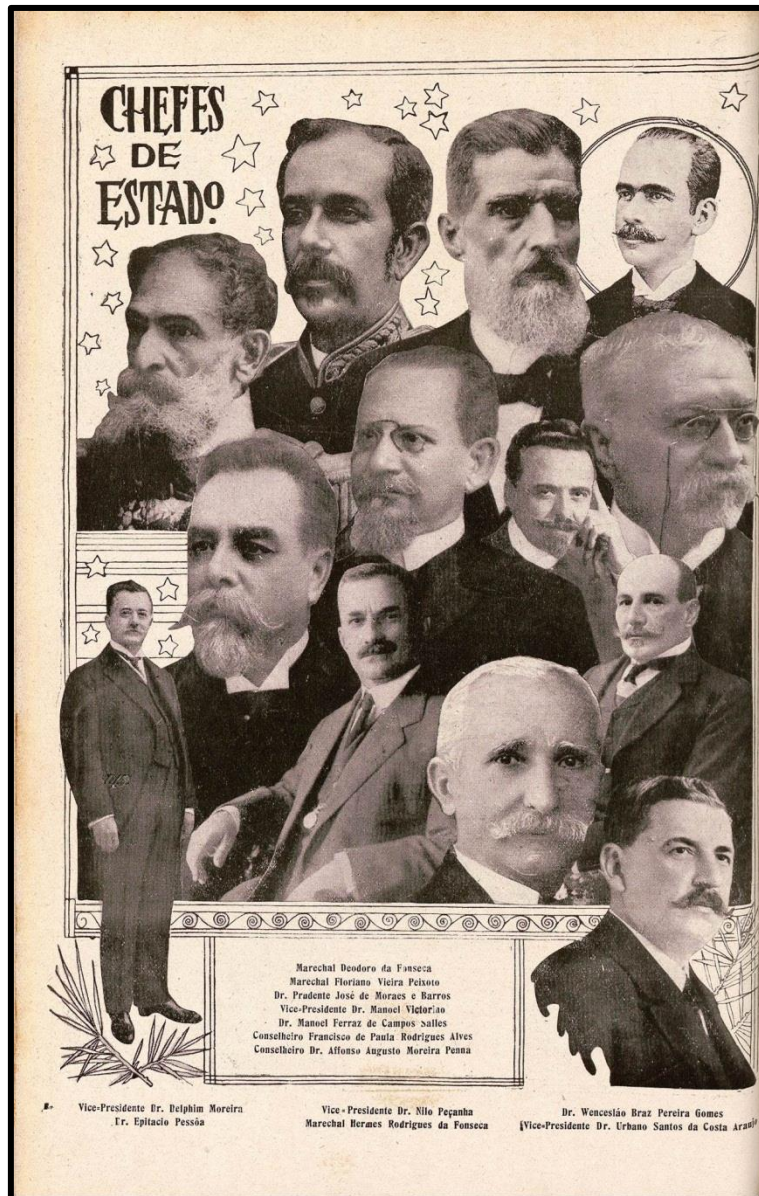








FRANCISCO DAS NEVES ALVES



No número seguinte, *Fon-Fon* apresentou a imagem da deusa/liberdade que depositava coroa de louros em coluna que homenageava o primeiro imperador, aparecendo ao fundo as bandeiras nacionais da época monárquica e da republicana. A revista destacava o afluxo de público às atividades comemorativas, as atividades dos “desportos do centenário”, como esgrima, tênis e corridas no Jóquei Clube, além de “representações esportivas” e ainda as comissões representativas de diferentes países. Também eram estampadas “a chegada da flotilha mexicana” e as “grandes comemorações”, bem como reuniões ocorridas em referência à efeméride, os “raides de aviação”, o “grande espetáculo de aviação”, o “início das grandes comemorações”, a “grande parada do centenário”, o “desfile das tropas nacionais” e “das tropas estrangeiras”, a “inauguração da grande feira internacional”, a “memorável revista naval”, as “provas atléticas latino-americanas” e a “recepção no Catete”. Em relação às edições comemorativas, a magazine avisava que, “devido aos grandes festejos do centenário da independência”, vira-se obrigada “a aumentar consideravelmente todos os serviços de reportagem fotográfica e de redação”, acreditando ter “certeza de ir ao encontro dos desejos dos numerosos e queridos leitores, dando-lhes um *Fon-Fon* três vezes maior do que ele era e o mais variado e interessante possível”. Tal atitude teria acarretado “grandes despesas de toda a sorte, sobretudo de papel”, o que obrigara o aumento do custo por exemplar para ajudar “temporariamente a sustentar essa ampliação”⁷.

⁷ FON-FON. Rio de Janeiro, 16 set. 1922.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



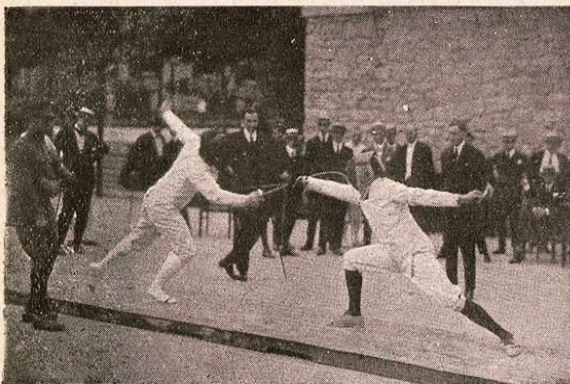
AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A banda mexicana



A celebre banda do Exército mexicano dando a sua primeira «retrêta» no Rio, á escadaria do theatro Municipal, onde recebeu enthuasticas ovacoes populares. Ao largo vê-se a multidão que enchia a praça Marechal Floriano, durante o concerto publico.

OS DESPORTOS NO CENTENARIO



Aspecto do embate preliminar de esgrima.

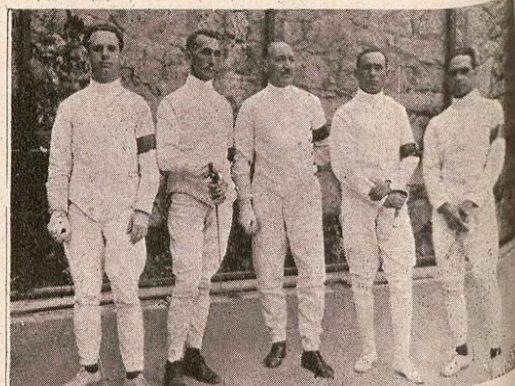
As provas iniciadas



Esgrimistas argentinos.

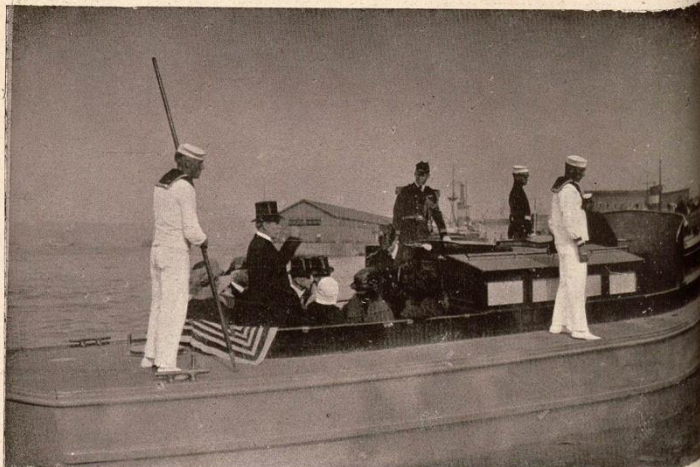


Concorrentes uruguayos e brasileiros, respectivamente.





A representação dos Estados Unidos

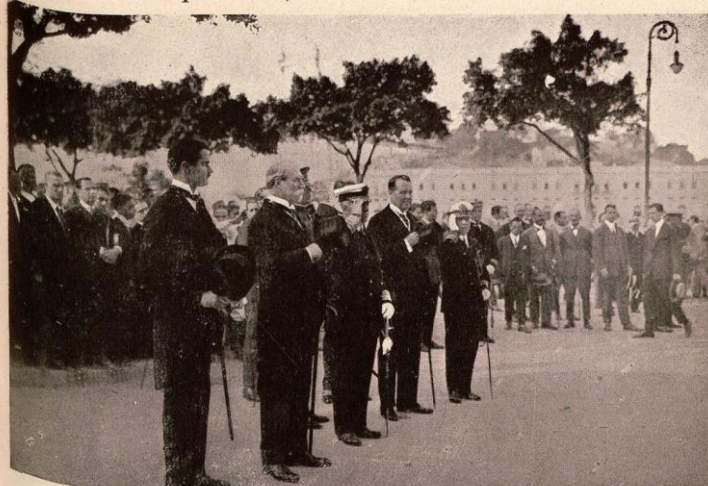


O Sr. Charles Evans Hughes na ocasião em que, após haver deixado o « Maryland », guiava, a bordo de uma lanchar de nossa Marinha de Guerra, para o ponto de desembarque.



Instantâneo do desembarque de Charles Hughes. O illustre secretario de Estado da America do Norte pisando a terra carioca nas dependências do Arsenal de Marinha.

A representação dos Estados Unidos



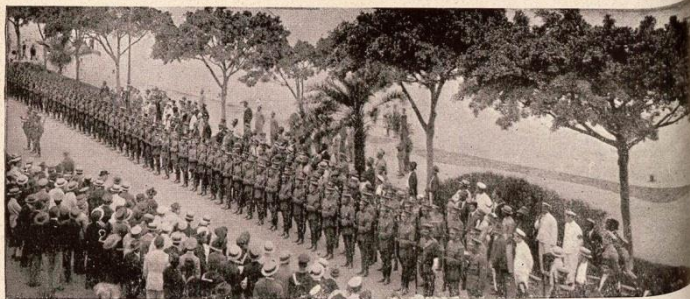
O Sr. Embaixador Charles Hughes logo após o desembarque, no cós do Arsenal de Marinha.

A representação do México



O Dr. José de Vasconcellos, Embaixador especial do México, depois de assistir ao desembarque dos cadetes de seu país. É o que está no centro, de chapéu na mão.

A chegada da flotilha Mexicana



Os cadetes da Escola Militar do Mexico formados no cães do Arsenal de Marinha, após o desembarque, ali realizam

O Mexico, paiz amigo e generoso, mandou a representacao nas festas do nosso Centenario uma lazaria e numerosa esquadilha, composta de 160 cadetes da sua Escola Militar, acompanhados do respectivo subdirector e officialidade, da banda musical do Estado Maior da Presidencia (50 figuradas), da orchestra typica «Torreblanca» (48 mu-



sicos) e de oito avistadores. Exercicio realizado a esta bordo da canoia «Nicaragua» e «Bravo» e do porte de guerra «Caballero». Na primeira parte da viagem, entre a ilha de São Paulo e a ilha de São Pedro, a esquadilha Mexicana realizou o exercicio de desembarque, em frente do Arsenal de Marinha.



Os cadetes da Escola Militar do Mexico formados em ordem de marcha, antes de deixar o cães do Arsenal de Marinha, onde se efectuou o seu desembarque.

As grandes comemorações



HOMENAGEM A FONCK — No Hotel das Palmeiras, no Corcovado, Santos Dumont ofereceu, ao notável avião francês René Fonck, um almoço em que tomaram parte vultos representativos da nossa sociedade, entre elles, os Srs. Senador Antonio Azeredo, Embaixador Costy, Deputados Costa Rego e Basilio Brandão e Commandantes Gago Coutinho e Saccadura Cabral, que se veem na photographia, ao lado do homenageado e do grande aviador brasileiro.



EMBAIXADOR BELGA — ^ brilhante recepção que a colonia belga offereceu, no Club dos Diarios, ao Sr. Adolphe Max, burgo-mestre de Bruxellas e embaixador especial de S.M. o rei Alberto nas festas do Centenario. Ao centro divisa-se, sentada, a figura nobre e respeitavel do eminente estadista belgo.



SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROLOGIA, PSYCHIATRIA E MEDICINA LEGAL — Na Colonia de Alienados do Engenho de Dentro: grupo de medicos e outras pessoas que tomaram parte no mesmo.

As grandes comemorações

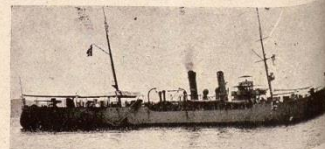


A HOMENAGEM DA UNIÃO CATHOLICA BRASILEIRA AO EMBAIXADOR DO VATICANO — O deputado Andrade Bezerra proferindo o notável discurso de sazação a mon-euhor Cherubini, que se vê ao centro, entre membros da Embaixada e representantes do clero brasileiro.

A Marinha estrangeira nas festas do Centenario



Os cruzadores « Iwate » (capitanea) e « Azama », da divisão naval japonesa, momentos depois de fundarem em nossa bahia. Do primeiro é commandante o Capitão de Mar e Guerra R. Ode; do ultimo, o Capitão de Mar e Guerra N. Shiraiski.



O cruzador japonês « Izumo », do commando do Capitão de Mar e Guerra G. K. Ozawara. Também faz parte da divisão nipponica, chefiada pelo Almirante N. Tamaguchi.

« Niloca Bravo », uma das unidades da Marinha do Mexico que constanzam a esta capital a divisão naval daquele paiz. Instantaneo aparahado logo após o ancoramento na bahia.



NA ASSOCIAÇÃO CHRISTA DE MOÇOS — Em homenagem ao Centenario, a Associação Christã de Moços levou a effeito, na sua sede social, á rua da Outarda, bella festividade civica, em que o dr. Theodoro Praxera fez importante conferencia sobre «O homem e a educação social». A photographia mostra um aspecto tirado momentos antes do inicio das númeras do programma.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES



O avião argentino Fels, piloto do «Mitre» que, em companhia do jornalista Jorge Piacentini, redactor de «La Nación», empreendeu o sensacional raid Buenos Aires-Rio, promovido pelo brilhante diário platino.

Os "raids" de aviação



A aviadora brasileira Srta. Augusta Pinheiro Machado ao lado do «Bandeirante», avião em que voou de São Paulo a esta Capital, onde chegou na penúltima sexta-feira, fazendo «atterrissage» no Campo dos Afonso. A photographia foi tomada momentos depois da sua chegada.



O Dr. Jorge Piacentini, companheiro de aventura de Theodoro Fels, o arrojado aeronauta argentino, piloto do avião «Mitre».

Grande espectáculo de aviação

Os azes francezes que representam a gloriosa aviação do seu nobre paiz nos festejos commemorativos do Centenario da nossa Independencia farão nestes proximos dias, uma grande demonstração no campo de corridas do Jockey Club.



O glorioso «Az» francez Fonck, vencedor dos allemães

O Cheiro

Fonck, o grande aviador francez de guerra, e Fronval, o *recordman* das acrobacias aereas, darão aos brasileiros o inimitavel espectáculo da sua portentosa maestria aerea.

Fonck é uma gloria viva da França Eterna. Elle deu, durante a grande guerra, mais de cincoenta combates, sahindo sempre victorioso. Nunca foi attingido pelos seus adversarios allemães.

Fronval conta na sua bellissima carreira de aviador 962 *loopings* espantosos, feitos sem parar uma só vez! E' o mais audaz aviador que se conhece e nunca até hoje poudo ser igualado.

A esse maravilhoso *match* de acrobacias



Fronval dando, «em secco», lição de acrobacia aerea a um piloto.



Fronval, o grande recoruman de acrobacia aerea no mundo.

batas do azul concorrerá o Rio de Janeiro em peso, mesmo porque o producto das entradas no Jockey Club reverterá em beneficio das nossas obras de beneficencia e de caridade.

Esse gesto generoso, profundamente francez, fará de cada um de nós um grande amigo de Fonck e de Fronval.

O INICIO DAS GRANDES COMEMORAÇÕES



O Sr. Ministro Shia Y-Ding, Embaixador Especial da China.



O Embaixador Especial do Paraguay, Coronel Miguel Rojas, que é, tambem, Ministro da Guerra de seu país, em companhia do Sr. Moisés Guacari, Ministro da Presidência daquella Republica.



O Sr. Eufrasio Loza, Embaixador da Argentina.

No palacio do Cattete, o sr. presidente da Republica concedeu, na tarde do dia seis, audiencias solennes aos embaixadores especiais estrangeiros enviados ao Rio no caracter de representantes dos respectivos paizes durante os festejos do Centenario.

Essa cerimonia, em que se verificou a apresentação das cartas credenciaes, marcou o inicio das comemorações.

O velho palacio das aguias, acolhendo, sob seu tecto respeitavel,

as figuras illustres e embaixadores delegados de paizes amigos, o aspecto modesto de suas normas, para assistir, e grave, ao abraço de homenagem que ao governo e aos brasileiros mandavam os chefes das nações estrangeiras.

Fôra, de par com a multidão se premia, tropas nacionaes, diam-se em filas, envergando meiro uniforme.



S. Ex. o sr. Charles Evans Hughes, Secretario de Estado da America do Norte e Embaixador Especial da grande Republica nas festas do Centenario.



O Embaixador Especial do Chile, Sr. Guilherme Saberscaux.



Sr. George Ficko, Ministro Representante da Alemanha e Representante daquella pais nas festas do Centenario.

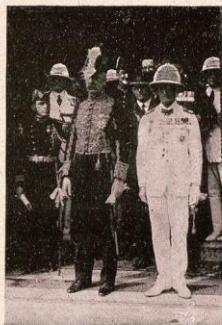


Sr. Adolphe Max, Burgomestre de Bruxellas e Embaixador Especial da Belgica.

O INICIO DAS GRANDES COMEMORAÇÕES



Duarte Leite, Embaixador de Portugal.



Sir John Tilley, Embaixador da Inglaterra.



O Sr. Ministro Antonio Buitrago, Plenipotenciario da Espanha.



Monsenhor Francisco Cherubini, Embaixador Especial do Vaticano.



O Embaixador francez, Mr. Alexandre Roberto Conty e Sr. Ministro François Crosier.



José de Vasconcellos, Embaixador Especial do México.

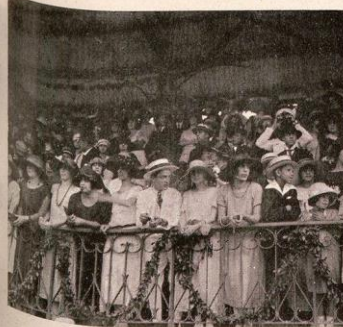


O Sr. Ministro Kuma Horigouchi, Embaixador Especial do Japão.



O Sr. General Enrico Caviglia, Embaixador Especial da Itália.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES



Famílias assistindo, do pavilhão de honra, no Campo de São Christovam, ao desfile das tropas.

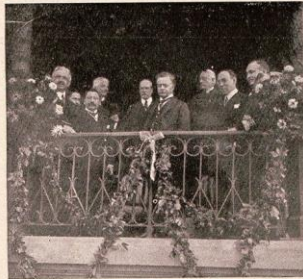
A grande parada do Centenario



O desfile militar do dia sete, no Campo de São Christovam, foi de tal modo empolador e espectacular, que se torna, por isso, indescriptivel.

Faltando no esplendor polychromatico de fardas reluzentes, soldados de infantaria, cavalariáns e artilheiros do nosso Exército e Marinha; guerreiros mexicanos, bronzeos e fortes; americanos, marinheiros norteafricanos, japonezes, uruguayos e portuezes desfilavam, quaes estelios brilhantes, ante os olhos extasiados da multidão que, febre e delirante, os aclamava.

Na magestosa cerimonia militar via-se, grandiosamente resplandecida na alegria geral dos soldados e do povo, o affecto reconfortante das nações ami-



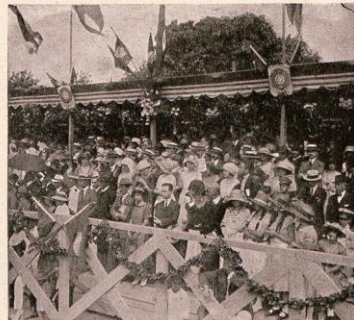
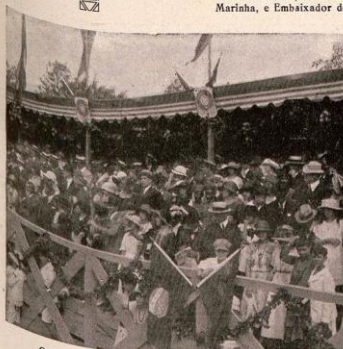
O dr. Eptacio Pessoa no pavilhão de honra assistindo, depois da revista, ao desfile das forças. Ao seu lado vêm-se entre outros, o dr. Pandá Calogeras, dr. Davrie Leite, sr. Charles Hughes, monsenhor Cherabini, dr. Veiga Miranda e sr. Torre Diaz, respectivamente, Ministro da Guerra, Embaixador Portueze, Embaixador Extraordinario dos Estados Unidos, representante de S. Santidade, Ministro da Marinha, e Embaixador do Mexico.

gas, que nos distinguiram e honraram com as suas representações nas nossas festas maximas.

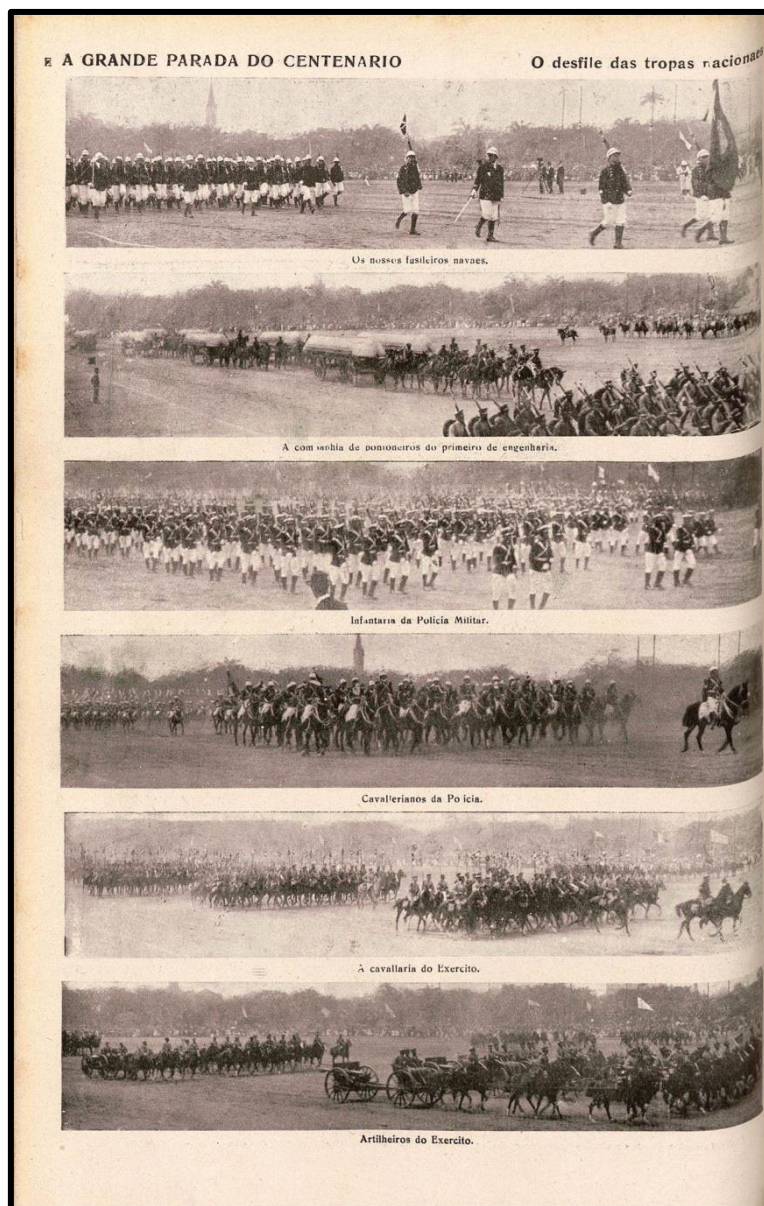
E o toque dos clarins, e o aparato bellico, e o garbo marcial das tropas, ao envez de representar ensaios de campanha, que a tanto vem ser uma formatura, encarnavam a paz soberana e doce que nos conforta e eleva nesta hora magna.

Bellos espectaculos, que hão de ficar para sempre memoraveis nas paginas da historia patria!

As photographias que estamos a esse respeito melhor do que as palavras falam da excepcional commemoração militar.



Outros aspectos da assistencia. Instantaneos rapanhados no pavilhão de honra do Campo de São Christovam, na manhã do dia sete.



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A grande parada do Centenario



A companhia de carros de assalto, ultimamente creada no Exército.



Automovel blindado.



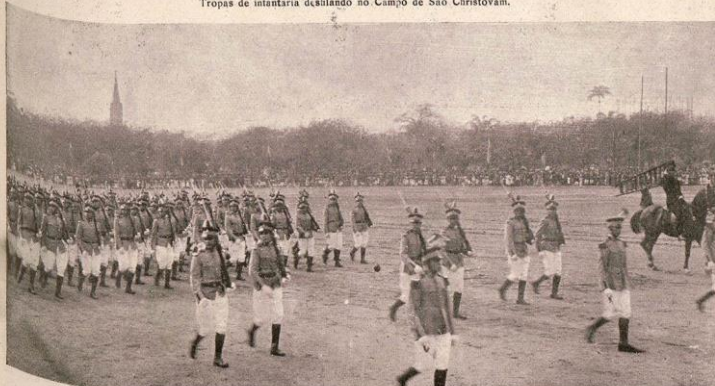
A carga final de cavallaria.



Carro de assalto.



Tropas de infantaria desfilando no Campo de São Christovam.



Alunos do Collegio Militar em garboso desfile pelo Campo de São Christovam.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A grande parada do Centenário



O desfile dos marujosinglezes, no Campo de São Christovam.

☒
O espectáculo grandioso e imponente da grande parada militar com que, na manhã do dia da Independência, as forças brasileiras, de terra e mar, e contingentes de tropas estrangeiras fizeram a comemoração da notavel data, foi



☒ S. Ex. o Sr. Presidente da Republica na occasião em que, acompanhado do Sr. Ministro da Guerra e do general Hastimpillo de Moura, chefe de sua Casa Militar, deixava o pavilhão do Campo de São Christovam, após a parada.

☒ como raras vezes temoámos oportunidade de contemplar. Uma multidão de cerca de trezentos mil pessoas vibrando num entusiasmo unico, empolgante e sobebbo, e de uma satisfação communicativa e franca.



Os cadetes mexicanos formados, durante a revista.



☒ Marinheiros argentinos desfilando.

A GRANDE PARADA DO CENTENARIO

O desfile das tropas estrangeiras



Marujos japonico s.]

que os semblantes alacres e sorridentes denunciavam, acorreu ao campo de São Christovam, enchendo-o literalmente e espalhando-se ainda pelas ruas proximas. E tal foi o delirio popular, tamanho o entusiasmo dos brasileiros, que os estrangeiros, até, tocados do



Marinheiros uruguayos.

mesmo sereno transporte de alegria, ardentemente, como se estivessem em sua propria terra, ovacionavam com o nosso povo, numa solidariedade excepcional e confortadora, os luzidos militares que ante seus olhos deslumbrados desfilavam garbosos.



O contingente naval dos Estados Unidos.



Marujos portugueses.

AS GRANDES COMEMORACOES

A inauguração da grande feira internacional



O Pavilhão das Festas no momento da inauguração.



Aspecto interno da Exposição, na ocasião da visita inaugural do Sr. Presidente da Republica, na tarde do dia seis.



A porta principal, após a inauguração. A' direita ergue-se o perfil soberbo do palácio Mourão.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A inauguração da grande feira internacional



O Chefe da Nação deixando o Pavilhão das Festas, em companhia de altas autoridades.



S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, depois de inaugurar o Pavilhão da Inglaterra, ao lado do Sr. Embaixador Tilley.

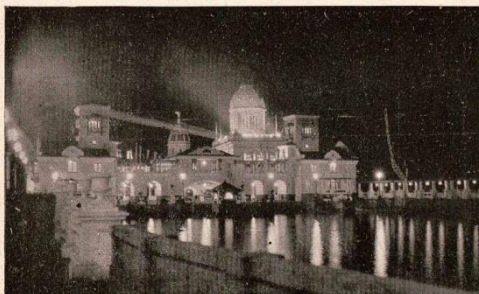


O Sr. Dr. Epitácio Pessoa na visita de inauguração ao Pavilhão da Dinamarca.

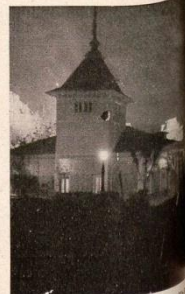


No Pavilhão da França, após a inauguração. O Sr. Presidente da Republica entre o Embaixador daquelle paiz e demais membros da Missão Extraordinaria Franceza.

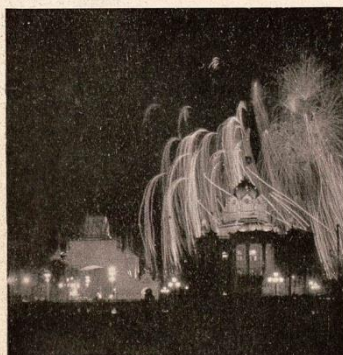
A GRANDE FEIRA INTERNACIONAL



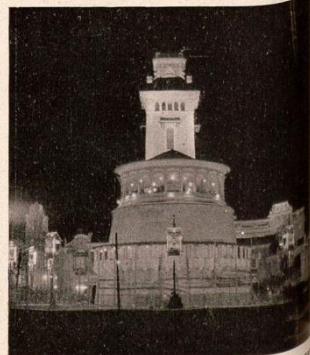
Pavilhões de Caza e Pesca.



Torre da Exposição.



Entrada principal do Montebello, na noite de serem queima los em suas immediações fogos de artifício de bello effeito luminoso.



Outro aspecto do Pavilhão das Grandes Industrias, em que inferior se ergue, imponente, a Torre da Exposição.



Trecho da Avenida das Nações que principia na praia de Santa Luzia.



Aspecto da parte interior.

Nas vespéras da inauguração



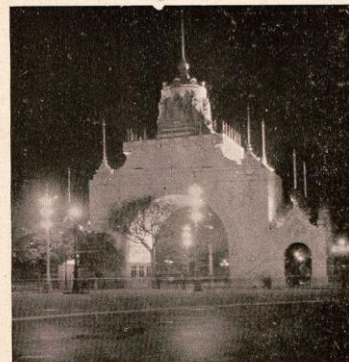
Pavilhão das Indústrias.



Pavilhão das Festas.



Um belo e deslumbrante efeito de fogos de artifício, lançados nas proximidades do Pavilhão Mourão.



Entrada Principal da Exposição, no ponto terminal da Avenida Rio Branco.



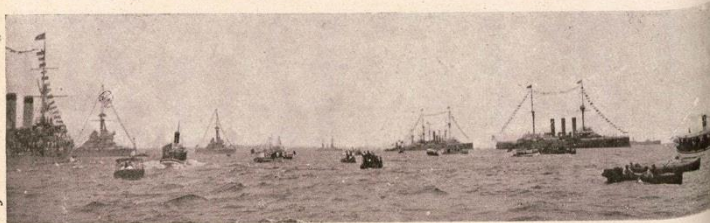
Pavilhão das Festas no Mercado Municipal.



Outro trecho da Avenida das Nações, aparecendo ao fundo o Pavilhão dos Estados. Vê-se no primeiro plano a capela luminosa da Torre das Joias.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

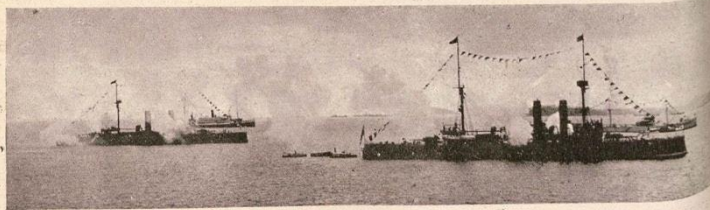
A memoravel revista naval



Os vasos de guerra nacionaes e estrangeiros que tomaram parte na revista, alinhados para a mesma.



Aspecto da nossa bahia, durante a grande revista naval do ultimo sabbado. (Photographia apanhada, de um avião da Esccia Naval, pelo Tenente Xiu-B).

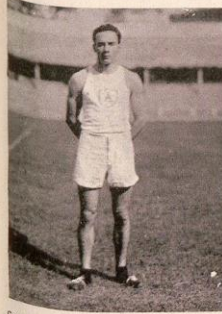


Instantaneo da revista naval, no momento em que os navios salvavam.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

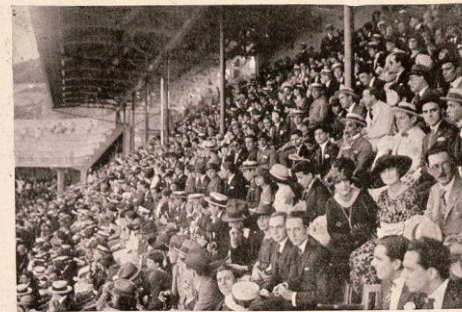
As provas athleticas latino-americanas



Continuam Domingo, no Stadio da Fluminense, os jogos athleticos latino-americanos da serie organizada para a comemoração do Centenario. A concorrência foi regular e as provas decorreram animadas. As photographias mostram alguns aspectos das archibancadas, vendo-se na primeira



na comissão de jornalistas estrangeiros que acompanha os festejos. Ao alto: De Negri, argentino, vencedor da segunda prova — Corrida ras e



com metros. Ao centro: O vencedor da corrida de barreira, de 110 metros, Guilherme Neroberny, argentino. Em baixo: Os principais vencedores da prova final de lançamento de dardo. O do centro é Willy Scewald, brasileiro, que conquistou o primeiro logar.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

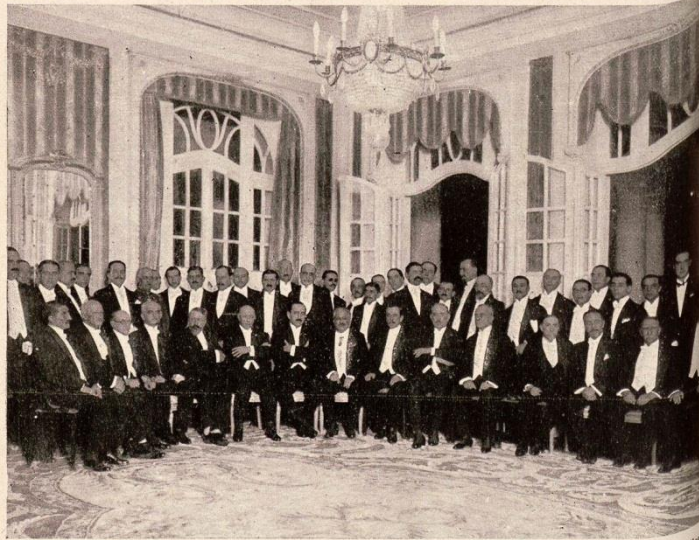
A recepção no Cattede



Dois aspectos da recepção no Palacio do Cattede, dada pelo Sr. Presidente da Republica aos Embaixadores Especiales ás festas do Centenario. No primeiro, veem-se o Sr. Ministro da Marinha e senhora Veiga Miranda, a esposa do Ministro da Dinamarca e o secretario de Embaixador Castiello Branco Clark. No segundo, o Sr. Presidente da Republica está no primeiro plano, vendo-se em redor delle o Ministro da Bolivia, o ministro da Espanha, o secretario do Estado Hughes, a senhora Epitacio Pessoa, varias Senhoras Embaixatrizes e Monsenhor Cherubini, Embaixador do Papa.

TUDO NOS UNE E NADA NOS SEPARA

Expressiva homenagem argentina



No Hotel Gloria, na noite de domingo, os membros da Universidade de Buenos Ayres que ora nos visitam ofereceram aos seus collegos da do Rio de Janeiro amigavel banquette de homenagem que constitua uma cerimonia simples, mas immensamente significativa e lícita: um abraço de confraternização entre expoentes do saber humano, velhos confrades de espirito que se estreitaram na mais confortadora e intensa fraternidade. O acto decorreu desprentenciosamente e agradavelmente noma das multiplas e luxuosas dependencias refulgorias do grande hotel, toda decorada de lindas e artisticas ornamentações, a que a deslumbrancia de luzes emprestava uma feerie encantadora. A photographia mostra que tomaram parte no banquette, figurando na mesma o prof. José Arce, o dr. Eufrasio Loza e o conde de Alfonso Celsa, respectivamente Rector da Universidade de Buenos Ayres, Embaixador da Republica Argentina e Director da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, além de outros.

OS DESPORTOS NO CENTENARIO

A corrida de domingo, no Jockey Club



«Lizete», a vencedora do «Grande Premio Ypiranga», montada pelo jockey D. Suarez.



S. Ex. o Sr. Presidente da Republica chegando ao Prado do «Jockey-Club».



Instantaneos da assistencia ás empolgantes corridas.



Aspecto do Prado do «Jockey-Club» por occasião da festa de domingo.



«Evil Eye», o vencedor do «Grande Premio Independencia», montado pelo jockey A. Grassi.

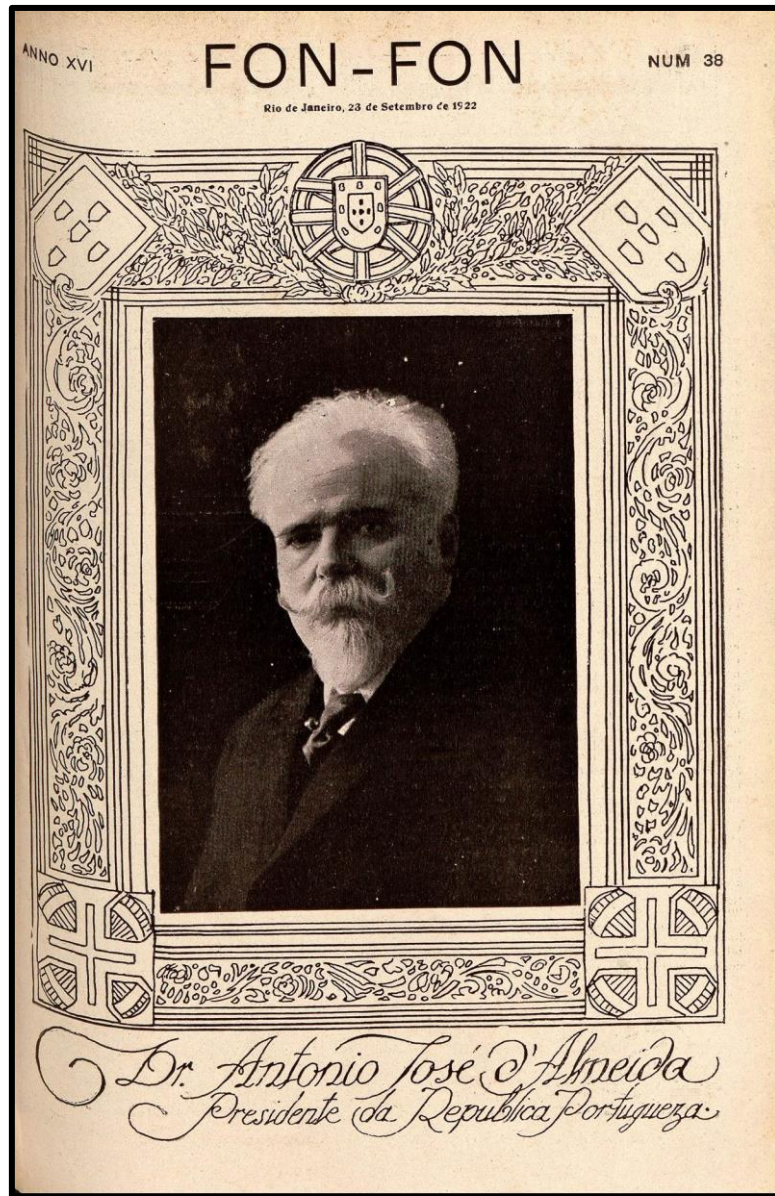
Foi deitras encantadora a festa hipica realizada domingo, no Prado do «Jockey-Club», que regorgitou de familias e foi honrado com a presença do Sr. Presidente da Republica, do mundo official e de altas personalidades estrangeiras ora em missão especial entre nós. A grande corrida não quanto ás apostas como no que tocou aos attractivos da brilhantissima festa, que constituia, por isso, um acontecimento notavel para a historia do hippismo brasileiro.

O ardor patriótico predominava em mais uma das edições festivas ao centenário, com a presença de um porta-bandeira que trazia um descomunal exemplar do estandarte nacional. Nesse número houve uma especial atenção para com o Presidente da República Portuguesa, os bailes transcorridos no Rio de Janeiro, homenagens à oficialidades estrangeiras, além de diversas cenas da Exposição do Centenário e “gestos de civismo”, com homenagens realizadas frente ao monumento que homenageava D. Pedro I e os “desportos no centenário”, com atletas da natação e os “jogos internacionais navais”, a “abertura solene das olimpíadas latino-americanas” e a “brilhante parada infantil”, com diferentes representações⁸. Já ao final do mês, um outro número. apresentava à capa um foguetório sobre o ambiente da mostra alusiva à efeméride, ao passo que no conteúdo aparecia o encontro entre Portugal e Brasil, representado pelos seus chefes de Estado, trazendo igualmente o “grande concurso hípico do centenário”, os “desportos no centenário” e o “monumento dos irmãos Andradas em Santos”. A respeito do público que frequentava a exposição, a revista dizia que “os festejos trouxeram à capital um tipo novo e moderno que a gíria chamou o ‘centenário’”. Tal figura seria representada pelo “provinciano que veio ver as festas, as comemorações cívicas”; ou ainda “o cavalheiro basbaque, que olha para tudo com o pasmo dos que nunca viram e a exclamação dos que nunca saíram do lugarejo onde viveram sempre”; o que tudo olhava com “pasma e emoção”, enquanto lhe batiam a carteira; e também aquele “que se enfiota todo da cabeça aos pés”⁹.

⁸ FON-FON. Rio de Janeiro, 23 set. 1922.

⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 30 set. 1922.





AS GRANDES COMEMORAÇÕES

O baile da Embaixada do Uruguay



Foi uma festa sumptuosa e sobremaneira brilhante o baile que o Embaixador Especial do Uruguay, Sr. Asdrubal Delgado, offerrecen, no dia 13, á sociedade carioca e ao Corpo Diplomático permanente e delegação estrangeiras extraordinárias. Elementos distintos da nossa mais nobre sociedade, incluindo a Exma. Esposa do Sr. Presidente da Republica, estiveram presentes á linda festa, estendendo de encanto e de graça o bello palacete da rua Cavalho Monteiro, sede da legação uruguaia. Tambem compareceram todos os Embaixadores Especiais que entre nós se encontram e mais os Ministros permanentes, altas autoridades brasileiras e officiaes de terra e mar. A photographia mostra um grupo de distintos convidados.



Outro grupo de pessoas presentes ao baile da Embaixada Uruguaia.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

Homêragem á officialidade do "Moreno"

Rabiscos

No céu, uma multidão que se apinha e se acotovelava. Há um ranger de ferros dos guindastes. Malas que sobem. A última carga é a carga final. A lembrança dos que veem os olhos do transatlântico, amarrado a grosso cabos, o costado de pranchas flutuantes, parece impassível a dansa das ondas. Súbto um apito estridente. Afrousam-se os de vozes. Braços que se segalam, e há pés que se movem. A grande nave desce lentamente. Do lado, amigos dizem a despedida — quem parte leva saudades, quem fica saudades tem. Já os se perde na fante de bordo. A multidão, no céu, se poucos se desfaz. Mas há ainda dois que se despedem. A emoção os imobiliza-lhes os gestos. Os braços ficam no ar, parados, enquanto o vento acolta os brandos. Quanto se desloca, quanto se desloca, quanto se desloca. Epilogo talvez de algum romance, prologo de um trabalho desbrochando no varejo de uma lenda de amor...



Os officios do cruzador «Moreno» presentes ao baile que a Embaixada Argentina lhes offereceu no Hotel S. de Setembro, na noite de 13.



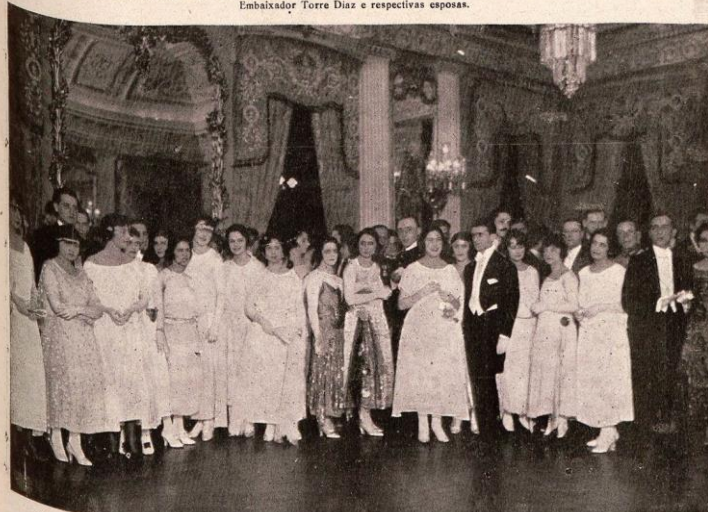
Senhoritas e cavalheiros que tomaram parte na festa.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

O baile do Itamaraty

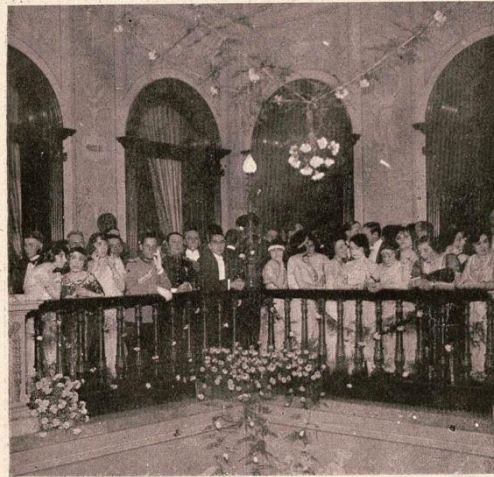


Aspecto de um dos salões do palácio do Itamaraty na noite em que ali se realizou o baile oferecido pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores e Embaixadas Especiais Estrangeiras nas festas do Centenário. Vê-se, além de outros, o Dr. Azevedo Marques, Embaixador John Tilley, Embaixador Torre Diaz e respectivas esposas.



Outro salão do Itamaraty por ocasião do grande baile do dia 14. Senhoras, senhoritas e cavalheiros que tomaram parte na festa.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES



Senhoras, senhoritas e cavalheiros, convidados do Sr. Ministro Azevedo Marques, apreciam, de uma das varandas internas do Itamaraty, o deslizar dos pares, no salão, em baixo.

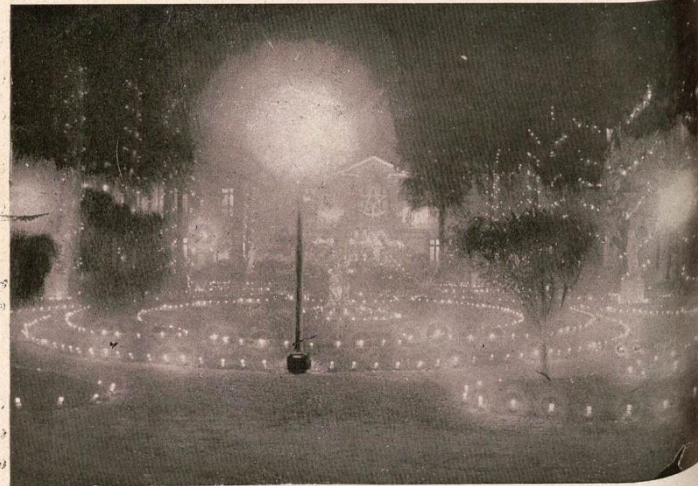
O baile do Itamaraty

Uma das notas sociais que melhor brilho e mais significação apresentaram aos grandes acontecimentos dos primeiros dias das festas máximas foi, sem dúvida, o grande baile que o Sr. Ministro das Relações Exteriores deu no Itamaraty, em homenagem aos baixadas especiaes estrangeiras.

O velho palacio da rua Marechal Floriano Peixoto, vistosa e profusamente ornamentado, apresentava, interior e exteriormente, um aspecto deslumbrante de seus detalhes mais solennes. Estava, igualmente, muito illuminado, vendendo desde a porta principal até as galerias, pendendo de candeieiros luxuosos, flores naturaes que produziram magnifico effeito de decoração.

A festa, que se prolongou, admiravelmente, até as primeiras horas da madrugada, esteve impoentemente revestido-se de um brilho excepcional. Fulgiam, por todos os condicionaes salões do Itamaraty, envolto com um tom suave de cordialidade e de prazer, o luxo, a imponencia e a distincção de larga escala. Estiveram presentes, alem de elementos dos mais selectos da nossa melhor sociedade, em que figurava a Sra. Espinosa Pessoa, todos os Embaixadores especiaes ora nesta capital, e o diplomatico acreditado entre o mundo official estrangeiro, lustres, etc.

Foi, incontestavelmente, um acontecimento excepcional.



espectacular e deslumbrante illuminação do parque do Itamaraty, na noite da grande festa social que alli ultimamente se effectou.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

O baile a bordo do "Hood"

Oferecido pelo Sr. Almirante Cowan, Comandante da divisão inglesa que veio representar a esquadra britânica nas festas do centenário, as autoridades brasileiras e aos chefes das Embaixadas estrangeiras, reali-ou-se a bordo do couraçado capitanea "Hood", quando ainda em nosso porto, um almoço em que tomaram parte o Sr. Azevedo Marques, Ministro das Relações Exteriores, e Sra.; o Sr. Noah Tilley, Embaixador da Grã-Bretanha, e Sra.; Monsenhor Francisco Cherubini, Embaixador Especial da Santa Sé; Monsenhor Angelo Gasparri, Nuncio Apostolico; Embaixador Morgan, dos Estados Unidos; Sr. e Sra. Duarte Leite, Embaixador e Embaixatriz de Portugal; Sr. Alexandre Conty, Embaixador Francez, e Sr. Cruçaga, Embaixador do Chile.

Saudando os convidados, produziu ligeiro porém caloroso discurso o Sr. Almirante Cowan, que recebeu, ao deoiois, parabéns e agradecimentos dos presentes.

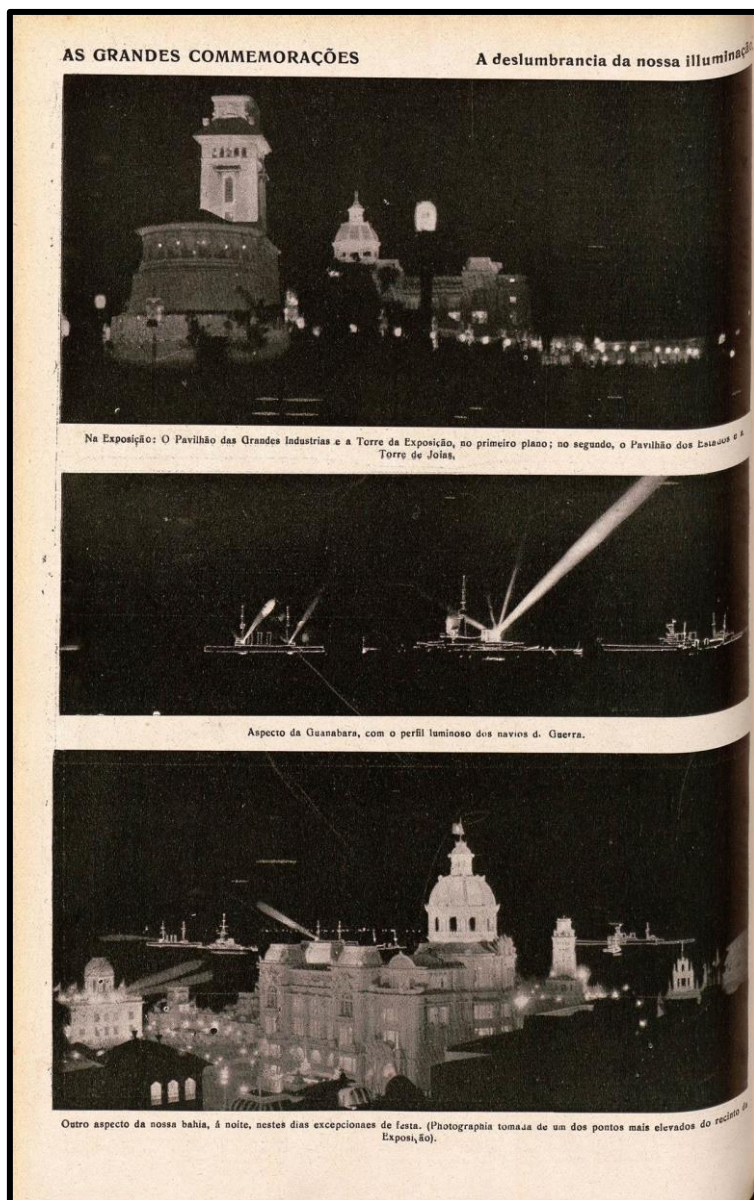
Então, após o almoço, visitaram, demoradamente, toda a grande unidade de guerra britânica, cujas modernas instalações e aperfeiçoados armamentos admiraram, recebendo, da parte de toda a officialidade, solícita demonstração de cordialidade, que os deixou sobremaneira bem impressionados.



Durante o baile, no tombadilho da grande unidade naval.



Alguns dos convidados em amistososa palestra, durante a festa.



OS GESTOS DE CIVISMO

Uma homenagem sobremaneira carinhosa e que, por isso mesmo, mais veio solidificar os laços de confraternidade entre os dois paizes, acaba de prestar ao Brasil a Associação Nacional Pro-Patria da Republica Argentina, fazendo collocar uma placa de bronze no pedestal da estatua do proclamador da nossa emancipação politica, o Sr. D. Pedro I.

Assim é que, na manhã do ultimo sabbado, ainda quando o movimento na cidade era pouco intenso e sobre os ramalguns anônimos sem residencia, chegavam áquelle local o immediato do couraçado *Mozambique*, Capitão de Fragata Frederico Bononi, e a officialidade da alludida unidade de guerra argentina, afim de dar desempenho á missão de que estavam incumbidos.

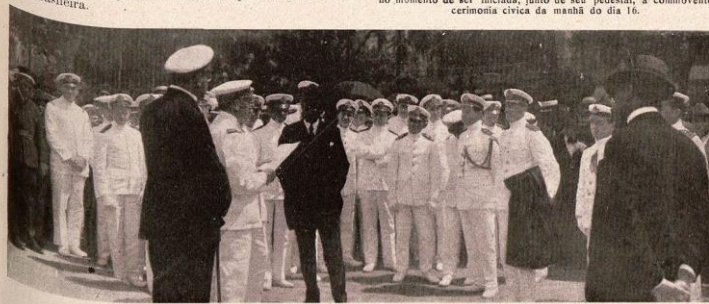
E ante o monumento do primeiro imperador do Brasil que, magestoso, se ergue na tradicional praça do Rio de Janeiro, os mensageiros do abraço generoso da associação patriótica da nação amiga se descobriram reverentes, abrimos e eloquentes, proferiu, em castelhano, algumas linhas interpretando o sentimento de amizade da municipalidade do mundo feminino da grande acção do Prata que surgira a idéa de Associação Nacional Pro-Patria da Republica Argentina.

Fallou da sympathia, do affecto reconfortante que trahe a unidaes dos dois paizes e terminou dizendo que aquelle gesto dos desejos e votos ardentes da mulher do seu paiz e pelo engrandecimento sempre crescente da terra brasileira.

Homenagem da mulher argentina ao Brasil



O monumento do primeiro soberano do Brasil, á praça Tiradentes, no momento de ser iniciada, junto de seu pedestal, a commovente cerimonia civica da manhã do dia 16.



O Sr. Commandante Bononi profirindo o seu bello discurso, junto á estatua de Pedro I.



A placa de bronze offerecida pela Associação Nacional Pro-Patria da Republica Argentina. Os dizeres de sua inscripção têm esta traducção: «A Associação Nacional Pro-Patria de Senhoras e Senhoritas da Republica Argentina á Nação Irmã, no primeiro centenario de sua Independencia».

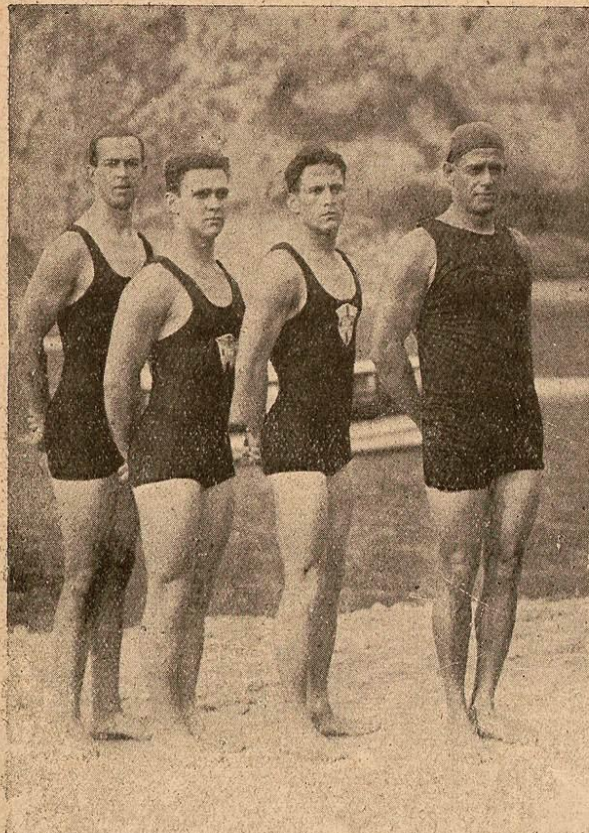
O orador teve as suas derradeiras palavras abafadas por calorosa salva de palmas, partida da multidão que então já rodeava a estatua.

O Sr. Dr. Carlos Sampaio, Prefeito Municipal, discursou depois, respondendo á oração do Commandante Bononi e agradecendo, em nome do governo brasileiro, a homenagem da mulher argentina.

Em seguida foi collocada a placa.

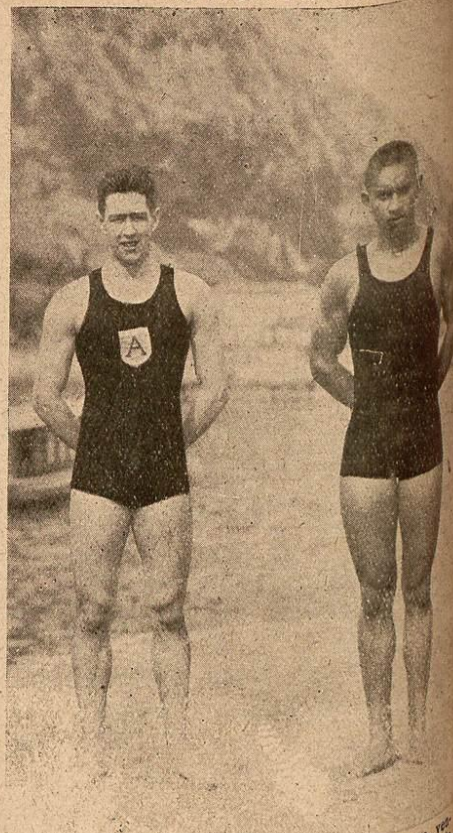
A Ordem do Sol — Registramos com prazer que os representantes da Republica do Perú, nas demonstrações dadas ao nosso paiz por motivo do Centenario da Independencia, não esqueceram nosso redactor-chefe, velho amigo daquella nobre nação, o dr. Gustavo Barroso. Sabbado ultimo, á tarde, no Hotel Gloria, o sr. dr. J. M. Salazar, Embaixador Especial do Perú, condecorou o sr. dr. Gustavo Barroso, em presença do sr. Ministro Cesar Elguera, Sub-Secretario das Relações Exteriores daquelle paiz, com a commenda da Ordem do Sol, instituida ha um seculo por San Martin e restabelecida no Centenario da Independencia Peruana.

OS DESPORTOS NO CENTENÁRIO



Os nadadores brasileiros Jorge Mattos, Abraham Salitre, Adhemar Serpa e José Mesquita, que venceram a prova «Relay-race», 19.ª, nado livre, de 800 metros.

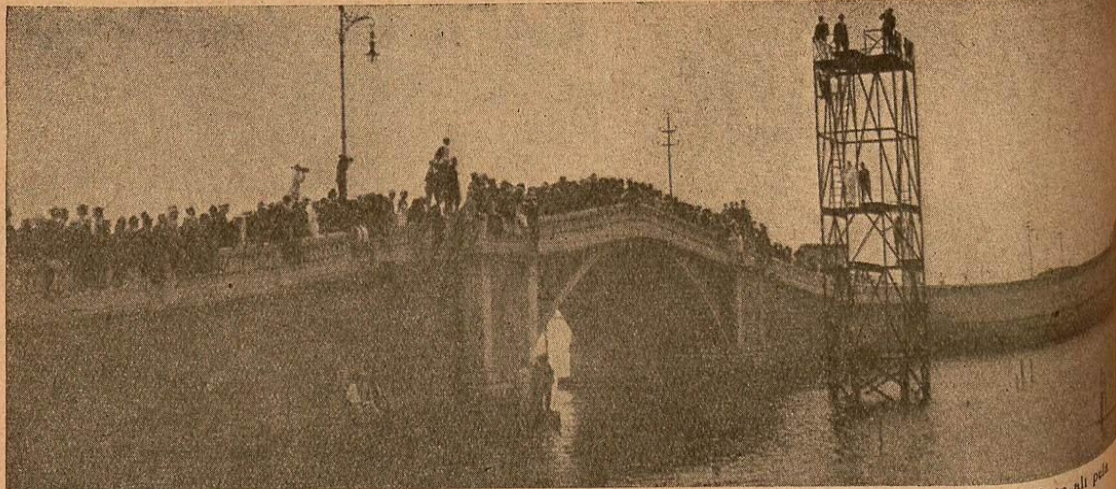
As provas finais de natação



Isidoro Cruz, brasileiro, e Cesar Vasquez, argentino, vencedores, em primeiro e segundo lugar, respectivamente, da prova «Nado a la brasse».

OS DESPORTOS NO CENTENARIO

Os jogos internacionaes navaes



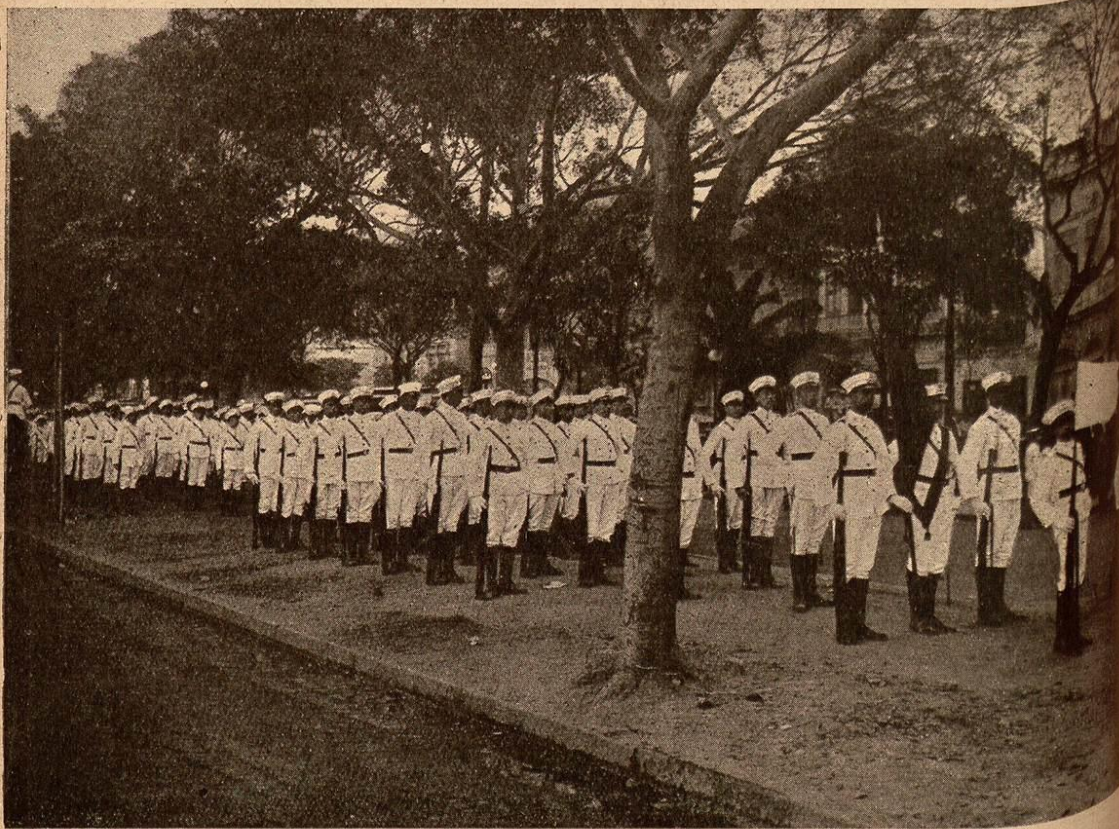
Aspecto da piscina da Praia Vermelha por occasiao de uma das ultimas provas aos jogos internacionaes navaes, levados a effeito alli pela Liga de Sports da M--inha.



Um curioso salto n'agua, de difficil execucao.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A brilhante parada infantil

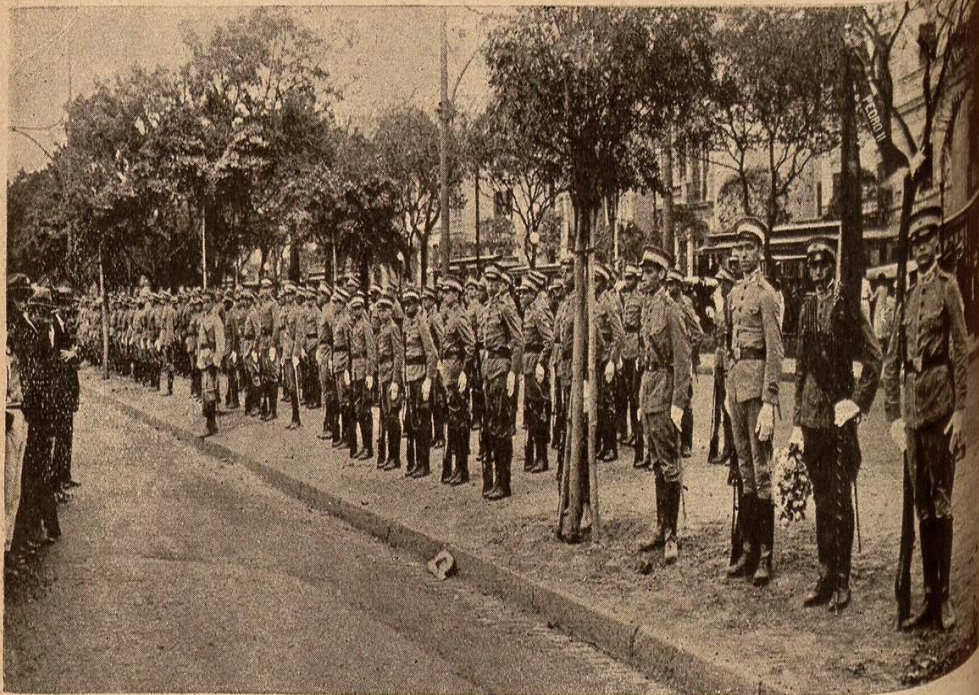


Os futuros defensores do Brasil que o conceituado Collegio Paula Freitas proveitosamente educa.



AS GRANDES COMEMORAÇÕES

A brilhante parada infantil



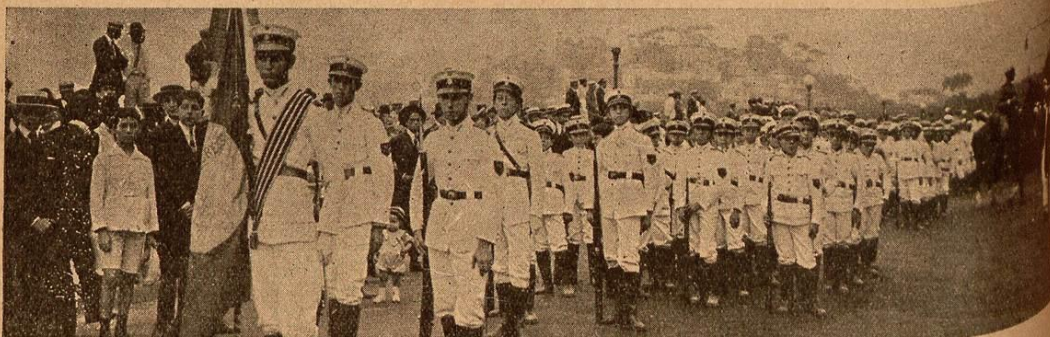
Os alunos do Collegio Pedro II que tomaram parte na formatura do dia oito, e em que conquistaram um lugar de abonador destaque.

AS GRANDES COMEMORAÇÕES

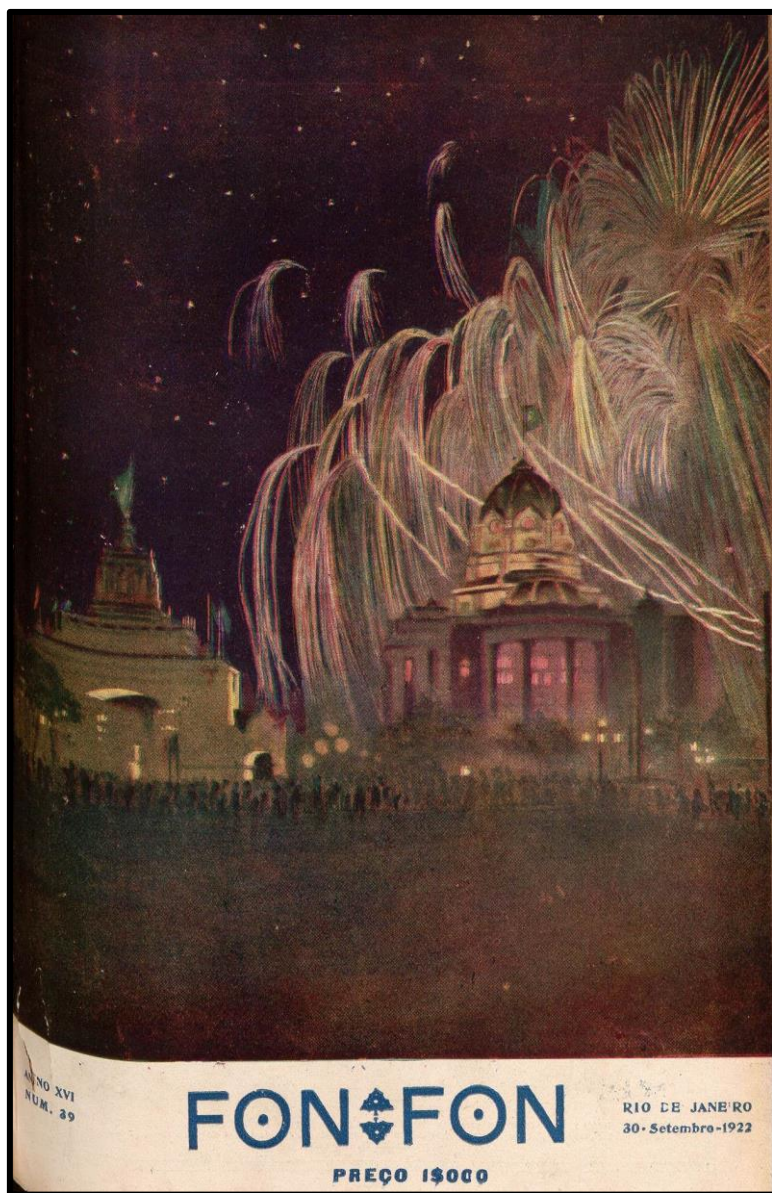
A brilhante parada infan



O luz'dio batalhão do Gymnasio Vera Cruz, formado ao longo da praia do Russel, momentos antes do desfile.



O batalhão dos Salesianos de Santa Rosa, disciplinado e correcto, estendido, em ordem de marcha, ainda no largo do Russel.



ANNO XVI

FON-FON

NUM. 39

RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1922



O

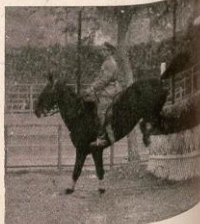
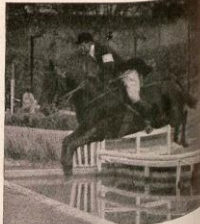
PORTUGAL-BRASIL
SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUEZA
AO LADO DO CHEFE DA NAÇÃO BRASILEIRA,
NO PALACIO DO CATTETE.



O GRANDE CONCURSO HIPICO DO CENTENARIO



Rabiscos As fardas passeiam pela cidade sob frenéticos applausos. E as bandeiras passam, desfaldadas. A multidão acotovelada. Palmas reboam. São os estrangeiros, os nacionais. Vem a artilharia, a cavallaria, a infantaria. Passam a marinha e a policia. Passam os escolteiros. E o mesmo applauso os recebe a todos. Mas ha uma farda esquecida: a velha farda do Exército Brasileiro, o «exército glorioso de nossas luctas. Vestem-na velhos soldados que têm os peitos cheios de medalhas. E o povo na rua nem os conhece. Medalhas... todos os «batedores» das motocicletas modernas têm medalhas no peito... Fardas... ninguém sabe como eram. E ninguém os aponta ao povo, ninguém os mostra... Entanto, elles são o exemplo vivo ainda do velho soldado brasileiro...



Rabiscos Vamos caminhando pela vida lentamente, aos tropeços pelos escombros das illusões já mortas ou embalados pelos sonhos que nos enfeitam a alma e nos alegram a existência. Entanto, todos nós, ricos e pobres, guardamos dentro d'alma, numa recordação carinhosa todas as sensações de felicidade que experimentamos e, dessas evocações vamos fazendo o maior encanto de nossa vida. E, quando a velhice chega e os cabellos embranquecem e o rosto se cobre de rugas e, nos labios, os sorrisos se cretam — num rictus de amargura, somente os olhos, que não envelhecem nunca, guardam, num contraste sobre a miséria que morre, a beleza que lhes ficou de outros olhos que os fitaram... E como são diferentes os olhos que não amaram nunca!... Elles morrem sem brilho e sem lagrimas, num egoismo de expressão, esgareados e tristes como os olhos cegos...



VARIOS ASPECTOS DAS CORRIDAS DO PENULTIMO DOMINGO, NO PRADO DO DERBY-CLUB. VEMOS SE OS VENCEDORES REALIZANDO AS MAIS DIFICILIS E ARRISCADAS PROVAS DE SALTOS DE OBSTACULOS.

OS DESPORTOS
NO CENTENARIO



Um aspecto do desenvolver das ultimas provas militares internacionais de tiro.



A equipe argentina que venceu as principais provas hipicas do penultimo domingo, no Derby Club.



Outro aspecto das provas militares internacionais de tiro realizadas ultimamente nesta capital.



Os argentinos componentes da equipe vencedora do concurso hipico do dia 17.

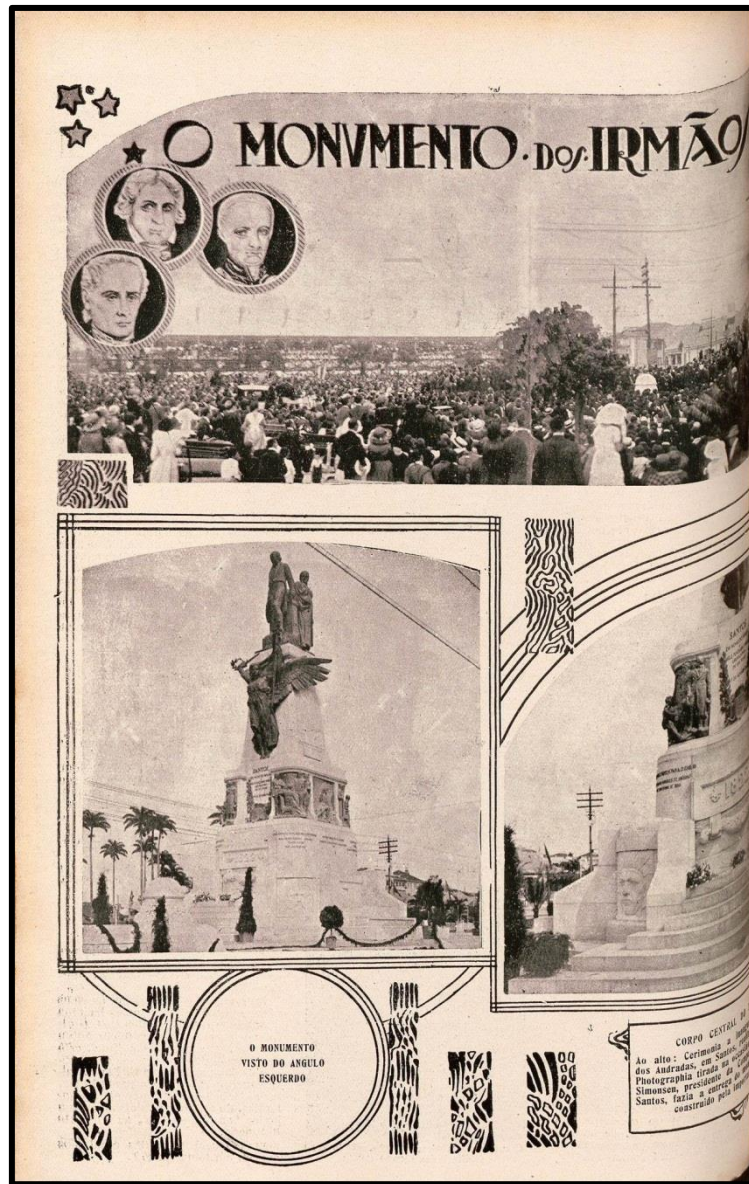
Rabiscos Tenho sobre a minha mesa de trabalho, em uma pequena jarra de Sévres, uma linda flor artificial que o vulgo denominou Kosmos. Uma vez, um amigo, tomando-a entre as mãos, iludido, quiz experimentar-lhe o perfume.

— E' artificial.

— Que importa? Ellas quasi sempre têm uma alma de mulher!

Desde esse dia, a minha flor sem perfume ficou mais bonita e mais artificial...

Tres dos principais vencedores das provas militares do Campeonato Internacional de Tiro do Centenario.





EU SEI TUDO

Sob a apresentação de magazine mensal ilustrado, *Eu sei tudo* surgiu no Rio de Janeiro em 1917, com o intuito de divulgar variedades, temas literários e assuntos culturais, como contos, crônicas, poesias, comédias, romances, artes, curiosidades, primores do engenho humano, conhecimentos úteis, ciências e viagens¹⁰. Mais tarde, mudaria o dístico para magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e literário, revelando a continuidade da proposta de uma ampla abrangência em sua abordagem. Como publicação generalista, buscava difundir junto ao público leitor uma variada gama de elementos constitutivos do saber humano, intentando articular, por meio da leitura, as ações de divertimento e de conhecimento, estimuladas a partir das composições textuais e iconográficas.

Tal magazine dedicou algumas de suas edições à comemoração do centenário da independência, como aquela na qual estampou à capa uma adaptação da figura de D. Pedro I explicitada em seu monumento equestre. Para tanto, abriu entre suas seções espaço para “artigos especiais”, dois deles tratando de temáticas em torno da efeméride. Logo na abertura publicou “Setembro 1822-1922”, matéria ilustrada mais uma vez com a efígie do primeiro imperador, mas também com o retrato de Francisco Manoel, autor do hino nacional, bem como paisagens do Rio de Janeiro no ano de 1822, como a Praia de Botafogo, a Praia de Santa Luzia, os Arcos do Carioca e o Outeiro da Glória. Tais ilustrações eram complementadas ainda com a imagem representativa do ato de “D. João VI recendo em Lisboa a comunicação oficial da proclamação do

¹⁰ EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, jul. 1917 e ago. 1917.

Império do Brasil”. O outro texto intitulava-se “Aspectos de S. Paulo – O Ipiranga”, trazendo também registros iconográficos da capital paulista, como a Praça do Palácio Presidencial, o “imponente” Monumento do Ipiranga, o Teatro Municipal, dois aspectos do Teatro S. José, o Hospital Militar, a Avenida Paulista e o Palácio Presidencial dos Campos Elísios¹¹.

O artigo acerca da data cívica trazia um espírito de entusiasmo pátrio, com a afirmação de que “o centenário de nossa independência política, festejado com as mais variadas manifestações, encontra o Brasil em condições” que permitiriam, “sem exageros e sem falso amor próprio, experimentar o orgulho de nossa nacionalidade e a confiança no futuro de nossa pátria”. De acordo com a matéria, ainda que houvesse versões pessimistas, as mesmas seriam eliminadas pela ação do tempo, “desde que haja nos brasileiros verdadeiro patriotismo, capacidade de trabalho, espírito aberto ao progresso moral e, sobretudo, acima de tudo, amor à terra magnífica, que o destino lhes reservou”. O texto explanava ainda que “um século é apenas um passo na vida das nações”, chegando a reconhecer que o país poderia “de certo ter progredido mais do ponto de vista material”, em tal período, “mas o destino” o “levou a começar pelo terreno das ideias, que é o essencial, que é a base sólida para todas as conquistas no futuro”¹².

¹¹ EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, set. 1922.

¹² EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, set. 1922.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

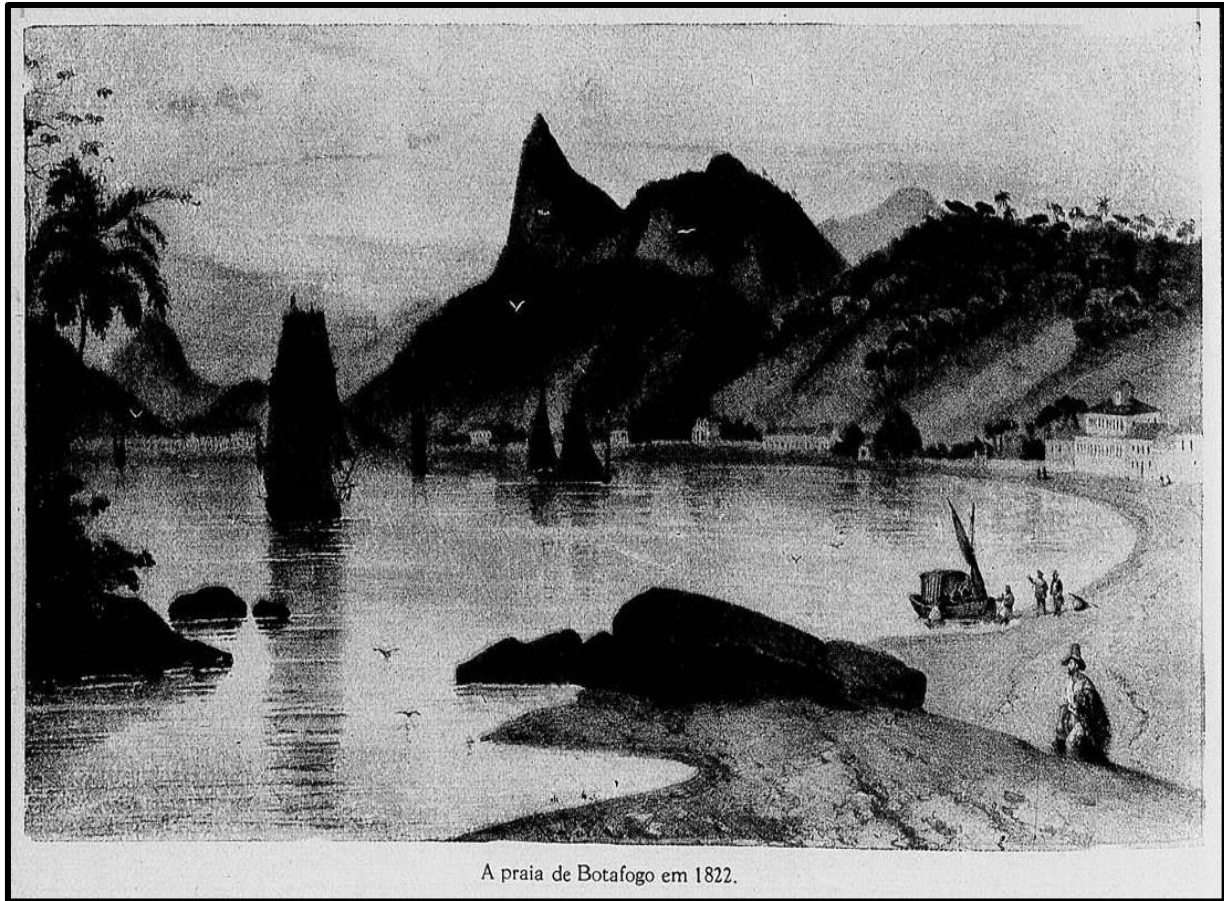


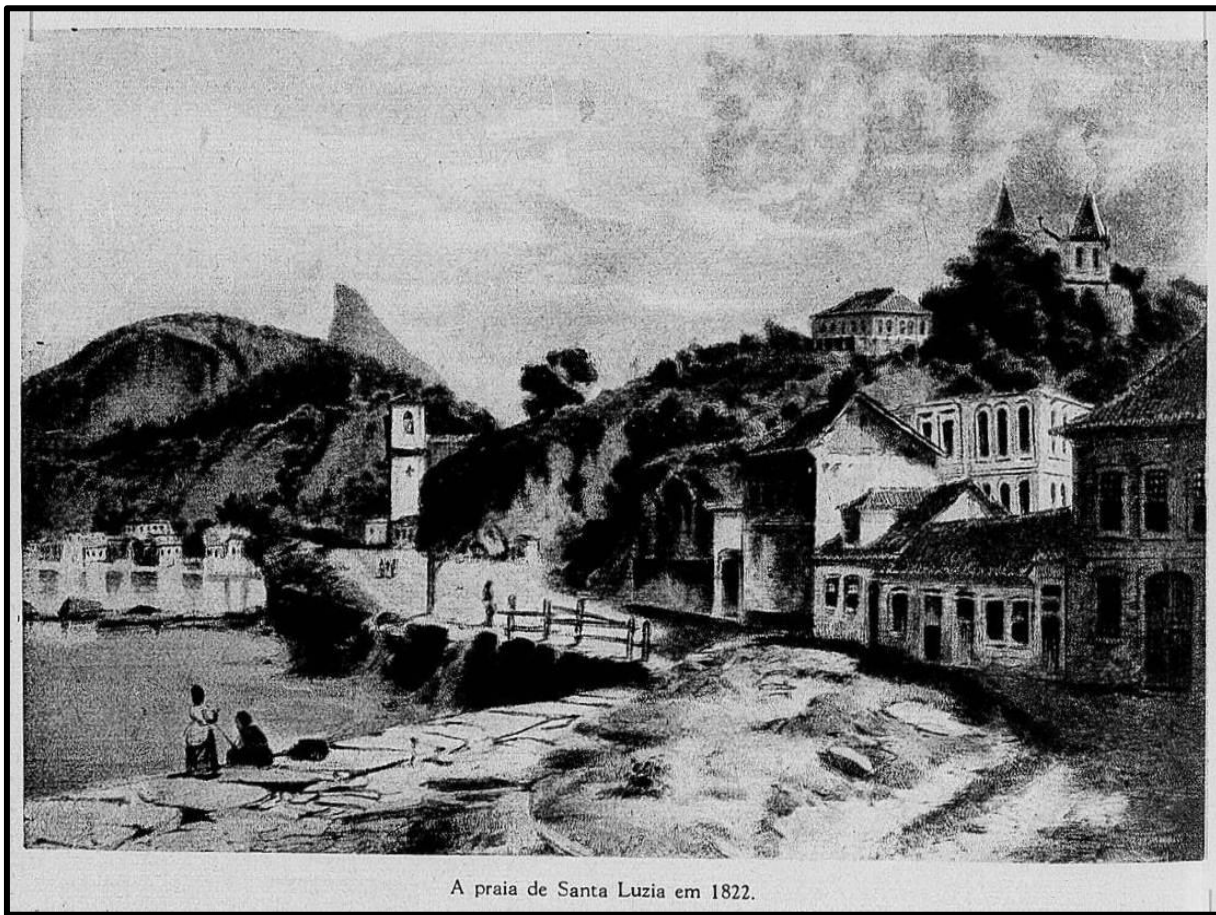


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

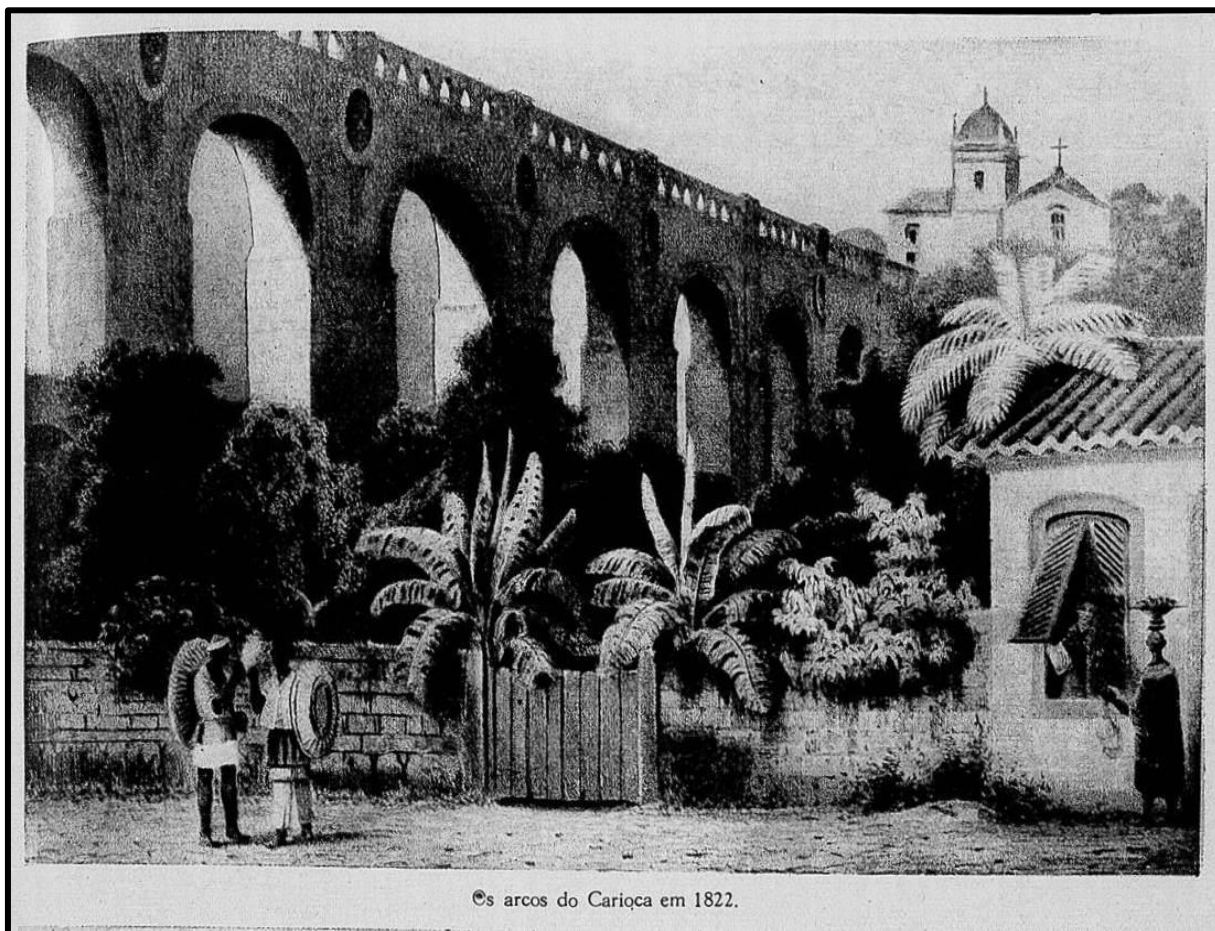


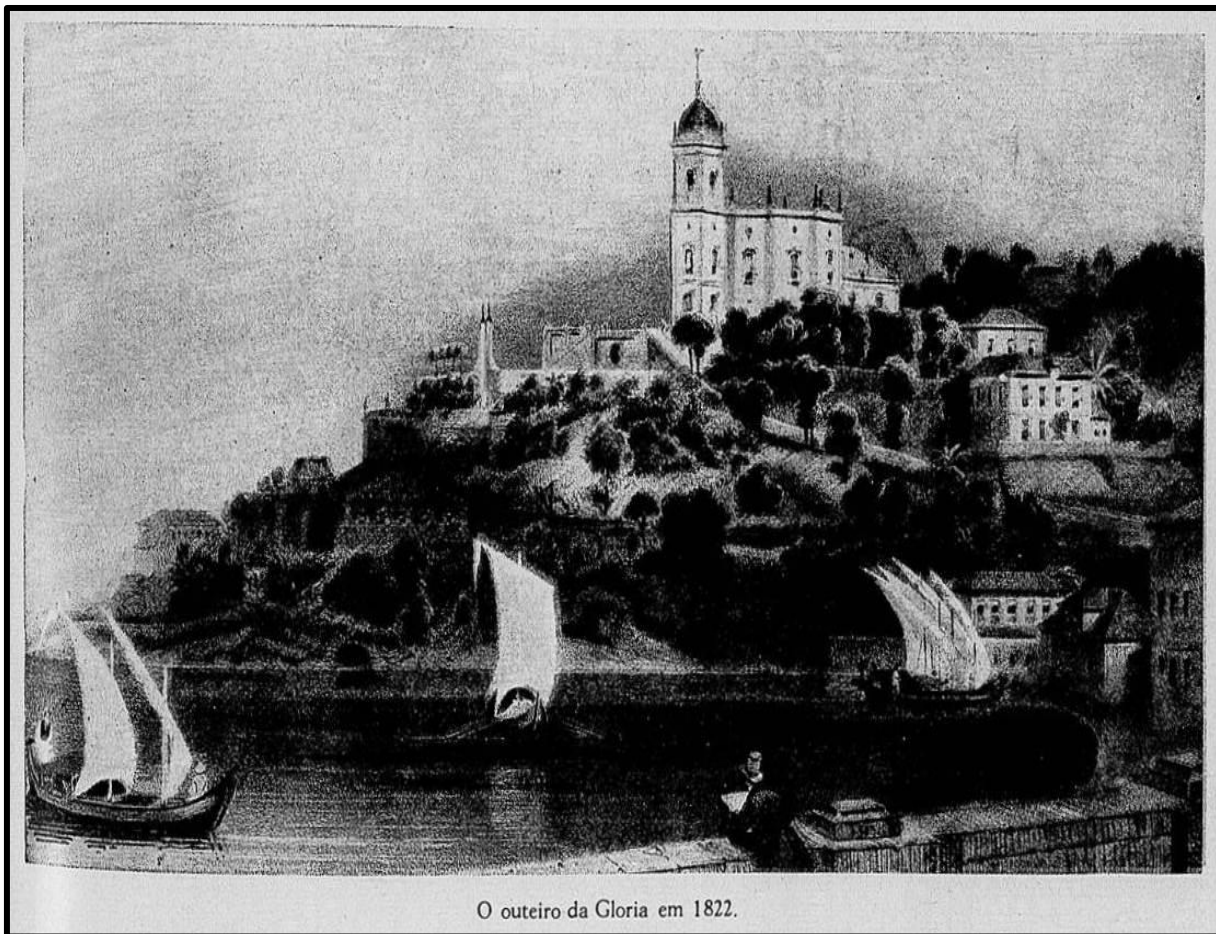
Francisco Manoel, o autor do Hymno Nacional.



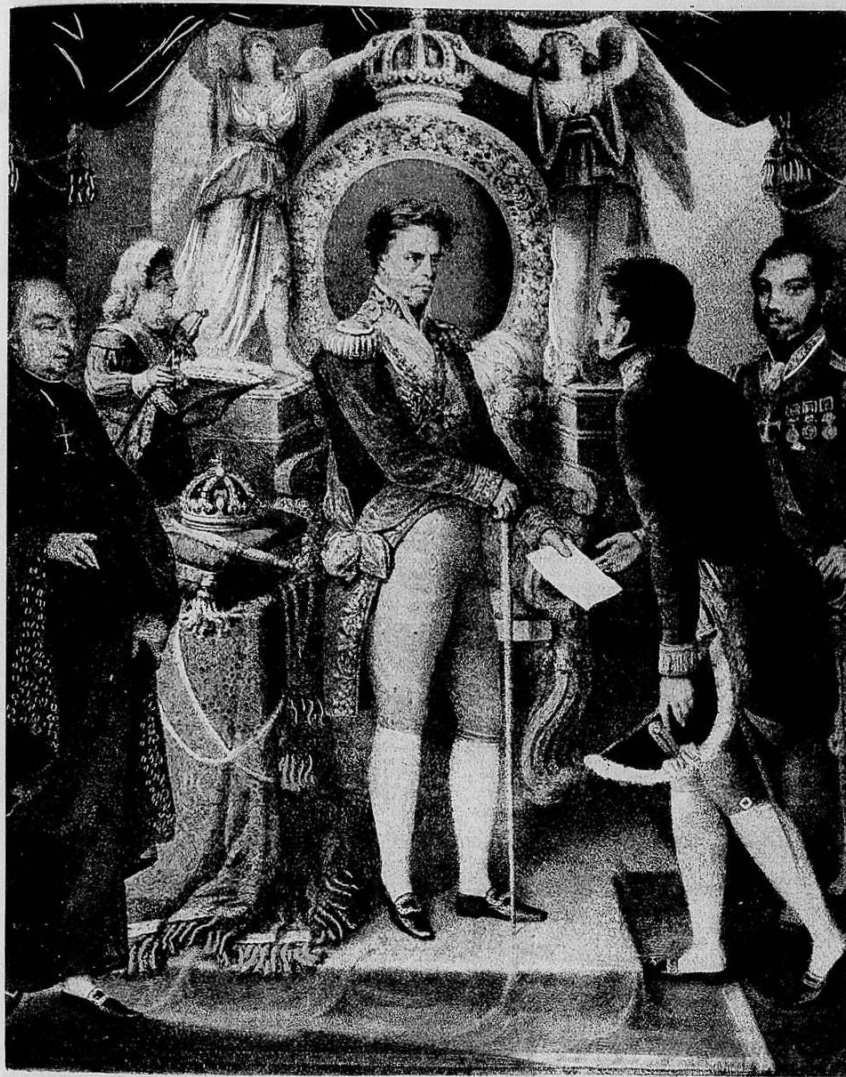


A praia de Santa Luzia em 1822.

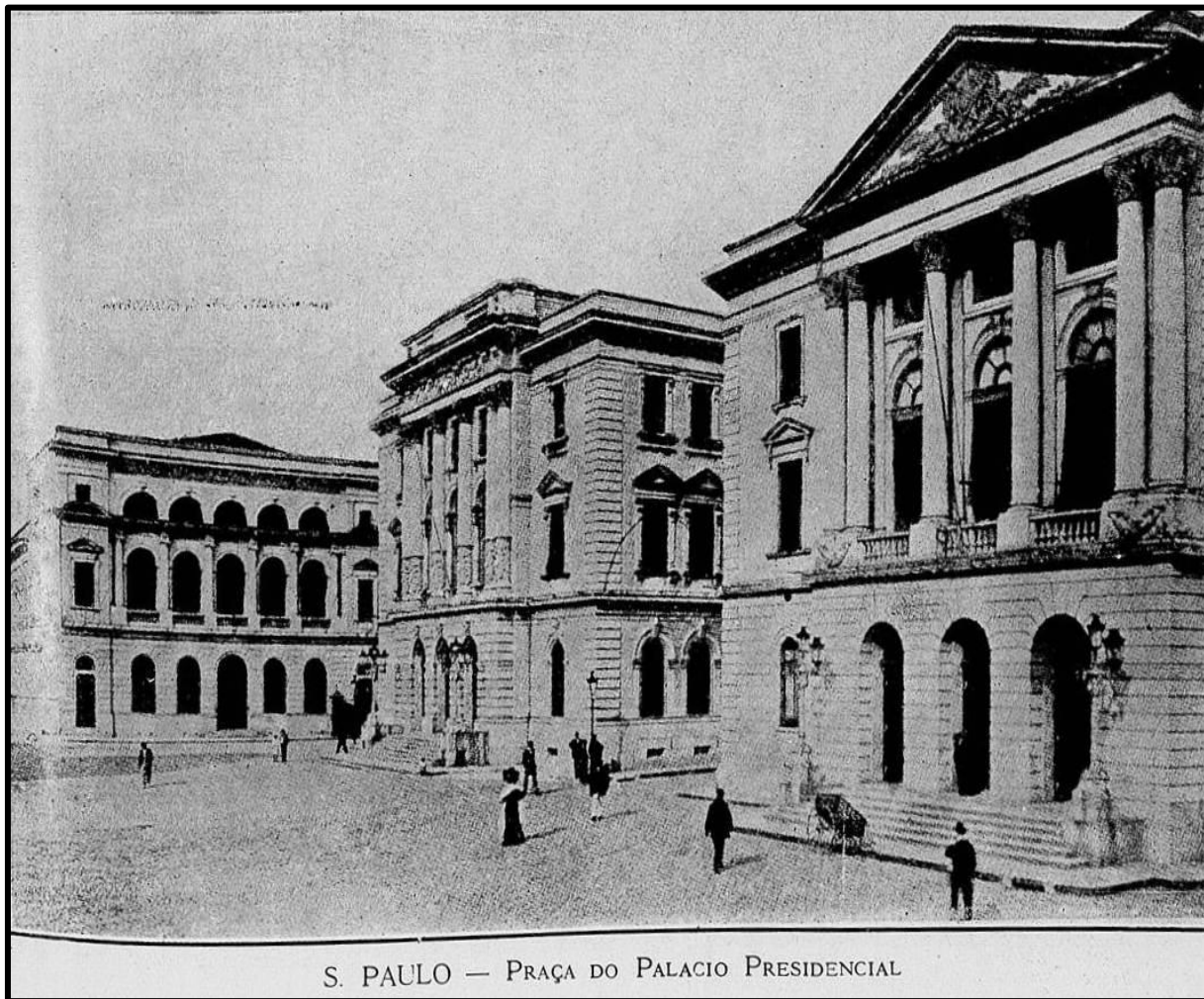




O outeiro da Gloria em 1822.



D. João VI recebendo em Lisboa a comunicação oficial da proclamação do Imperio do Brasil.

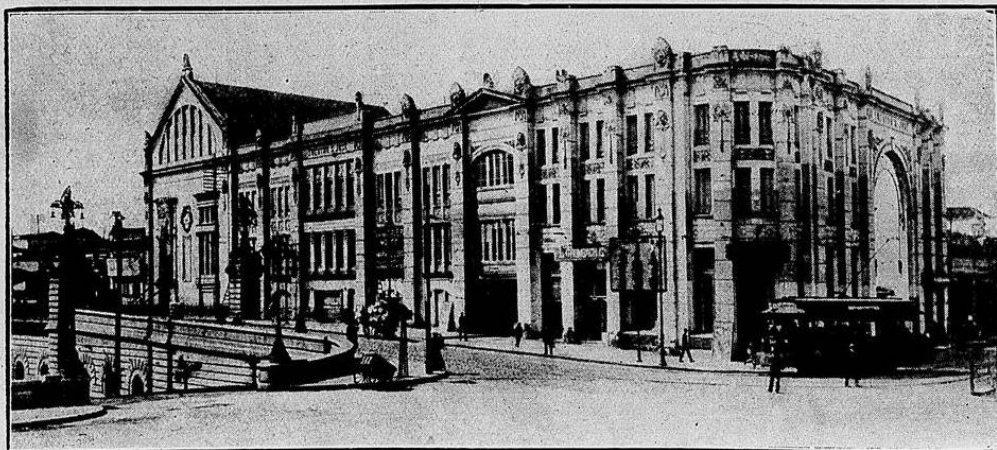
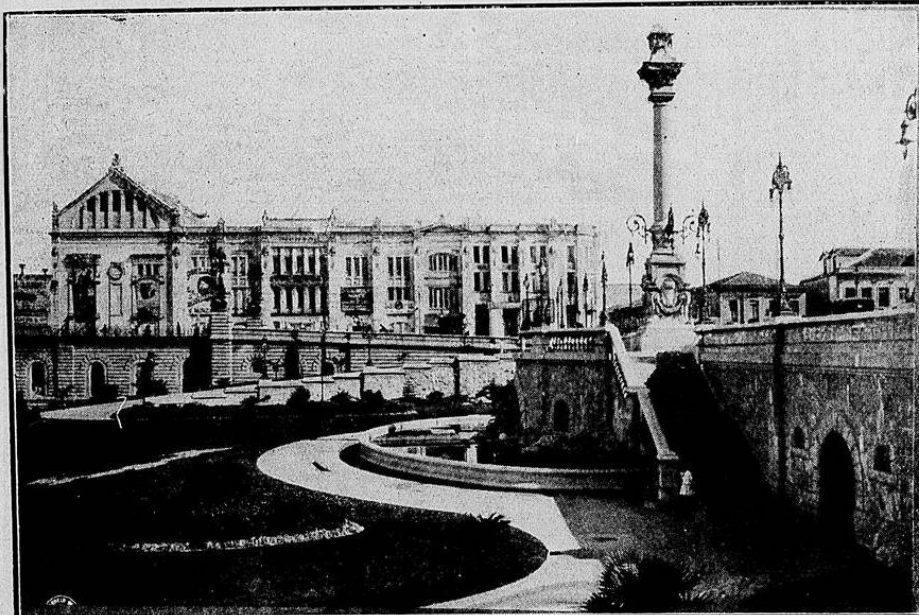


S. PAULO — PRAÇA DO PALACIO PRESIDENCIAL

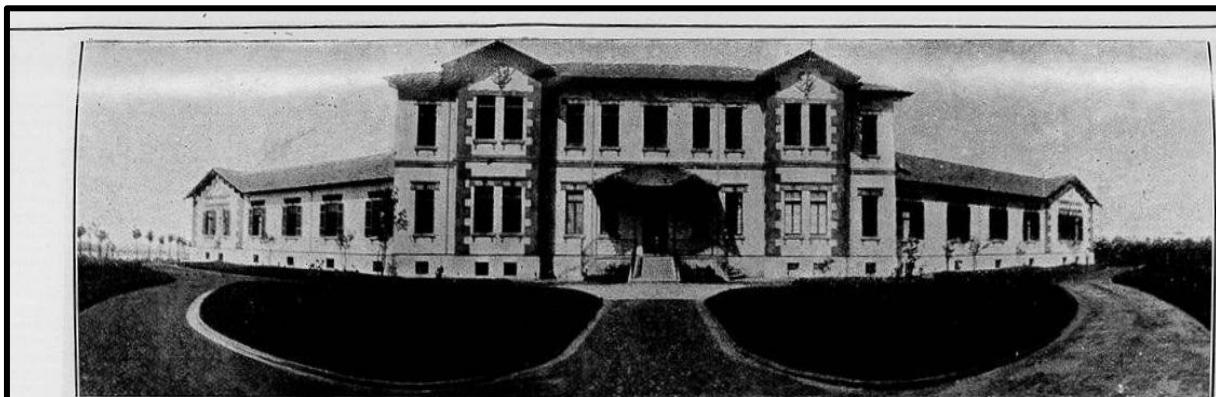
O IMPONENTE MONUMENTO DO YPIRANGA EM S. PAULO



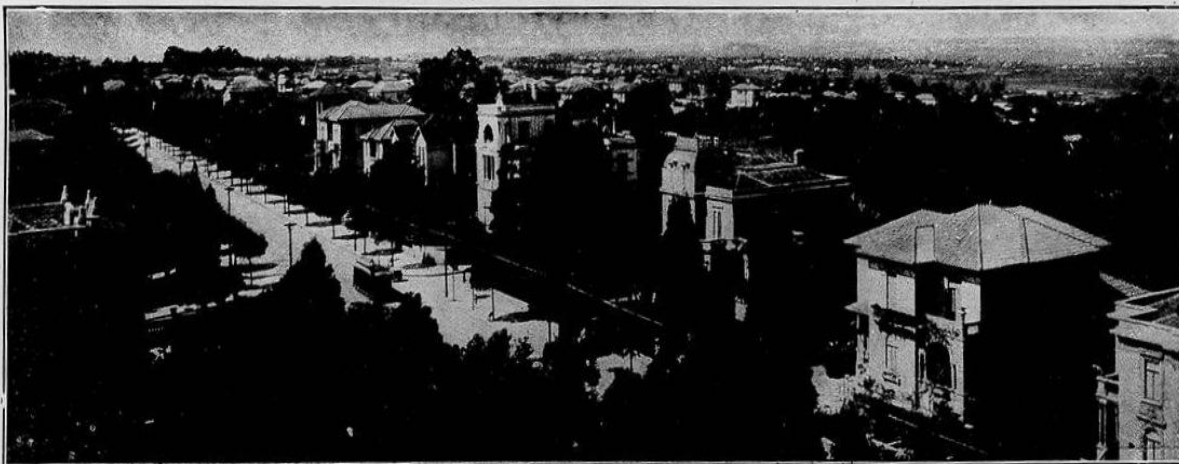
O THEATRO MUNICIPAL NA CAPITAL DE S. PAULO



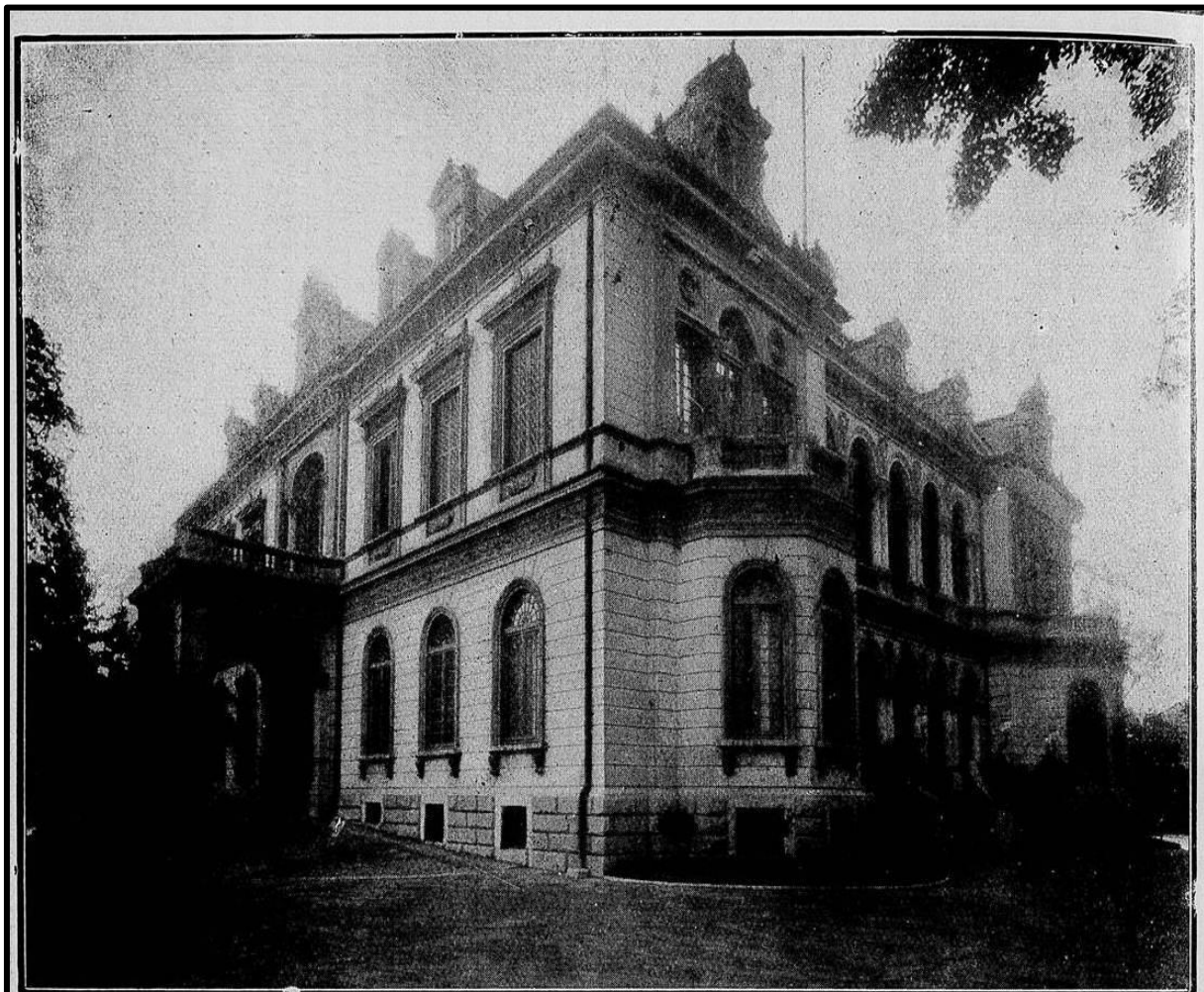
S. PAULO — DOUS ASPECTOS DO THEATRO S. JOSÉ



Vista geral do Hospital Militar de S. Paulo.



Um aspecto da Avenida Paulista, na Capital do Estado.



S. PAULO — O Palácio Presidencial dos Campos Elísios.

Os atos festivos e a Exposição Nacional alusiva ao centenário eram a temática de mais uma edição de *Eu sei tudo*, cuja capa mostrava uma jovem mulher olhando pela janela e tendo por cenário a própria mostra, com o estandarte brasileiro pairando no ponto mais alto. O segmento imagético trazia aspectos noturnos da Exposição, o Palácio de Festas, o Palácio da Viação e Agricultura, o Palácio dos Estados e o Palácio das Indústrias. Houve também cuidado especial a respeito dos visitantes estrangeiros, com a matéria “O Brasil julgado pelo mundo no centenário da independência”, a qual era ilustrada com fotografias de diversos representantes internacionais, como de Itália, Bélgica, Guatemala, Honduras, Colômbia, Equador, S. Salvador, Holanda, Suécia, Noruega, Dinamarca, Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Chile, México, Vaticano, Venezuela, Japão, China, Peru, Bolívia, Paraguai, Portugal, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Bulgária, Tchecoslováquia e Polônia¹³. Ainda no mês seguinte, a magazine encerrava a cobertura dos festejos, estampando uma capa em que a deusa-liberdade, com os pavilhão nacional e os louros da vitória, orientava os caminhos dos brasileiros¹⁴. Em matéria textual, a revista fazia um resumo das atividades comemorativas e refletia acerca do próprio país que completava cem anos¹⁵:

Tivemos uma quinzena – talvez mais – de festas tão variadas e numerosas que saímos desse torvelinho um pouco estonteados, com

¹³ EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, out. 1922.

¹⁴ EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1922.

¹⁵ EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, out. 1922.

os olhos, o cérebro e o coração fatigados por tantos espetáculos, tantas palavras brilhantes, tantas emoções.

Tantos estrangeiros, ilustres pelo saber, pela glória ou pela sinceridade vieram de horizontes tão diversos trazer-nos o testemunho de seu afeto ou de apreço; tantas ocasiões surgiram capazes de exaltar nosso patriotismo, nosso orgulho nacional, nosso justo desvanecimento pelo passado de nossa terra, nossas esperanças no futuro...

Mas passaram os dias de festa agitada, incessante, ardorosa; voltamos à normalidade de nossa existência e apenas resta das comemorações a exposição que, embora inacabada, incompleta é ainda assim bem digna de nosso nome e nosso trabalho.

Parece-nos, pois, que é chegado o momento de tirar uma conclusão dessa apoteose, um ensinamento, um estímulo ou uma advertência desses dias febris em que nossa alma recebeu impressões tão doces e tão profundas, ante as manifestações de simpatia de outros povos e as recordações tão reconfortantes de nosso passado.

Encarando com a lucidez e gravidade de que convém este momento, o que se fez, o que se disse e o que se viu na comemoração desse centenário quer nos parecer que seria pueril ou insensato buscar a lição necessária nas demonstrações de progresso material, nos algarismos, que, de certo, não nos podem dar uma ideia perfeita das proporções de nosso desenvolvimento. Não há pessimismo nem descrença no dizer que a atual exposição está muito longe de apresentar um quadro exato do progresso industrial ou das riquezas materiais do Brasil. É evidente que não se encontram ali nem vinte por cento do que poderíamos apresentar. Nem ao menos estatísticas

temos neste momento, que permitam avaliar, com a devida segurança, a verdadeira situação do país desse ponto de vista. (...)

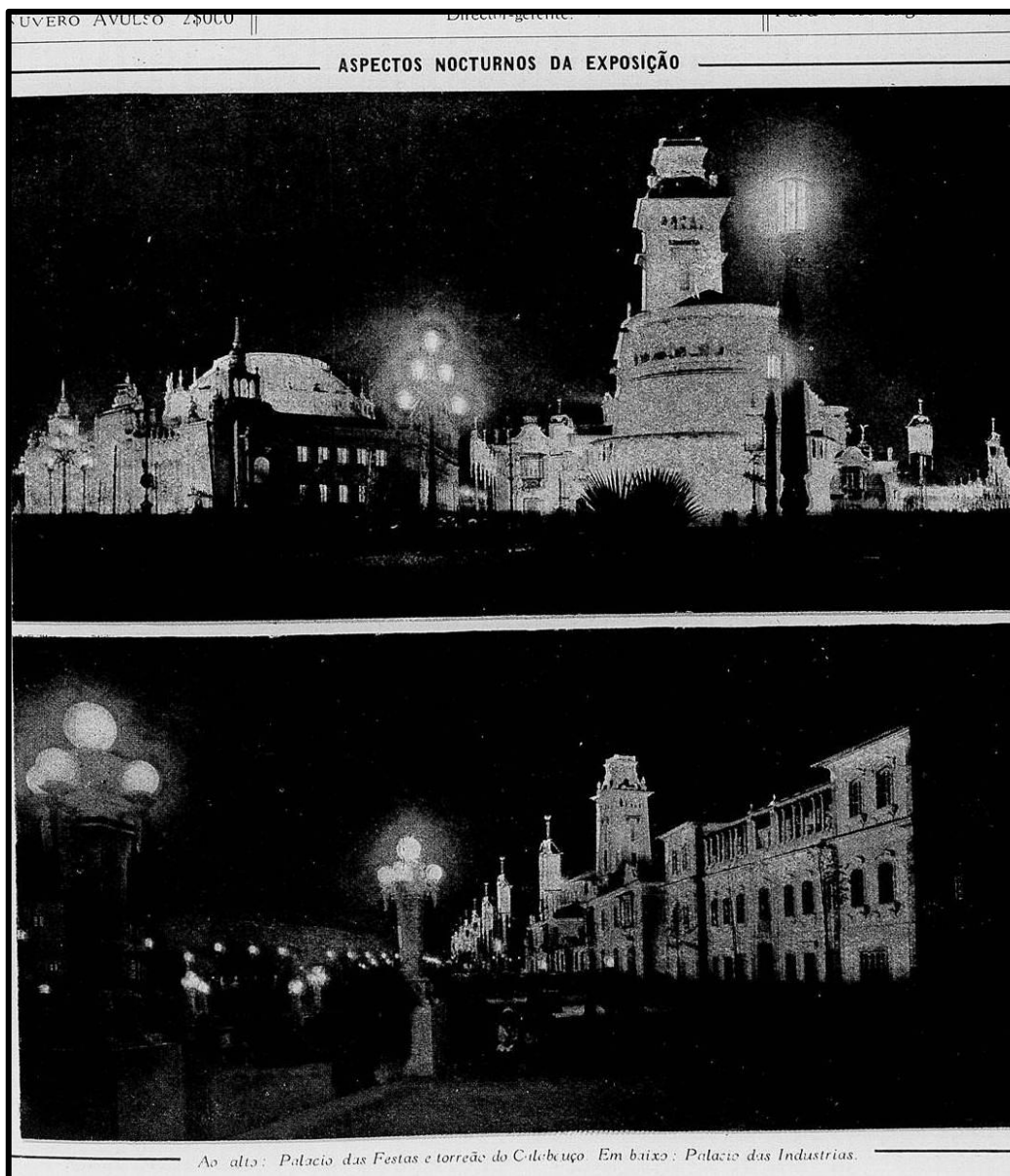
O progresso material está em formação, há de ser maior e um dia há de ser perfeito; podemos esperá-lo com tranqüila confiança, porque temos para alcançá-lo as bases morais indispensáveis. É no terreno das ideias e no patrimônio espiritual que devemos medir o valor de um século de vida autônoma; e posto assim o problema, não temos – graças a Deus! – de que nos envergonhar.

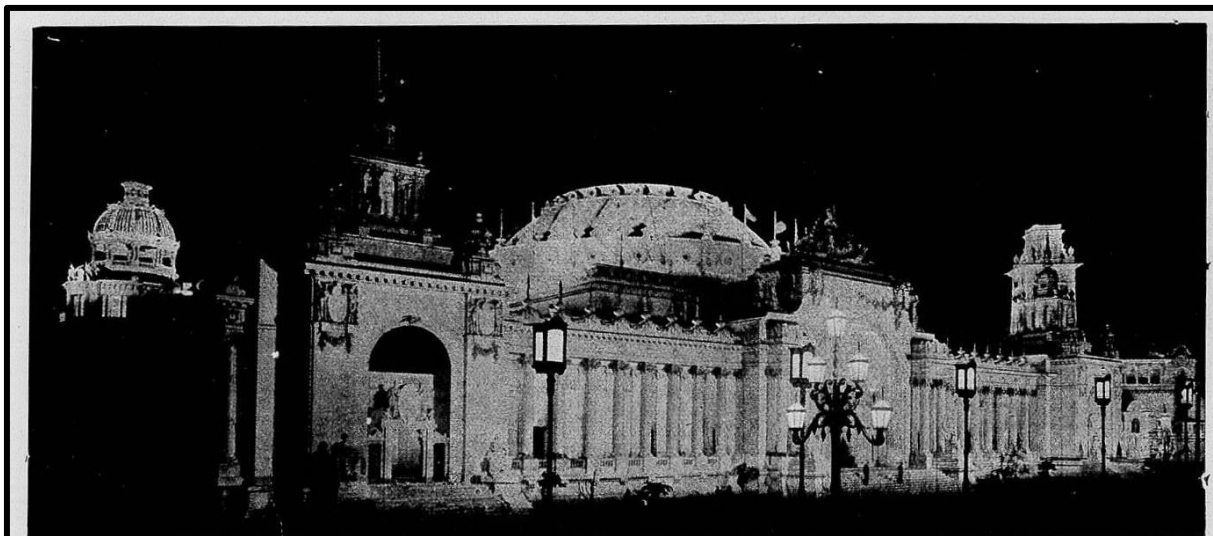
A despeito de muitas aparências desoladoras, o espírito nacional se está formando solidamente e o povo, já caracteristicamente brasileiro, vai dando mostras de ser digno da terra magnífica que o destino lhe reservou. (...)

Esse é um sintoma magnífico de civismo, de compreensão de deveres, de dedicação à pátria, colocada nos corações moços muito acima das personalidades, dos governos, da política e dos incidentes de momento; esse é um sintoma soberbo, que nos deixa orgulhosos de ter, já com um século apenas de existência, espírito nacional e povo capaz de fazer deste grande território uma grande nação.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



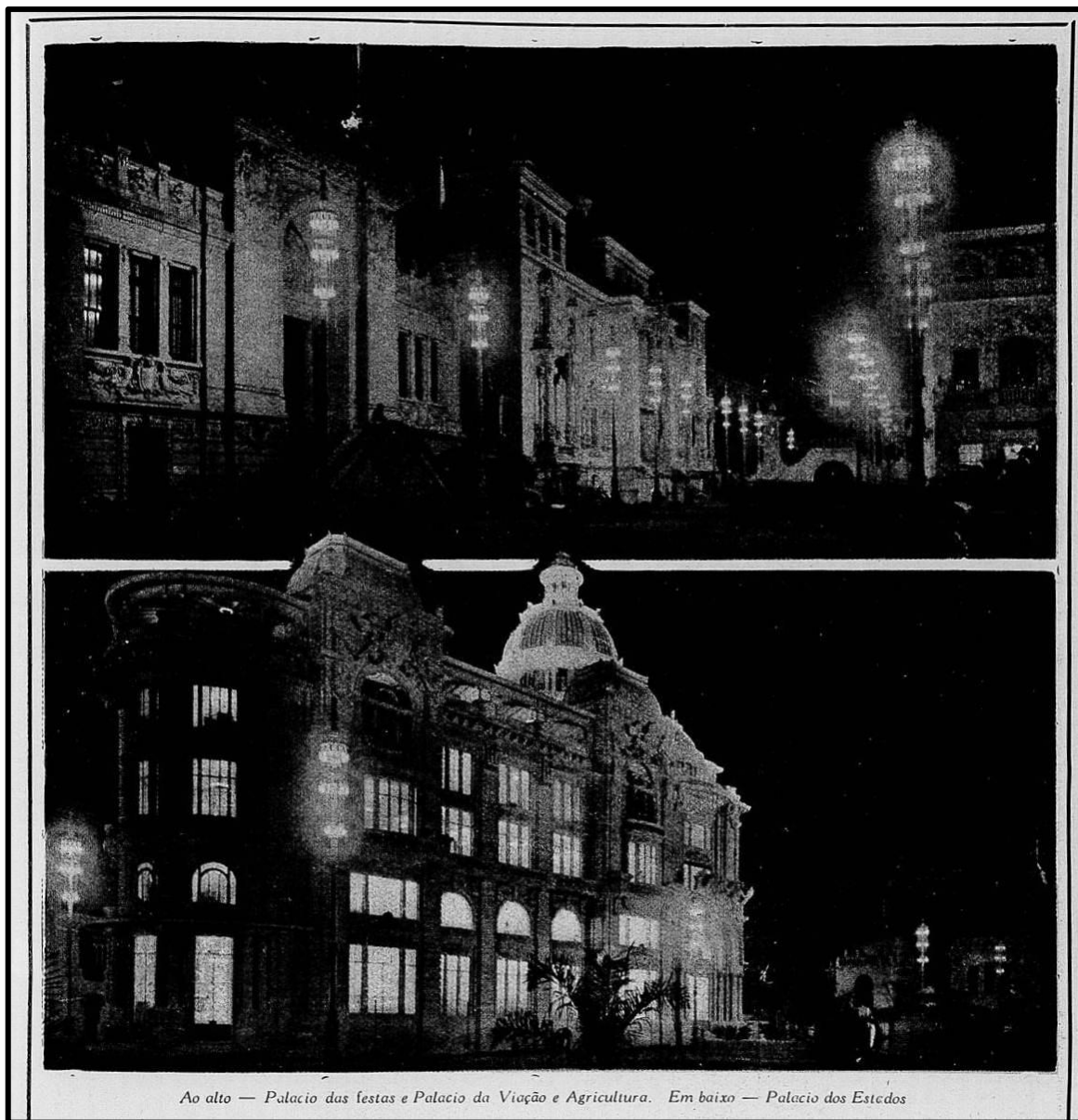




Aspecto de conjunto do Palácio das Festas.



Palácio das Indústrias — Pavilhão de Caça e Pesca.

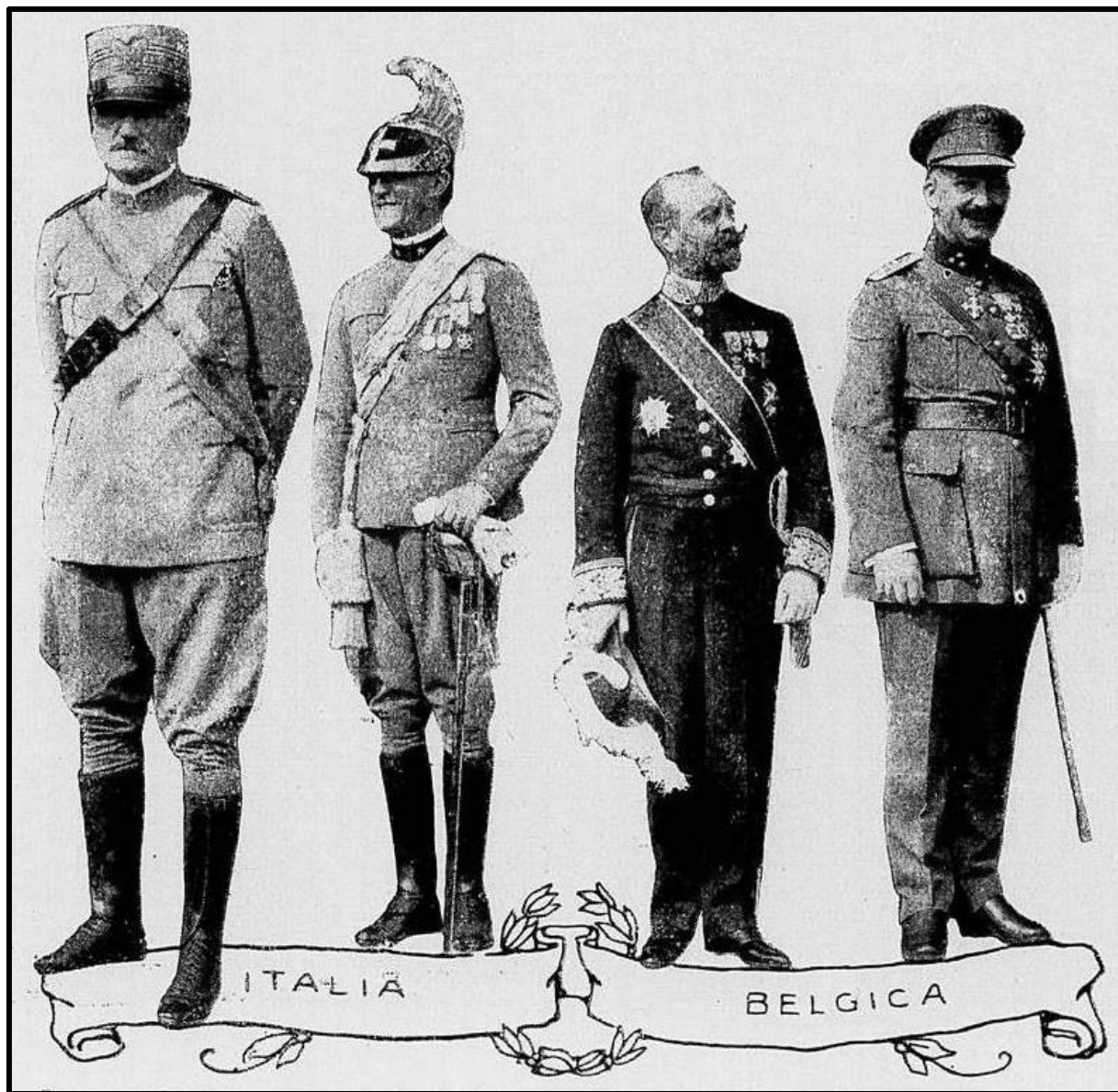


Ao alto — Palácio das festas e Palácio da Visão e Agricultura. Em baixo — Palácio dos Estados

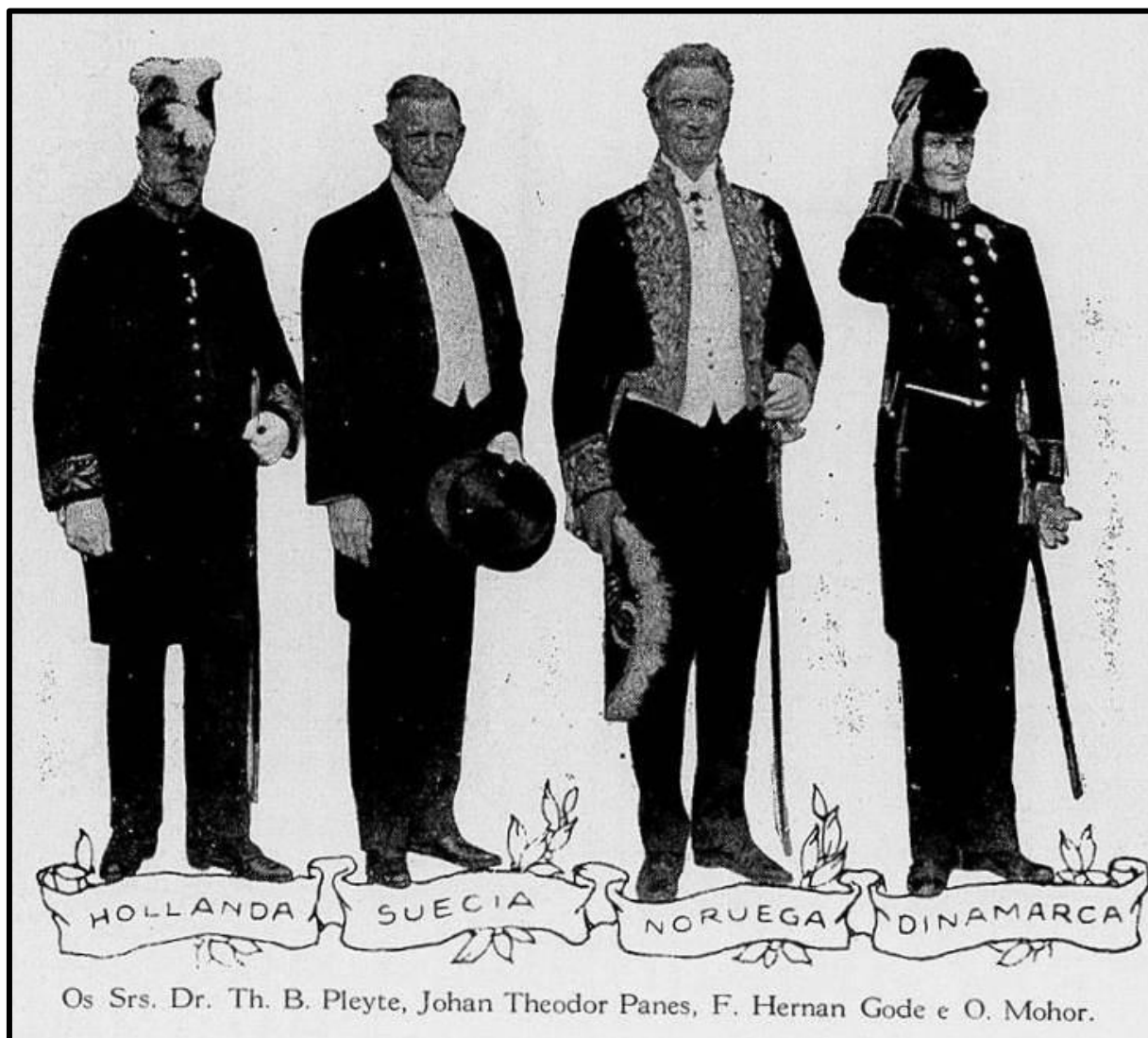
O BRASIL JULGADO PELO MUNDO NO CENTENARIO DE SUA INDEPENDENCIA

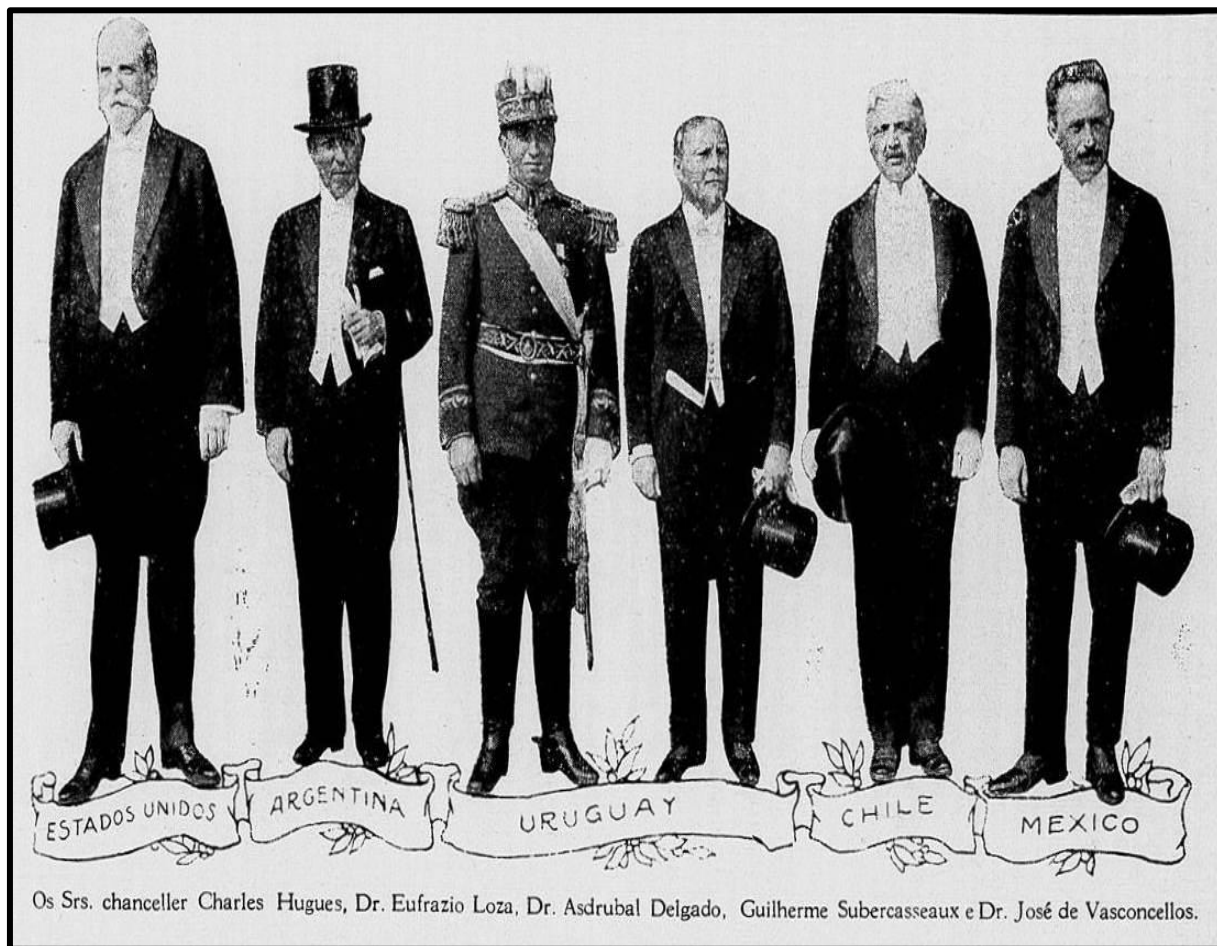
COMO NOS VÊEM OS HOMENS MAIS ILLUSTRES DA ITALIA, DA INGLATERRA,
DA ARGENTINA, DO CHILE. — A OPINIÃO RE S. S. O PAPA PIO XI.













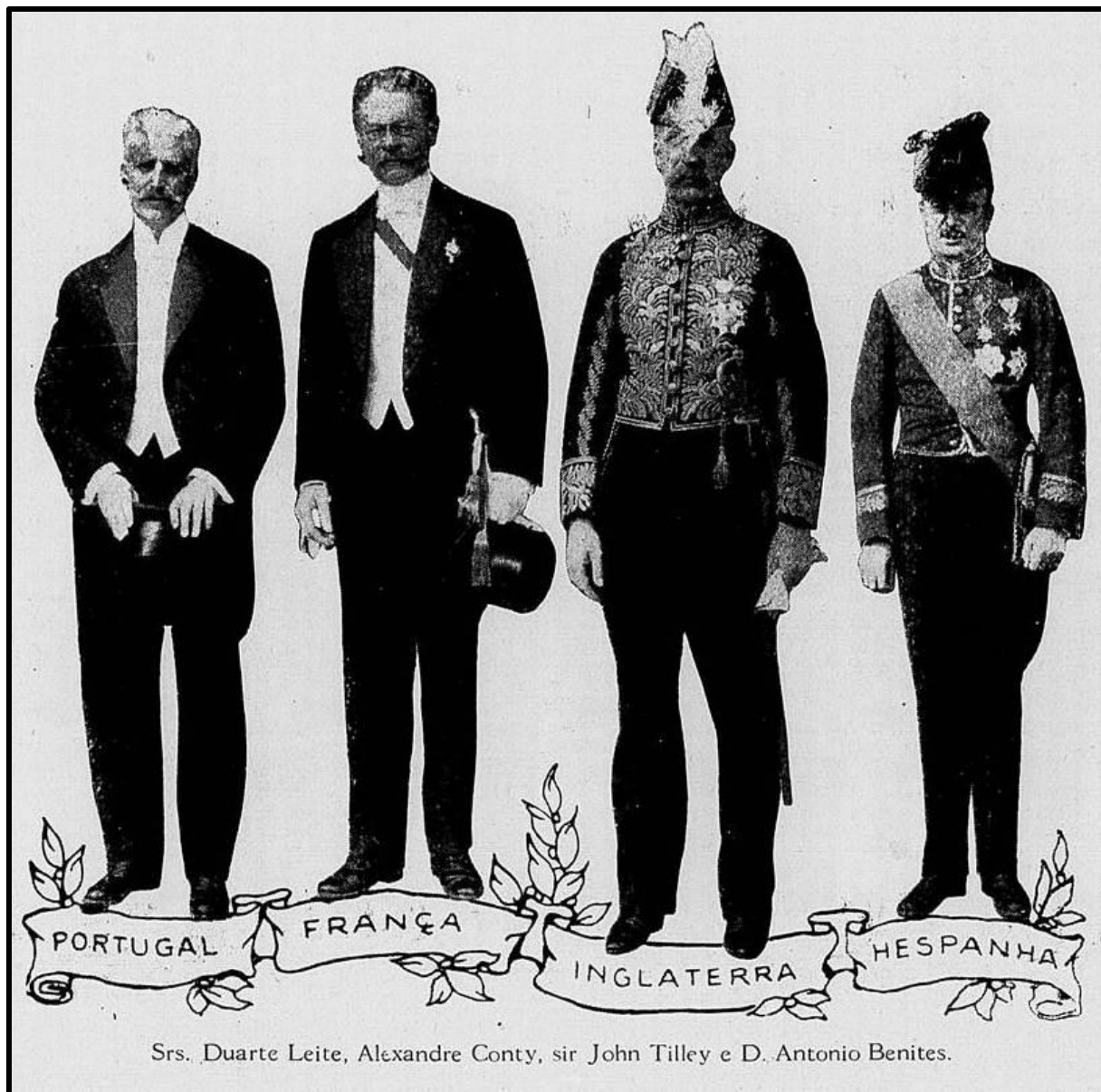
S. Eminência o cardeal Cherubini e a embaixada especial do Vaticano. (Ao centro o Dr. Amilcar Marchesini, do nosso Ministério das Relações Exteriores).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES













PARA TODOS...

Com o subtítulo “magazine semanal ilustrado”, circulou no Rio de Janeiro, a partir de 1918, a revista *Para todos...*, trazendo uma coletânea de matérias que retratavam os acontecimentos da última semana. A publicação realizava por meio de seu material iconográfico “um registro da sociedade da então capital federal do Brasil”. De acordo com a pluralidade de público que seu título indicava, “podia estar no quarto das moças, ‘nas mãos de uma cocote ou de um almofadinha’”. Além do âmbito carioca, “circulou por várias cidades do Brasil, divulgando moda e hábitos e estabelecendo uma cultura que constitui um precioso testemunho da época”. Entre seus tópicos de abordagem, “continha diversos assuntos”, como “moda, notícias de eventos sociais, música, cinema, charges e divertimentos do tipo charadas e palavras cruzadas”¹⁶.

Para todos... dedicou várias edições ao centenário, optando por uma cobertura mais concentrada nas imagens e tentando trazer um fundo de cunho histórico em seu enfoque, estampando ilustrações de épocas próximas à proclamação da independência. Para tanto, foram utilizadas gravuras de alguns dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil no início do século XIX, como foi o caso de Jean-Baptiste Debret. Também compuseram o número especial registros fotográficos do Rio de Janeiro no momento do centenário, bem como a apresentação de várias cenas da Exposição. A respeito de sua cobertura, o periódico publicava nota destinada “Aos nossos leitores”, na qual afirmava que, “para as festas do centenário manterá uma reportagem fiel de todas as

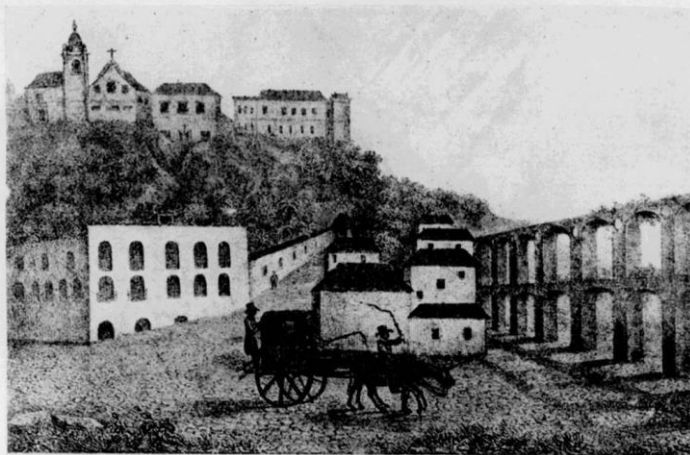
¹⁶ ALENCASTRO, Lucilia de Sá. Revista “*Para todos...*”: uma história de Carnaval. In: *Tuiuti – Ciência e cultura*, n. 46, Curitiba, 2013, p. 218.

comemorações que se fizerem, desdobrando o seu serviço de informações e atualidades em grande número de páginas ilustradas". Para tanto, aumentaria "sensivelmente o número de suas páginas, de sorte que de modo algum venha a ser prejudicada a sua seção cinematográfica", que continuaria "elaborada com o maior capricho", de maneira que seus consumidores não precisariam "recorrer a outras revistas para ter uma visão perfeita de tudo quanto no Rio ocorrer durante os festejos do centenário"¹⁷.



¹⁷ PARA TODOS... Rio de Janeiro, 9 set. 1922.

Dar á todos...



1822 — O CONVENTO DE SANTA THEREZA, PARTE DO AQUEDUTO E UMA SEGE

O Rio antigo, com os seus costumes socegados, era uma terra de gente grave... Para os nossos avós, acompanhar o "Viatico" era o divertimento quasi que exclusivo. Outra distracção muito agradavel consistia em pagar promessas... Ou, então, aos domingos, ir para o Passeio Publico, deante das ondas que andavam soltas pela praia...



PAE, MÃE, FILHOS E ESCRAVOS...

QUEM pensará, hoje, entre os perigos do transito pelas nossas ruas, ouvindo, de repente, o rumor dos aeroplanos que voam sobre a cidade, quem pensará naquelle tempo em que ao longo dos caminhos urbanos do Rio passavam, tranquilos, carros de bois, liteiras, cadeirinhas, séges, traquitanas e coches que não matavam ninguém?...



CUMPRIMENTO DE UMA PROMESSA Á SENHORA DA CANDELARIA



O CÃES DO RIO DE JANEIRO NO TEMPO DE D. PEDRO I.

Daí todos...



1922 — UM ASPECTO DA AVENIDA RIO BRANCO, PELA MANHÃ.



O PONTO DOS BONDES, NA AVENIDA, AO COMEÇAR O GRANDE MOVIMENTO DA TARDE.

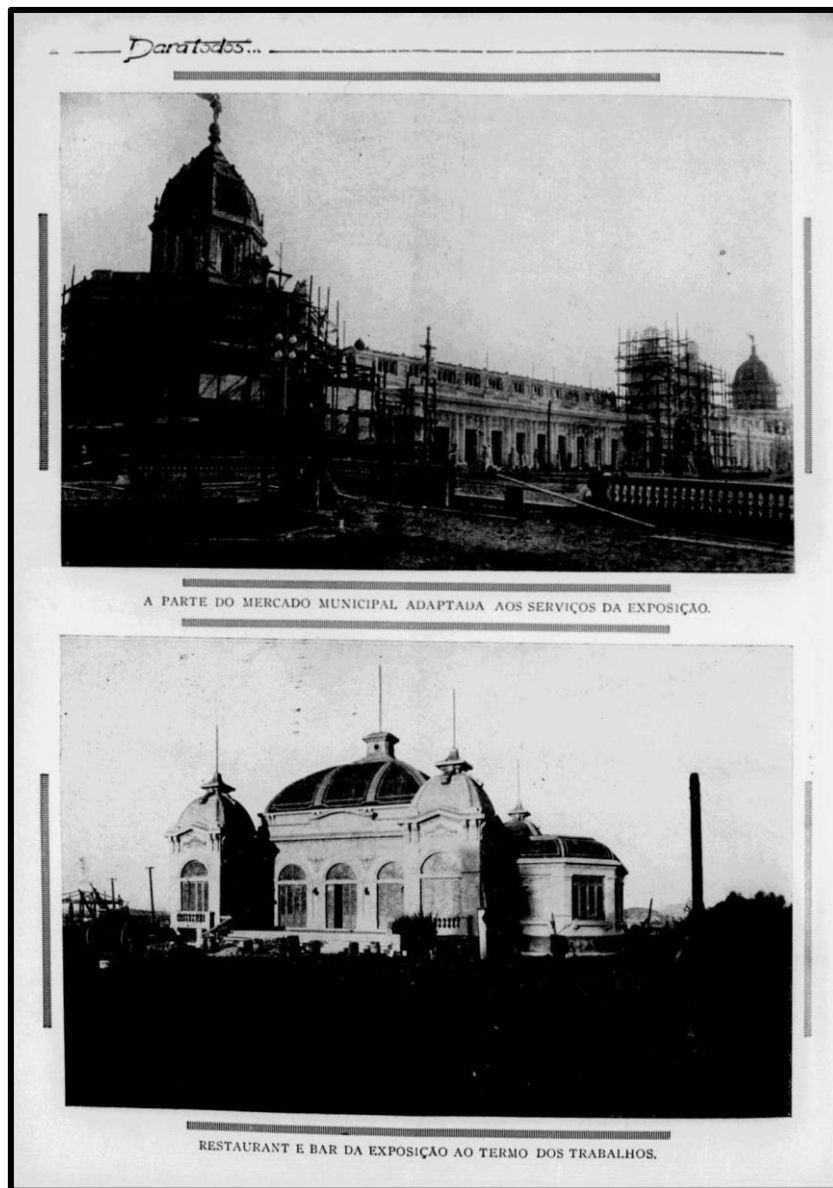
Para todos...



A EXPOSIÇÃO — PEQUENAS INDUSTRIAS.



PAVILHÃO JAPONEZ.



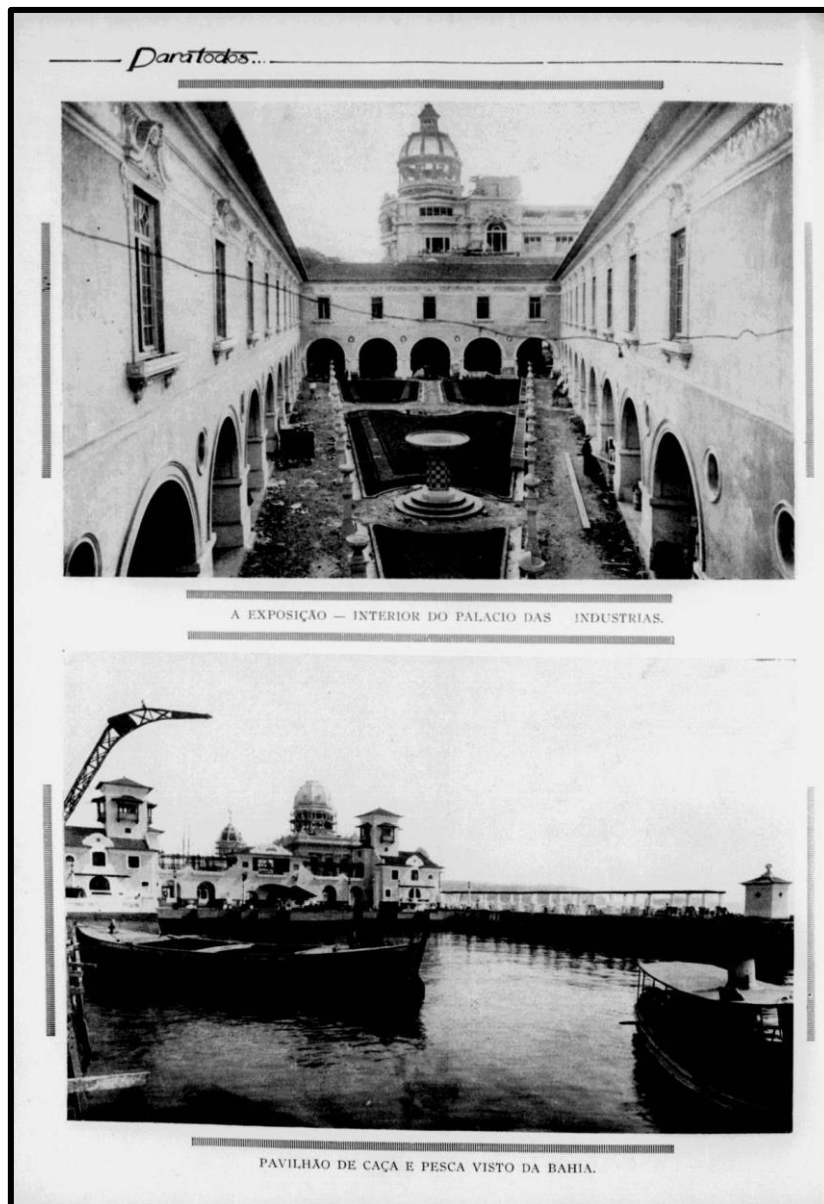
Dar a todos...



A EXPOSIÇÃO — O PALACIO DOS ESTADOS. DIAS ANTES DE CONCLUIDO.



PAVILHÃO DA ADMINISTRAÇÃO, QUANDO SE KETIRAVAM OS ANDAIMES

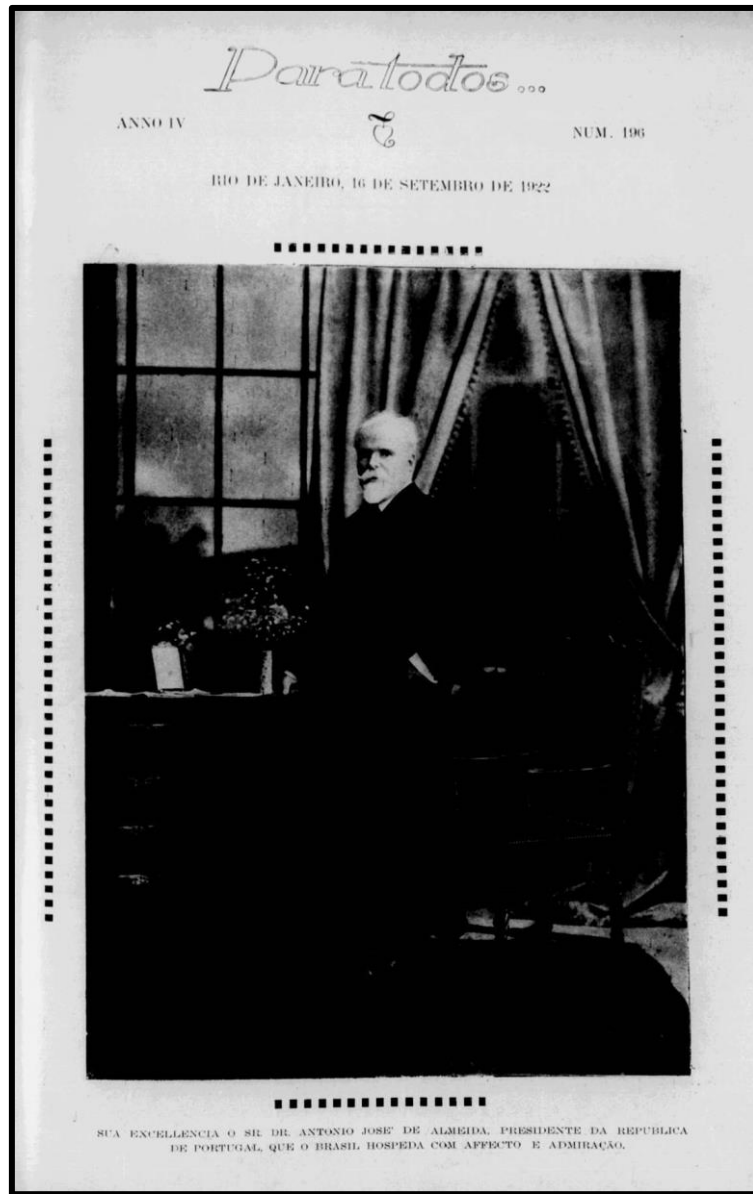


Já em outro número, *Para todos...* dava destaque ao Presidente de Portugal e às representações estrangeiras presentes no Brasil, sem deixar de abordar aspectos históricos, como cenas da época da independência e retratos da família imperial brasileira. Também apareciam registros do cotidiano carioca naquele ano de 1922 e detalhes de desfiles comemorativos e das atividades alusivas à data em questão¹⁸. Outra edição trazia o retrato da segunda esposa de D. Pedro I e mais alguns cenários históricos dos primórdios dos Oitocentos, além dos “festejos esportivos do centenário”¹⁹. As manifestações do chefe de Estado português e a grande presença de público foram enfatizadas em mais dois números da revista, assim como vários atos ocorridos por ocasião da Exposição do Centenário, bem como cenas dessa mostra e ainda “um aspecto da comemoração do dia 7 de Setembro na capital de São Paulo”²⁰.

¹⁸ PARA TODOS... Rio de Janeiro, 16 set. 1922.

¹⁹ PARA TODOS... Rio de Janeiro, 23 set. 1922.

²⁰ PARA TODOS... Rio de Janeiro, 30 set. e 7 out. 1922.



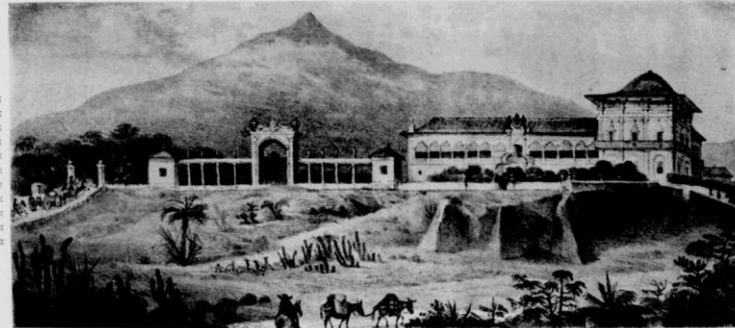
Para todos...

NESTA semana de alegria, com a cidade apinhada, escutando de instante a instante o elogio da terra linda, em todos os idiomas, — de certo os brasileiros não se recordam daquella rainha um pouco sem imaginação, mulher de D. João VI, que vagou por aqui durante alguns annos do começo do século passado... Chamava-se Carlota Joaquina, tinha mãos costurnes e era feissima. No dia em que voltou para a Europa, contam que estava assanhada de prazer e repeti-tia, num suspiro contente: "Graças a Deus vou viver en-



O LARGO DO PAÇO EM 1822

loza das saudades que levá-ra... A princeza Dona Isabel, então, anda por todas as boccas evocada, bendita e bem querida. Se no sommo da morte ha sonho tambem, a santa velhinha deixou o corpo adormecido em França e passcia em espirito, junto de nós, por estas ruas que ella não conheceu assim, no meio destas creaturas que ella não viu Brasil passou da Monarchia para a Republica que as figuras do regimen antigo continuaram a merecer de todos os brasileiros o culto dos tempos



ERA ASSIM A QUINTA DA BOA VISTA NO TEMPO EM QUE SE FEZ A INDEPENDENCIA

tre gente civilisada!" Ninguém pensa em tão notavel se-nhora, hoje... Entretanto, porcos se esquecerão de Dona Leopoldina, a primeira imperatriz, flor da Independencia, e de Dona Amelia, que a succedeu nas caricias e nas ofensas de D. Pedro I. Foram doces amigas da patria nova e do seu povo bom. E em cada coração, agora, a lembrança da companhia do segundo e ultimo imperador toca-se de um resplendor sagrado. Ella sahio do Brasil de olhos molhados e, lá longe, no exilio, nunca se conso-

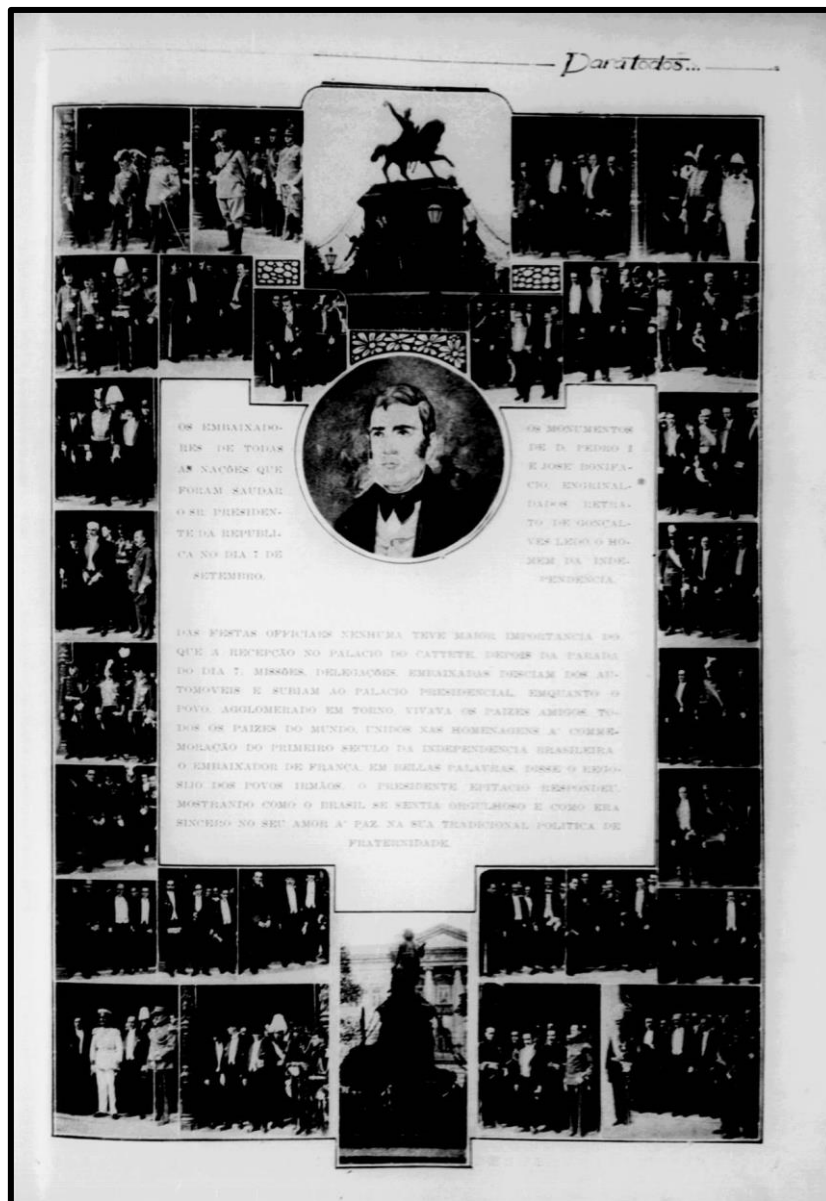
idos. Se o decurso do banimento da familia imperial custou tanto a ser revogado, a culpa cabe só á fantasia burgueza dos



UMA CONTEMPORANEA DA MARQUEZA DE SANTOS, EM CASA

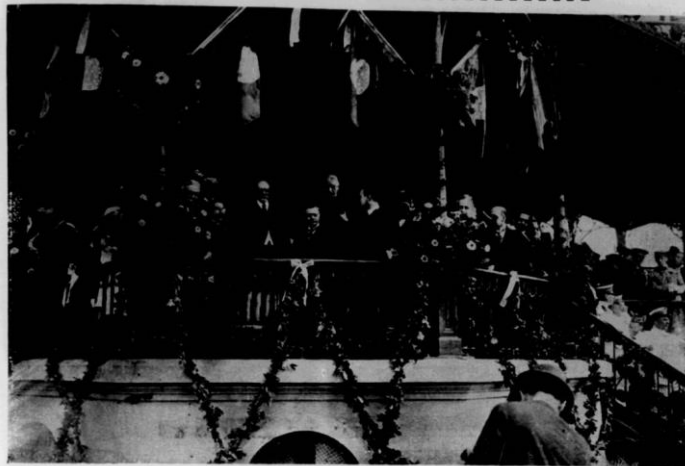
outros d'rigentes; ante, do Sr. Epitacio Pessoa. Na verdade, D. Pedro II era tão democratico, tão popular, como os mais populares e mais democraticos pre sidentes de 1889 para cá... O governo mudou de ctingua, apenas, quando o *Alagias* sahio a barra, naquella triste ma dru ga da de No vem bro, ha trinta e tres annos... Outro rótulo e sangues diferentes... Nada mais...







Para todos..

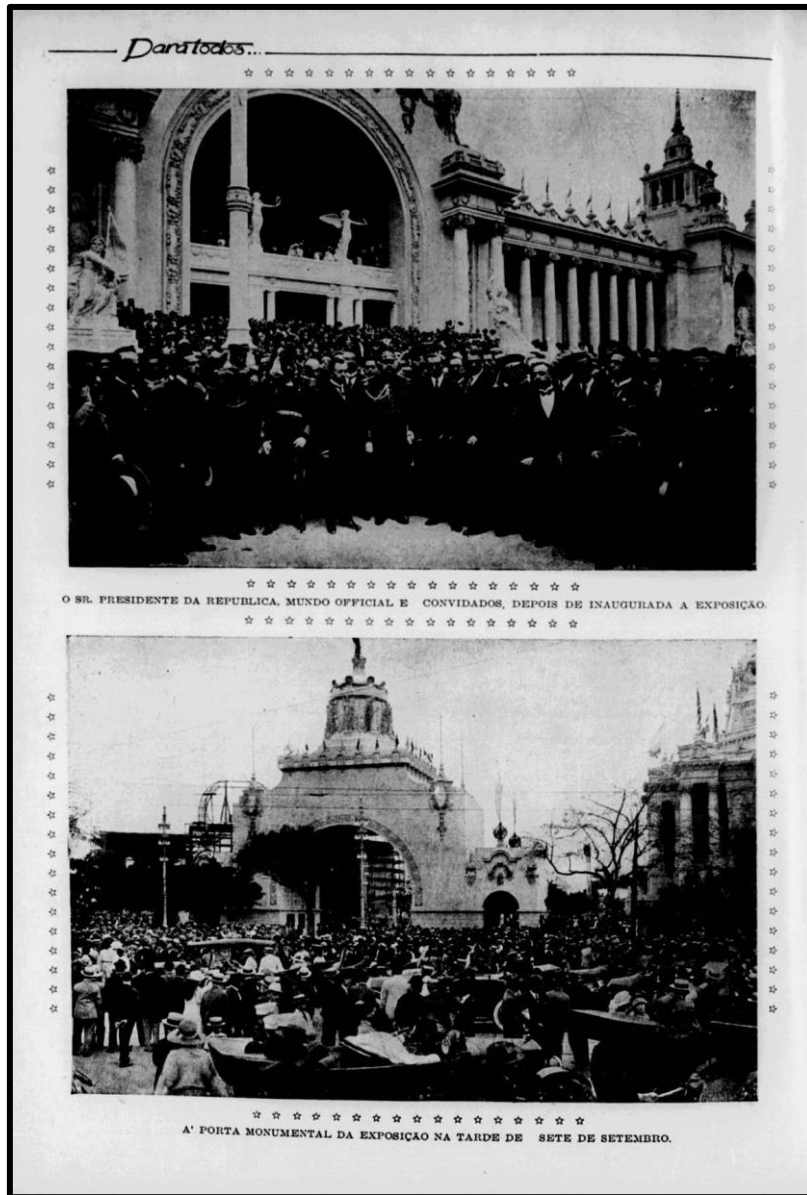


O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, EMBAIXADORES ESTRANGEIROS E MINISTROS DE ESTADO, NO PAVILHÃO DE HONRA, ASSISTEM AO DESFILE DAS TROPAS, NO CAMPO DE S. CRISTOVÃO.

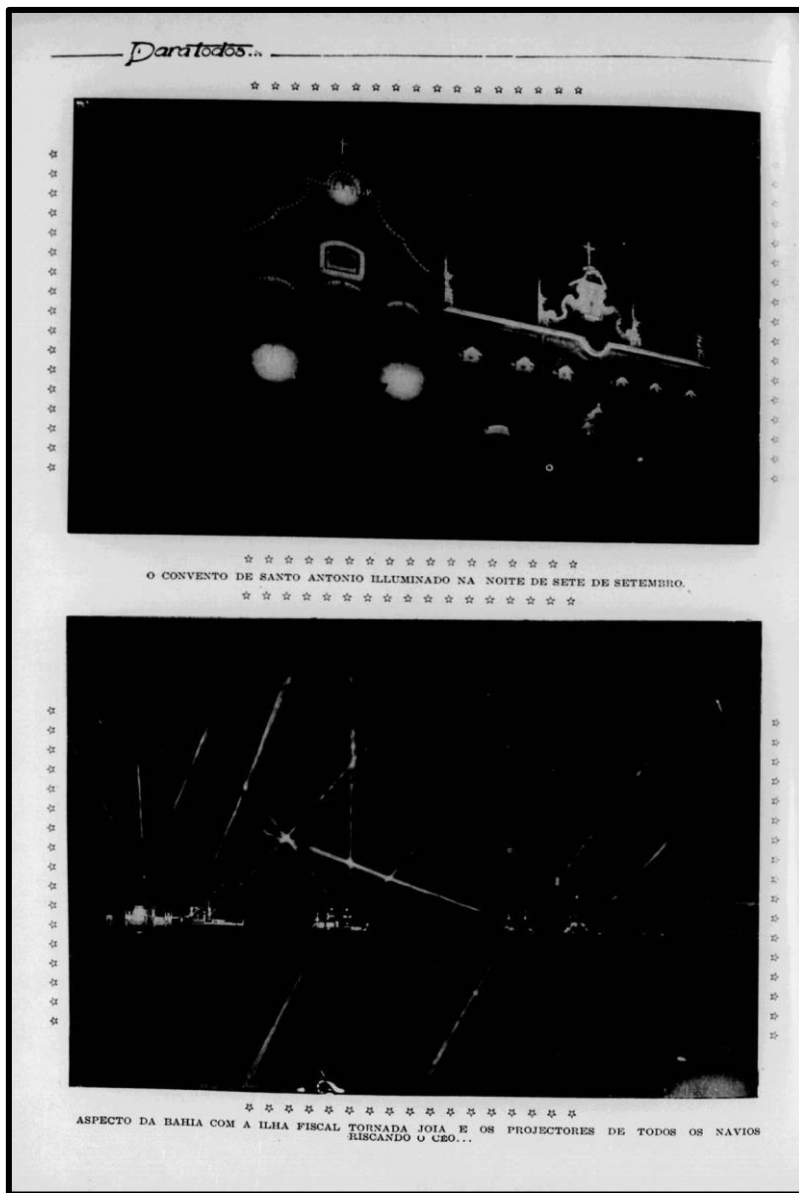


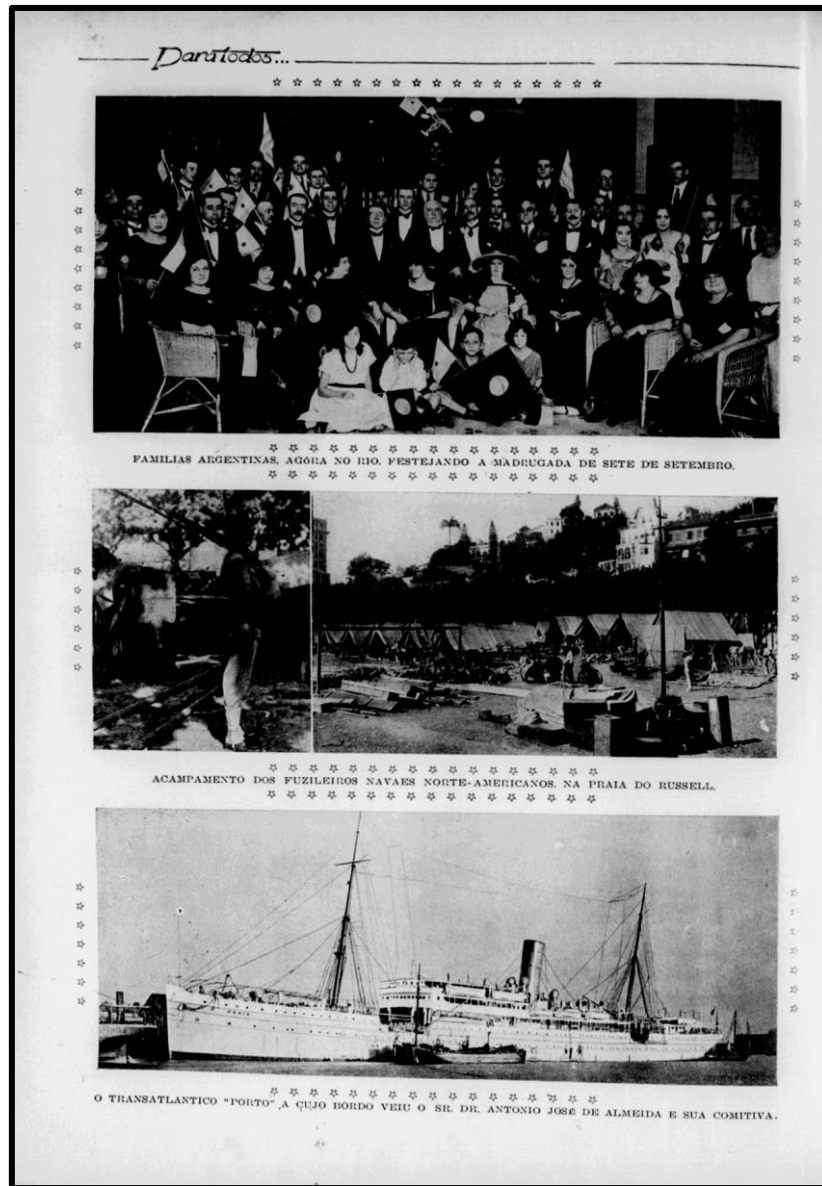
OS "TANKS" DO EXERCITO BRASILEIRO NA GRANDE PARADA DO DIA 7 DE SETEMBRO.





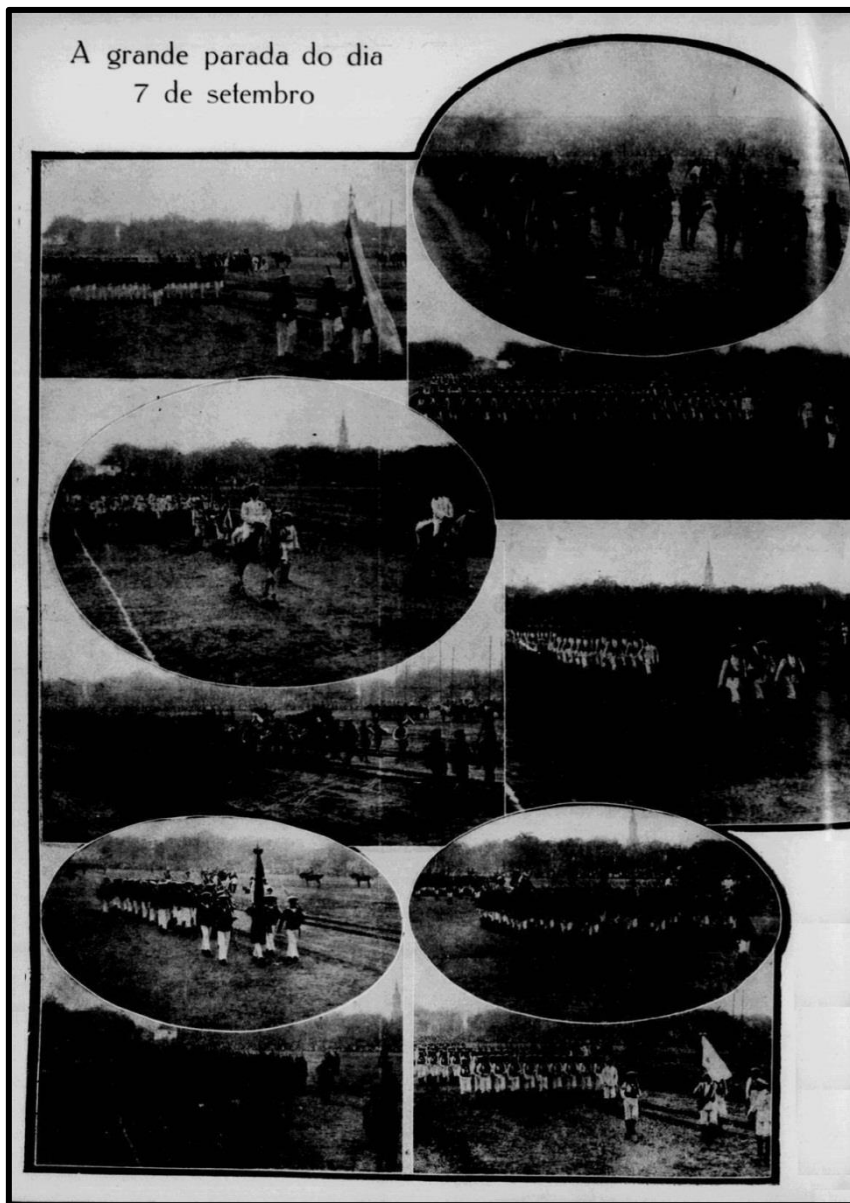


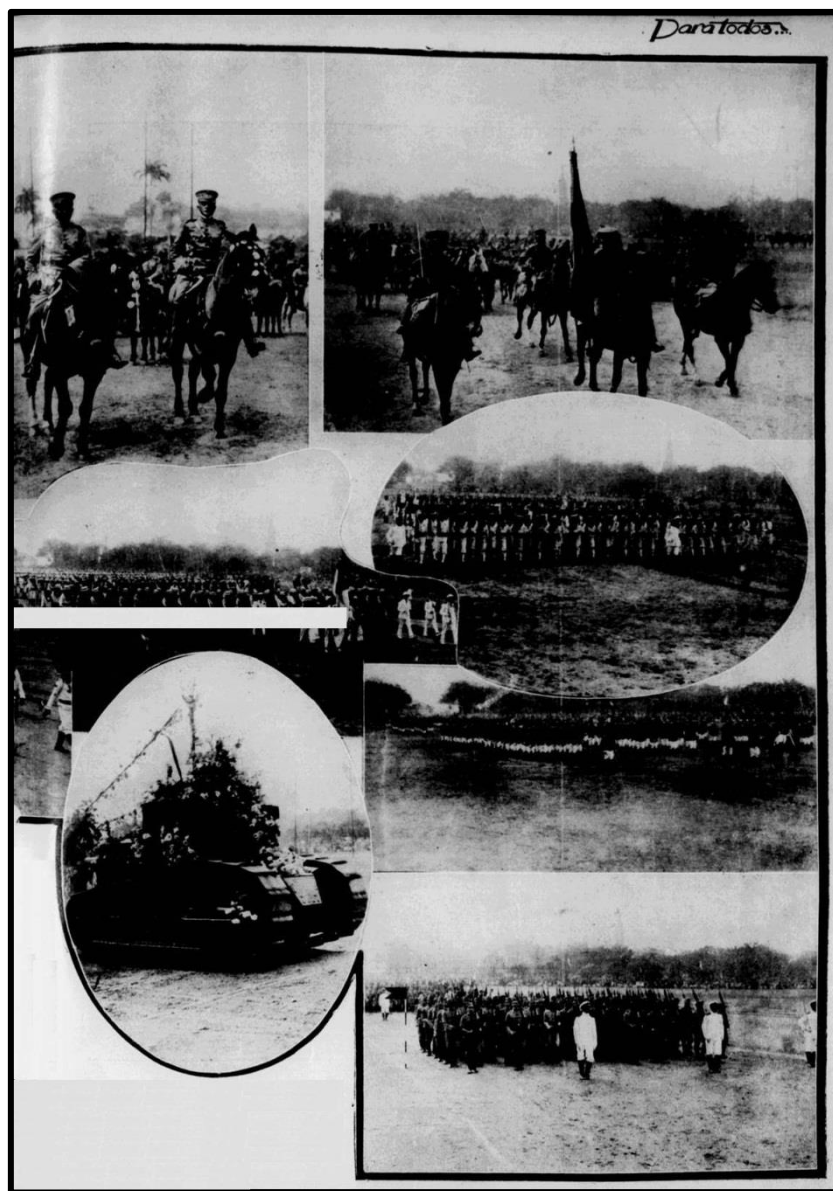




FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A grande parada do dia
7 de setembro







Dar á todos...

HA CEM ANNOS...

Antes de hontem, 21 de Setembro de 1922, fez cem annos que José Clemente Pereira reuniu o Senado da Camara para designar o dia da acclamação de D. Pedro, imperador do Brasil. Foi marcado o dia 12 de Outubro e expedido o seguinte edital:

"O Senado da Camara faz saber ao povo e tropa desta cidade que, tendo previsto que era vontade unanime de todos



ASPECTO DE UMA RUA DO VELHO RIO DE JANEIRO.

a acclamação de Sua Alteza Real se faça solemnemente no dia 12 de Outubro, natalcio do mesmo senhor, não só nesta capital, mas em todas as villas desta provincia, e tem justos motivos para esperar que a maior parte das provincias colligadas pratiquem outro tanto no mesmo fausto dia. E porque será muito importante a causa do Brasil, muito glorioso ao acerto com que este vae dirigindo a grande obra da sua Independencia,



UM "PIC-NIC". HA UM SIBULO... AS VIOLAS CANTAM, ACUMULANDO O PAI QUE DANSA O LUNDO...

acciamar imperador constitucional do Brasil a Sua Alteza Real, o Principe Regente; desejando acautelar que algum passo precipitado apresentasse com cores de partido laccio-so um acto que a vontade de todo o Brasil requer e que por esta razão e pela importancia de suas consequencias deve apparecer á face do mundo inteiro revestido das formulas solemnes que estão reconhecidas por enunciativas da vontade unanime dos povos, tem principiado a dar as providencias necessarias para que



UM ENTERRO NO TEMPO DE D. PEDRO I.

e de muita admiração finalmente para os povos espeda-ciaes, se no mesmo dia 12 de Outubro fôr Sua Alteza Real acciamado imperador constitucional do Brasil se le-nemente em todas ou quasi todas as suas provincias, roga o mesmo Senado ao povo e tropa desta cidade que suspendam os transportes do seu entusiasmo ate ao expressado dia, e ao mesmo tempo os convida para que, reunido-se a elle, o acompanhem a fazer solemne, grande e glorioso tão importante acto;

Dar todos...



PERNAMBUCO. CAMPEÃO BRASILEIRO DE "TENNIS".

FESTEJOS SPORTIVOS DO CENTENARIO

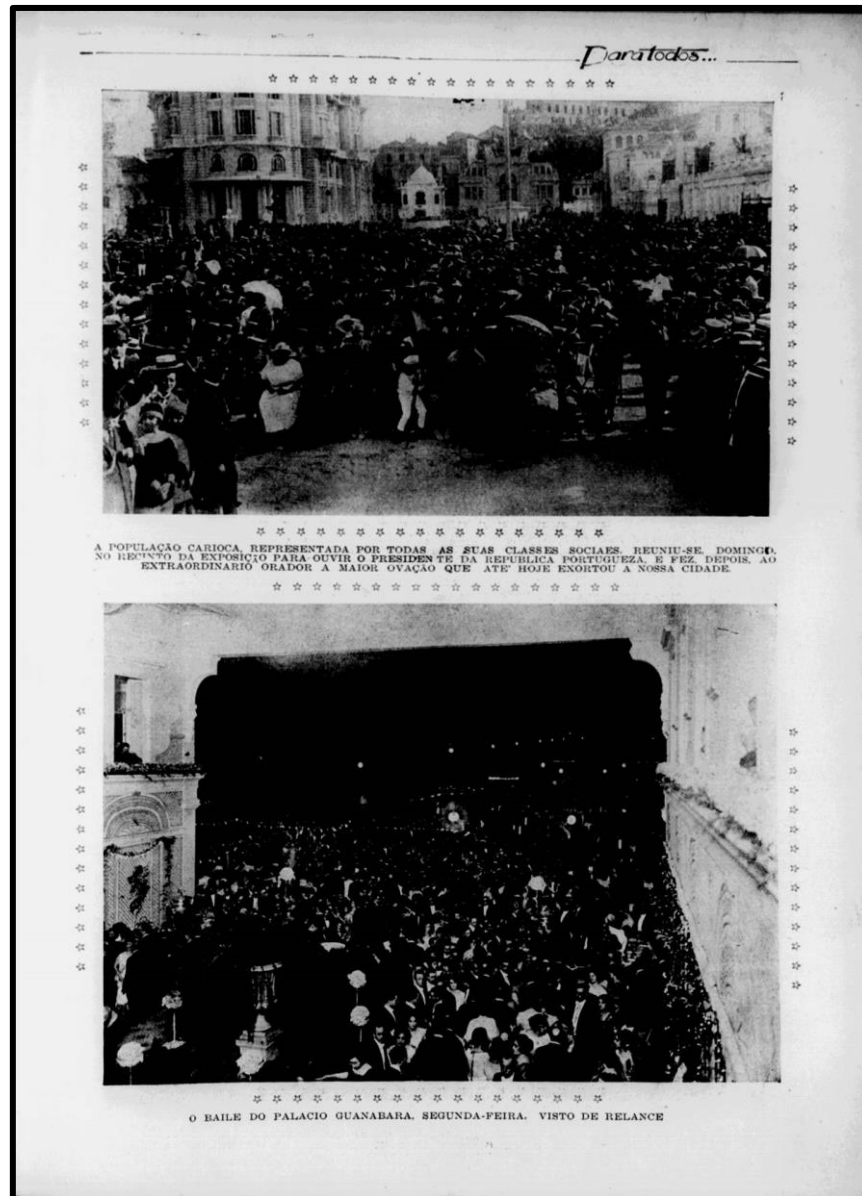
Do programma da Comissão Organizadora, cuja brilhante execução está a findar, consta para hoje ás 3 1/2, no stadium d Fluminense, o encontro dos teams de football do Chile e do Uruguay, na disputa do Campeonato Latino Americano; e para amanhã: ás 2 horas, *steeple chase*, no Jockey Club; ás 2 horas também, natação (Campeonato Latino Americano) na piscina do Fluminense e ás 3 horas, football: Brasil x Paraguay.

Na disputa do Campeonato Latino Americano de Hipismo venceu o Capitão Fernandez Bazan (argentino). O segundo lugar cabe ao Tenente Guilherme Cood (chileno). O terceiro lugar foi conquistado pelo Major Miguel Costa (brasileiro).



NO CAMPO DO CLUB DE REGATAS DO FLAMENGO, SEGUNDA-FEIRA DA OUTRA SEMANA.

INSTANTANEOS DA PROVA DE 12 OBSTACULOS, A QUAL CONCORRERAM 37 CAVALLEIROS.



Para todos...

ANNO IV



NUM. 199

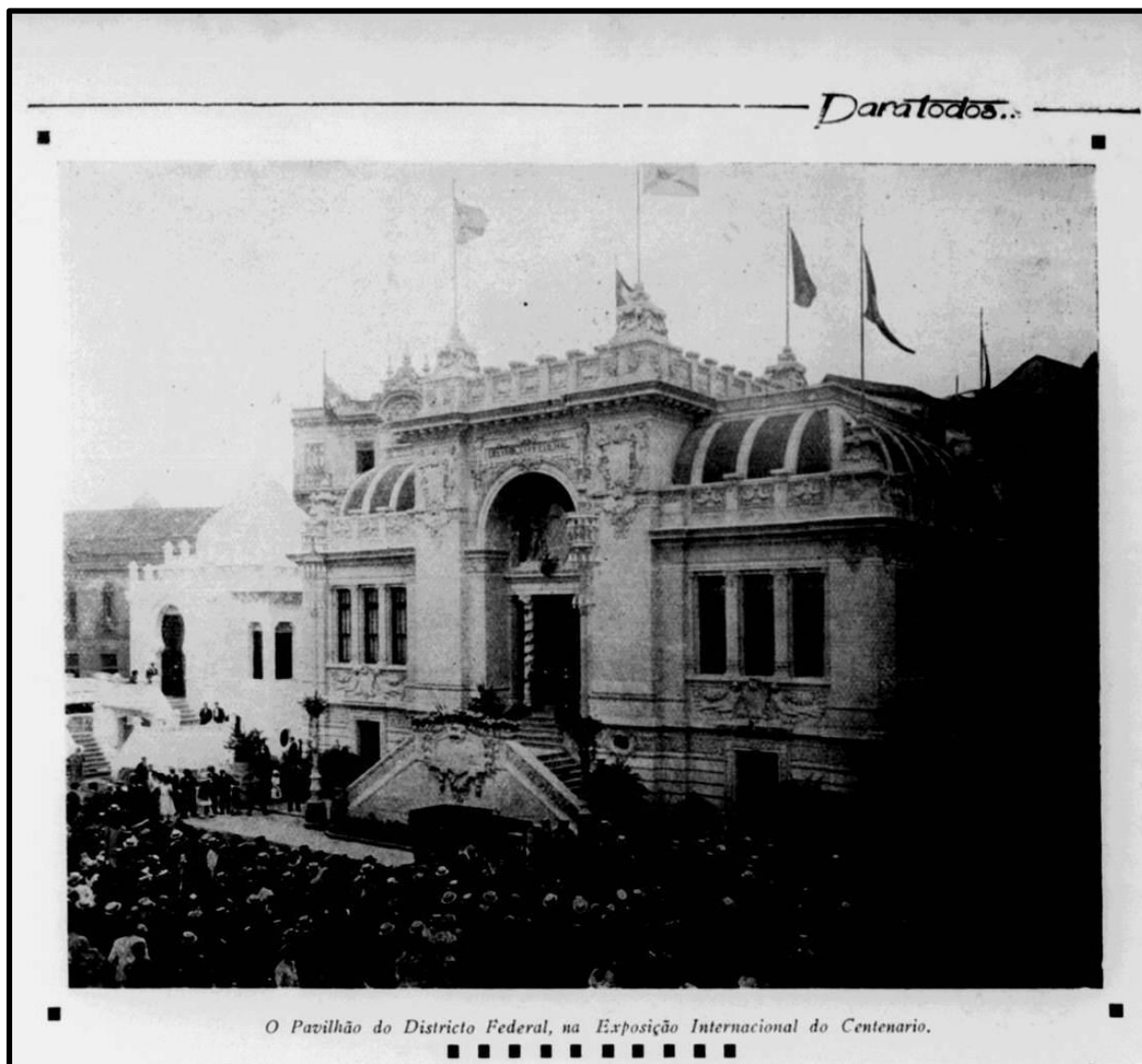
RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1922



Sua Excellencia o Sr. Dr. Antonio José de Almeida condecorando a bandeira da Escola Naval com as insignias da Torre e Espada.



O prestito a caminho do côa, no dia do regresso do Presidente de Portugal.





O Sr. Dr. Carlos Sampaio, no dia em que recebeu as homenagens dos funcionários da Exposição.



OUTRAS REVISTAS

LEITURA PARA TODOS

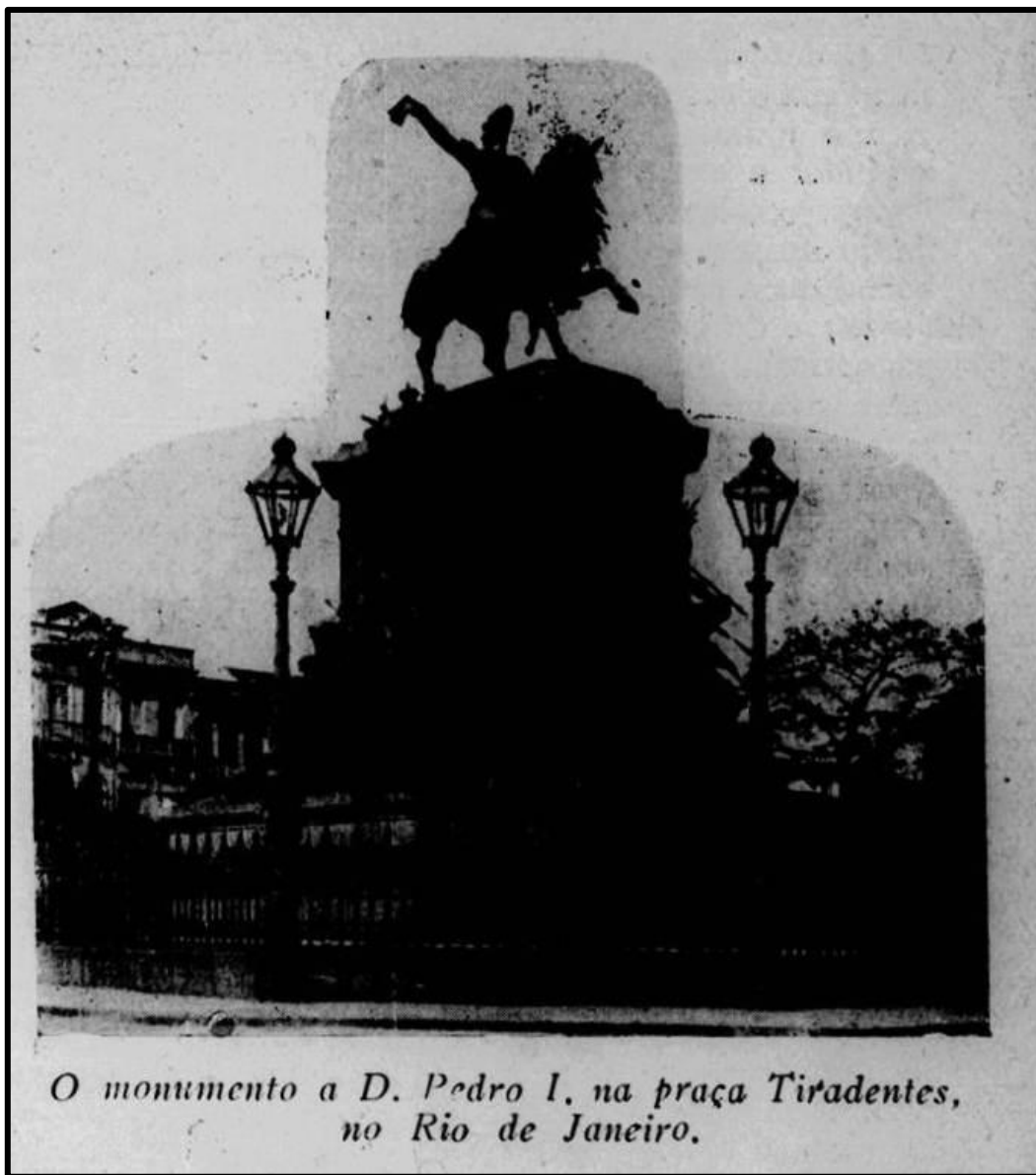
O estímulo e a difusão ao ato de ler foram as propostas essenciais de *Leitura para todos*, revista publicada no Rio de Janeiro desde 1905. Era uma edição mensal destinada a “cumprir o vasto programa a que a obriga o seu título”, sendo, “pelo seu feitio e pelo seu preço, antes de tudo destinada às classes populares”. Afiançava que passaria por constantes melhoramentos realizados a partir das modernas rotativas voltadas à sua impressão e, em consonância com a sua proposta de atingir a popularidade, garantia que ofereceria um preço acessível, para a qualidade gráfica colocada à disposição do público. Seu escopo estava vinculado à ação de “informar, instruir e deleitar a todo mundo, ocupando-se de tudo que a todos interessa”, visando assim a ser uma “revista de informação”, trazendo material iconográfico e um “texto claro e fácil, interessando-lhe “os fenômenos da natureza, os mecanismos industriais, as obras de arte, as noções científicas, os sistemas filosóficos, os sucessos históricos e políticos” e “as crises sociais e econômicas”²¹.

A edição destinada ao tema do centenário da independência era ilustrada com registros iconográficos dos monumentos estatuários no Rio de Janeiro, do primeiro imperador brasileiro e do denominado patriarca da independência; dos retratos dos identificados como os “próceres da independência”, caso de D. Pedro I, José Bonifácio, Padre Ildefonso, Padre Januário, José Clemente Pereira e

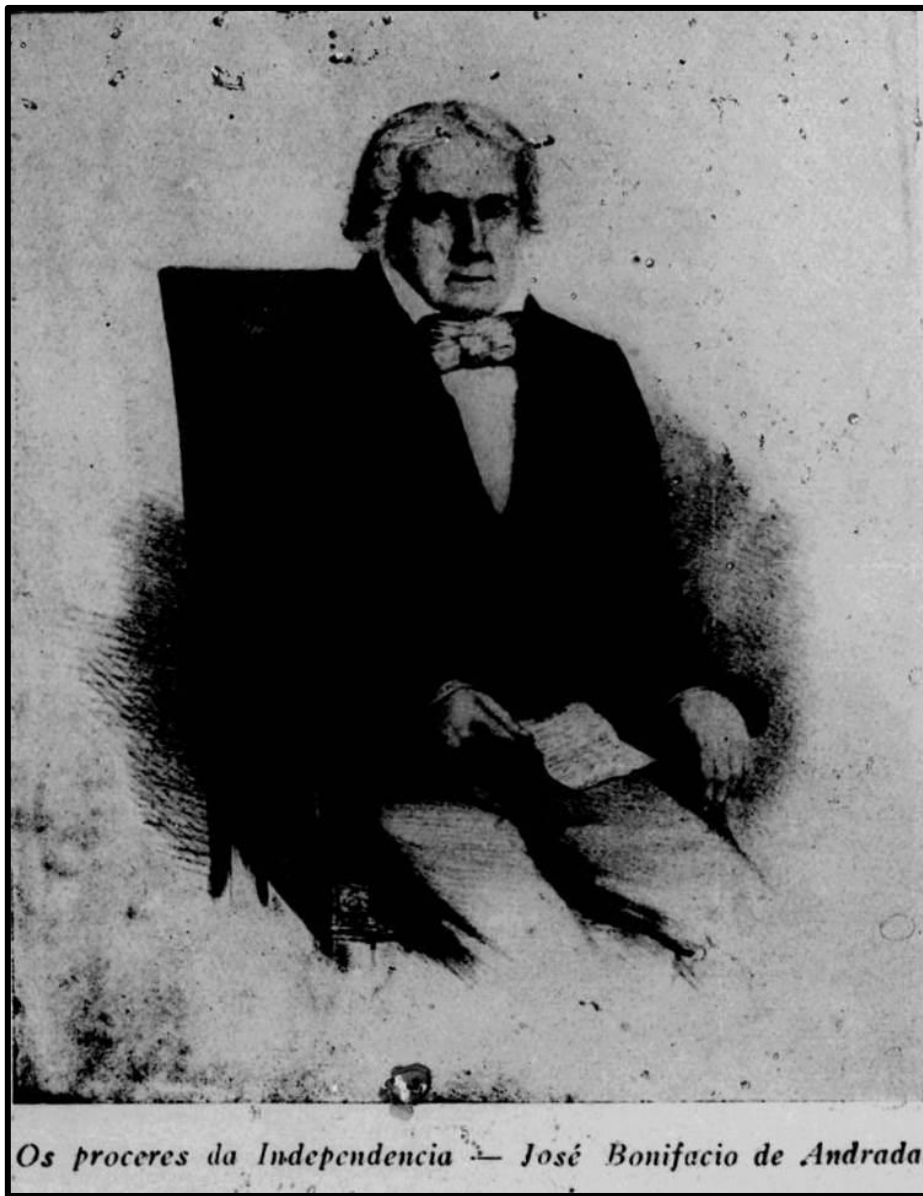
²¹ LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, nov. 1905.

Evaristo da Veiga; além de fotografias de lugares específicos como a Chácara das Paineiras, no Ipiranga, com seus vínculos ao processo emancipacionista e o antigo Largo de S. Gonçalo; bem como uma reprodução documental contendo um dos primeiros decretos do Brasil independente. De acordo com sua proposta, ao comemorar “a grande data, cara a todos os brasileiros, do primeiro centenário da independência”, a “melhor homenagem” seria a de “prestar aos próceres dessa epopeia”, a transcrição de um “belíssimo trabalho”, que enaltecesse as ações de tais figuras históricas²².

²² LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, set. 1922.

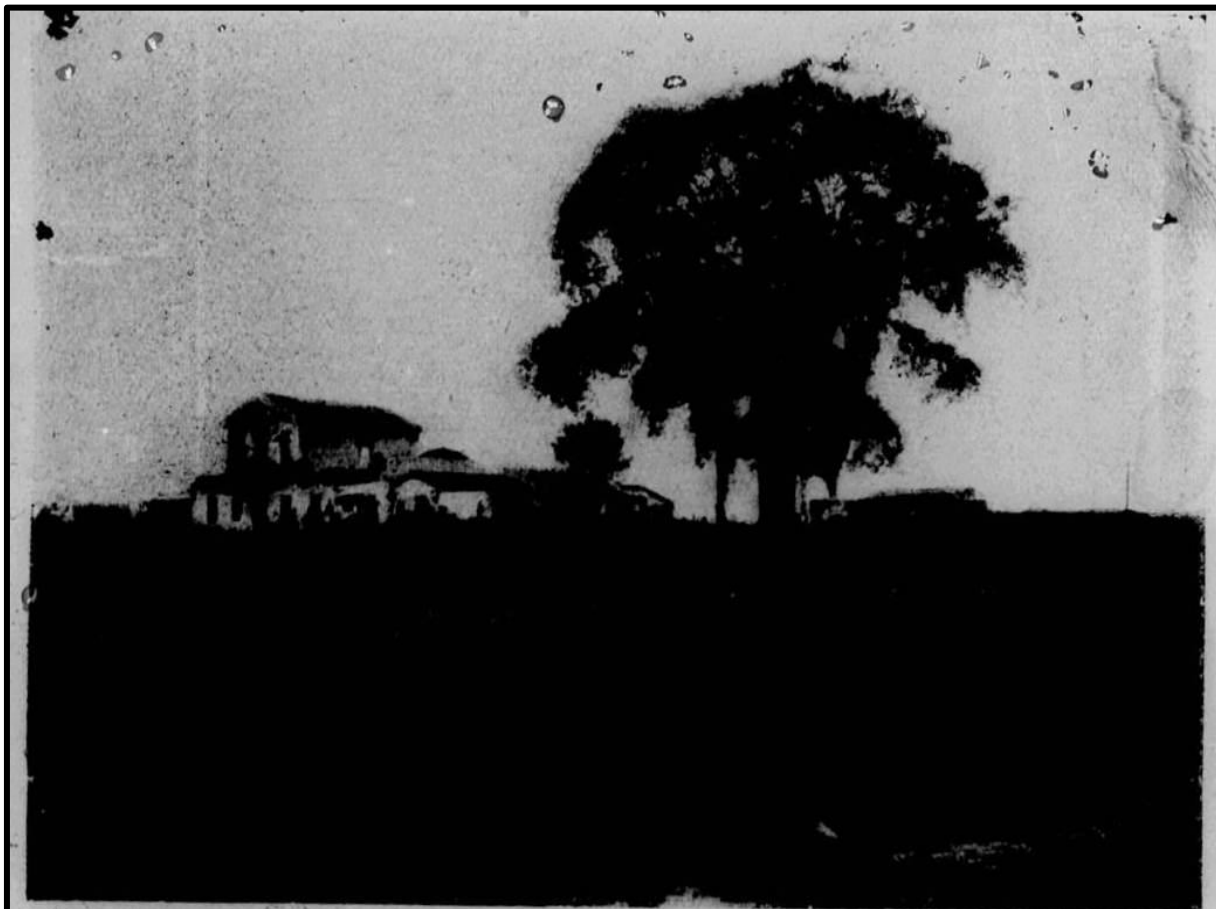








O Padre Ildefonso, em 1845.



Chacara das Paineiras, no Ypiranga, onde, ao tempo da Independencia, se hospedaram os personagens que de Santos demandavam S. Paulo.

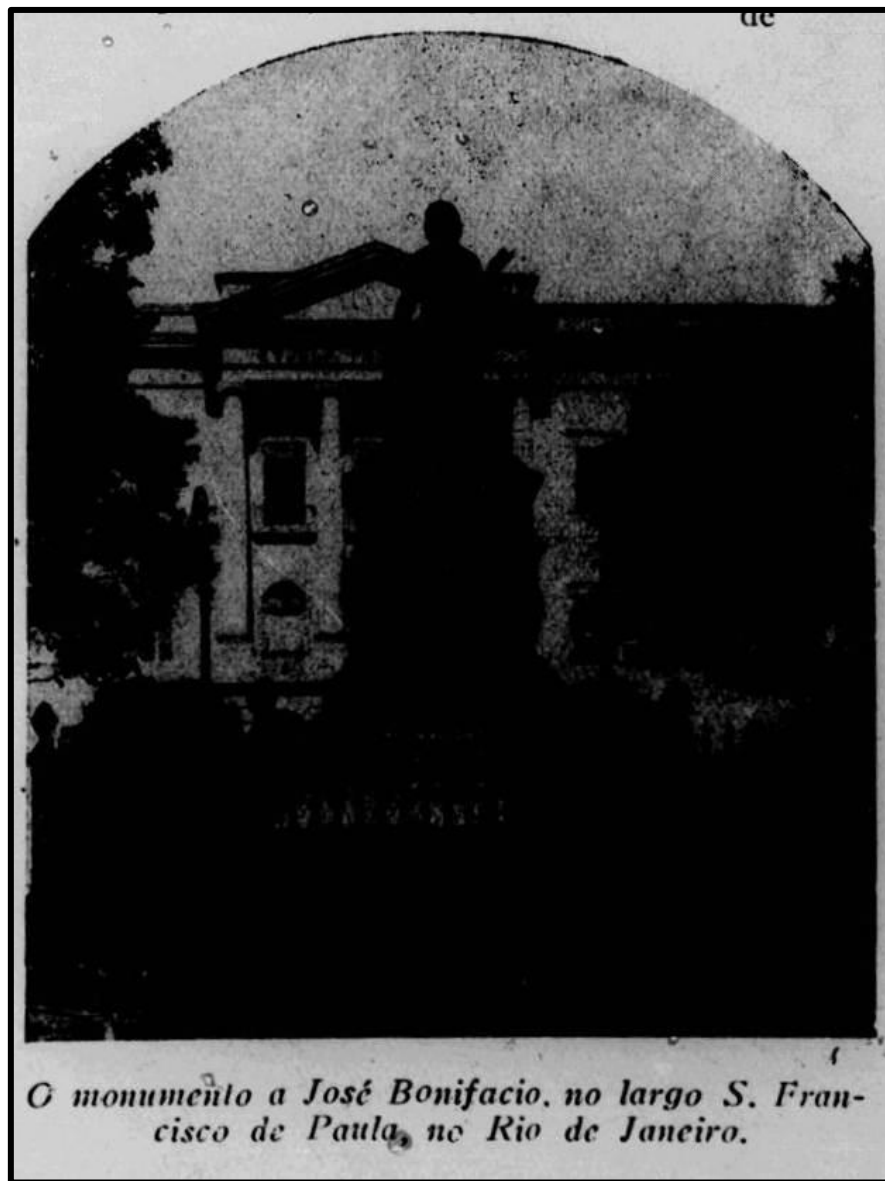








Evaristo da Veiga.



O BEIJA-FLOR

Uma publicação quinzenal que se intitulava revista infantil ilustrada, *O Beija-Flor* foi editado na cidade de Petrópolis, desde o ano de 1915. Utilizando-se simbolicamente de seu título, o periódico demonstrava o público-alvo de suas edições, afirmando estar “ansioso pelos carinhos dos pequenos”, de modo que, “onde for recebido, lá vai ele cantar ao criador, alegre e feliz, tudo quanto há de belo e de bom”. Dizia que “*O Beija-Flor* sabe contos tão lindos; tem quadros e figuras que são um primor” e “distribui brinquedos e livros em inúmeros concursos”, garantindo que seu aparecimento traria “palmas de prazer” e as crianças viriam “correndo para ouvirem as lindas histórias do arco da velha, as poesias que ele conhece e ensina, e tantas outras coisas boas com que vai brindar a todos que lhe querem bem”. Também afiançava que os pais ficariam “radiantes de alegria” pela sua visita, ao verem “que ele não se arrasta no chão, nem se alimenta de vermes, mas sim voa alto, visita as flores e lhes sorve o néctar puro”²³.

O número comemorativo do centenário estampou uma capa com quatro crianças em postura de enaltecimento cívico à pátria, com a presença do estandarte nacional, de uma coluna com as datas alusivas, uma efígie de D. Pedro I e a estátua equestre erguida no Rio de Janeiro em homenagem ao

²³ O BEIJA-FLOR. Petrópolis, jan. 1915 (1ª quinzena).

primeiro imperador²⁴ e, à ilustração era acrescida a frase: “Salve, Brasil, glorioso!”. A matéria sobre o “Sete de Setembro” trazia os retratos de Pedro I e José Bonifácio, e o editorial, prenhe em regozijo, chamava-se “A etapa máxima”:

A nação brasileira comemora hoje, de modo singular, plena de júbilo e ufania, a sua independência secular; de jubilo intenso, porque há cem anos o Brasil usufrui os benefícios insubstituíveis da liberdade; de legítima ufania, porque nesse período de sua existência gloriosa tem conquistado inúmeras vitórias no campo da civilização, demonstrando ao mundo a sua grandeza onímoda e o incontestável valor de seus cidadãos.

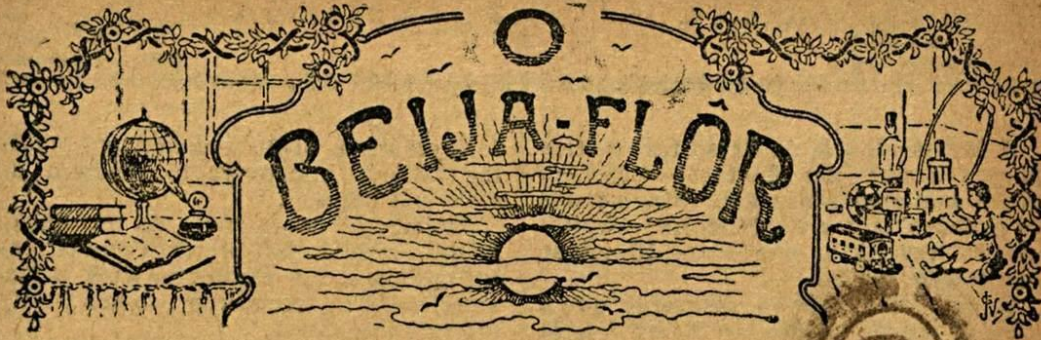
Alentada pelo prestígio desse passado, prosseguirá, sobranceira, confiante no porvir auspicioso, que já se reflete nitidamente na alma patriótica da infância, em cujo grêmio se contam os numerosos leitorezinhos desta revista.

A todos, pois, a congratulação festiva, vibrante e ardorosa de *O Beija-Flor*.

²⁴ O BEIJA-FLOR. Petrópolis, ago. - set. 1922.



Anno VIII - 2^a. Quinzena de Agosto e 1^a. de Setembro de 1922 - Nums. 16 e 17

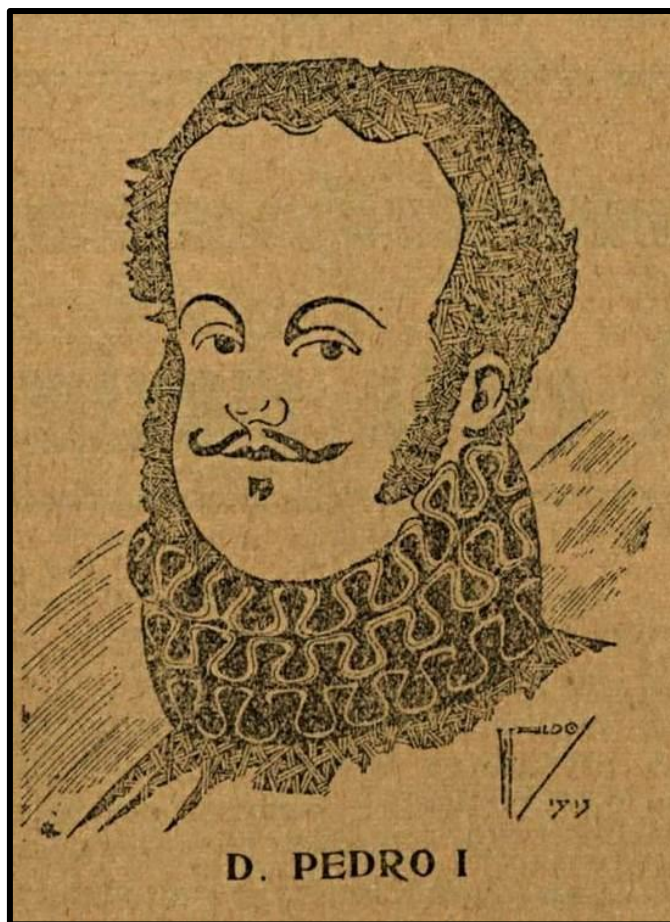


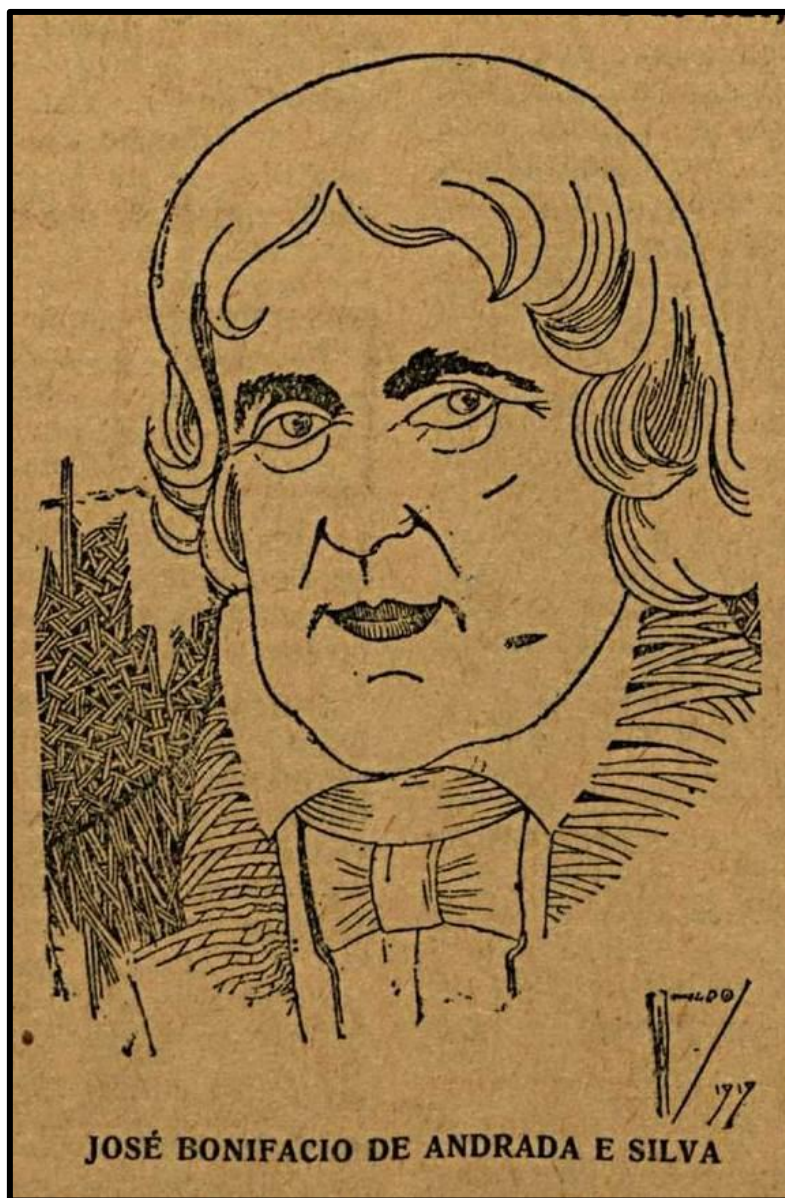
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Redacção e Administração : CENTRO DA BOA IMPRENSA — PETROPOLIS

Assignatura annual: 5\$000 — Número avulso: 500 réis







A.B.C

Publicada no Rio de Janeiro, a partir de 1915, *A.B.C* foi uma revista ilustrada de cunho satírico e, ao contrário da “maior parte dos jornais”, que “costuma explicar pelo título o programa a que eles vão obedecer”, resolvera “escolher um título que não explicasse coisa alguma”, ou seja, adotar “um título alfabético”. Dizia não pretender imiscuir-se pelos caminhos da política ou da diplomacia, atribuindo a si mesma uma tarefa “menos maquiavélica e mais didática”, procurando “iniciar o público na compreensão elementar de certas verdades sobre as quais se costuma basear, na generalidade dos países cultos, o juízo da opinião”. Garantia ainda que enfrentaria “as incógnitas da nacionalidade”, estudando “os problemas genéticos da nossa formação étnica, econômica, cultural”, para decifrar, “no meio desta confusa, tumultuosa e obscura alquimia de raças, o mote do porvir do país”. Levando em conta o lema “*ler ire est propre de l’homme*”, intentava pregar “com o ar mais carnavalesco” que fosse “possível o sermão mais ortodoxo que, porventura, as quaresmas da nação aconselharem”²⁵.

Estampando a clássica ilustração de Pedro Américo a respeito da proclamação da independência em sua capa, *A.B.C* apresentava “a alvorada da liberdade nas margens do Ipiranga”. Já no editorial, denominado “Uma grande

²⁵ A.B.C. Rio de Janeiro, 27 fev. 1915.

hora nacional”, o periódico afirmava ter chegado o país a um momento de maturidade em sua existência²⁶:

O que festejamos agora, na rútila efeméride que viemos, não é só o registro dos nossos primeiros cem anos de nação livre. o primeiro centenário da nossa independência é, sem dúvida, uma data brilhante, e que tem para nós a mais alta significação.

Pela primeira vez, os brasileiros vemos fechar, entre festas, um século de liberdade, que conquistamos pelo nosso esforço, seguindo a espiral de um desenvolvimento harmônico.

Assim considerado, o acontecimento é daqueles que sabem acordar as cordas invisíveis do entusiasmo, pondo-nos à boca as vozes vibrantes do júbilo. A maior significação do feito, porém, deve estar, para nós, na demonstração que ele nos deu, da consciência da nossa individualidade.

O que ora festejamos é, sobretudo, a afirmação do Brasil novo – do Brasil que adolece, com o brio, com a força, com o poder de realização que lhe dá a posse de uma vitoriosa mocidade. Antes de tudo, celebramos a conquista de uma nova mentalidade. (...)

E já forjamos a nossa alma.

O Brasil de hoje é uma força consciente, que delibera e por si mesma executa; é já um fator cuja ação se faz sentir no concerto das influências internacionais, a que o tem imposto o reconhecimento das suas possibilidades.

Para ele, a alta finalidade de ser o cenário da civilização do futuro.

Ele já adquiriu a consciência do seu esforço. É um Brasil grande, fértil, servido de uma inteligência prematura, educada, na ambiência do século, ao calor do método positivo, que lhe imprime direção aos processos de investigação e a atividade. Para longe o Brasil, informe, caótico, o Brasil dos ensaios e das tentativas, o Brasil mórbido, trôpego, na insegurança mecânica dos seus primeiros passos. O Brasil é uma nação que se afirma e entra, resoluta, no vestibulo da história.

E o que ele celebra no primeiro centenário da sua independência é, antes de tudo, a plenitude da sua força, o triunfo sagrador da sua mentalidade.

²⁶ A.B.C. Rio de Janeiro, 9 set. 1922.

POLITICA
ACTUALIDADES

A.B.C.

QUESTOES SOCIAES
LETRAS e ARTES

ANNO VIII — N. 392


Dirrecção e propriedade
de
PAULO HASSLOCHER E LUIS MORAES

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Redacção e Administração :
Av. Rio Branco, 110 - 2º andar
Edifício do "Jornal do Brasil"
Telephone 4088 Central — Caixa Postal 582

Rio de Janeiro, Sabbado 9 de Setembro de 1922

Numero avulso 100 réis
Assiguaturos : Anno dez mil réis
Publicidade: trata-se na Administração



A ALVORADA DA LIBERDADE NAS MARGENS DO YPIRANGA

LAVOURA E CRIAÇÃO

Voltada aos temas vinculados às lides agropecuárias, *Lavoura e criação* constituiu uma publicação mensal que passou a circular no Rio de Janeiro em 1916. Ela se propunha a “fornecer aos lavradores e criadores quaisquer informações sobre agricultura, bem como instrumentos agrícolas, adubos, sementes, livros, medicamentos e instrumentos veterinários”. Em seu programa, demarcava que buscava “fomentar o progresso geral da agricultura nacional e promover especialmente o desenvolvimento da indústria pastoril, em todas as suas manifestações, tão pouco cuidada ainda, apesar dos grandes recursos naturais” do país. Afirmava ainda que seriam fracos os resultados de seus esforços, se ao encontro daquela proposta jornalística não viesse “a animação de todos os que realmente se interessam pela sua própria causa e pela prosperidade” nacional²⁷.

Tal revista destinada aos assuntos agrícolas e pastoris dedicou uma edição à “fundação da pátria brasileira”, apresentando na capa os marcos cronológicos 1822 – 1922, ao mostrar, em primeiro plano, a figura de José Bonifácio e, mais ao fundo, D. Pedro I, além disso faziam parte da ilustração três dos grupos étnicos que compuseram a formação social brasileira, com a presença do negro, do índio e do branco. O quadro de Pedro Américo, “O grito da

²⁷ LAVOURA E CRIAÇÃO. Rio de Janeiro, out. 1916.

independência” servia de base iconográfica para o texto alusivo ao “primeiro século”, o qual se referia às comemorações e aos recursos do país²⁸:

Aí está o Brasil, focalizando num grande certame o que tem sido o trabalho no primeiro século de sua vida autônoma.

A essa festa de expressiva comemoração associam-se povos de três continentes, num mesmo sentimento de amistosa cordialidade, o que ainda mais brilho dá ao nosso centenário, numa expansão de paz e harmonia, quando, ao longe, com rancorosos ressentimentos, se encaram ainda tantos povos que, após colossal catástrofe, só falam em paz mas só pensam em guerra.

Seja a nossa exposição internacional de 7 de setembro um elo a prender unidas todas as nações, movimentando a troca de bons serviços recíprocos, completando-se todas em suas deficiências, expandindo todas em suas virtualidades.

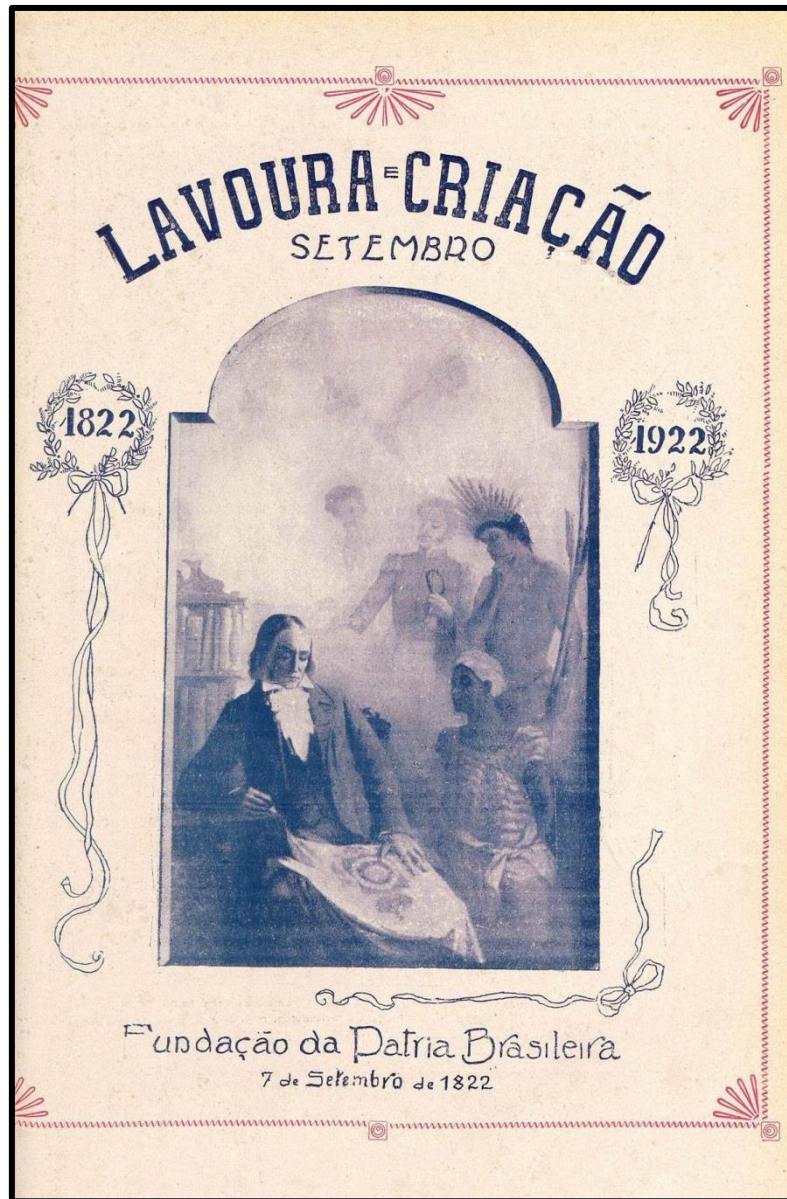
Nessa exibição haverá muito ensinamento e muito que aprender.

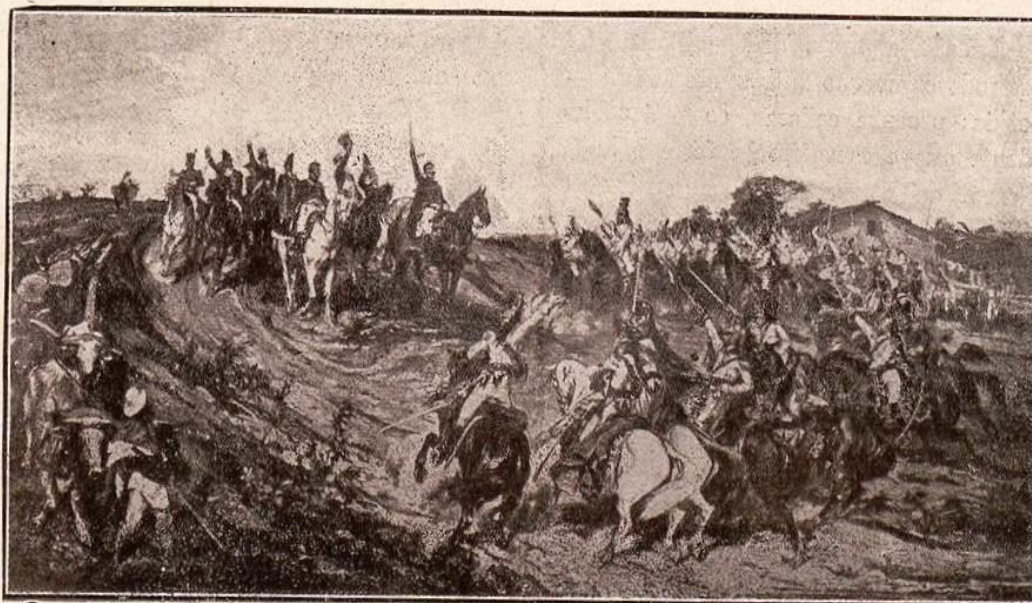
Se ao mundo abrimos todo o mostruário do que possuímos, que dirá o que somos, o que poderemos oferecer como utilidade à vida e à indústria dos povos que nos visitam, deveremos também estudar com meditada atenção o que nos trazem eles como lição de velhos e experimentados mestres nessa obra que firmou a civilização dos novos tempos.

Somos um país de extensas terras, temos terras que nos oferecem toda sorte de riquezas vegetais e minerais, terras sulcadas por grandes rios, preciosos canais, vias de comunicação interna por todo o país; temos uma imensa costa, com inúmeros portos de mar, dando amplo e seguro abrigo a todas as frotas do mundo; para acionar o motor da indústria, temos torrentes de energia que lhe poderão assegurar positiva preponderância. (...)

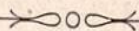
Poderíamos ter feito muito mais; temos, porém, direito de confiar no futuro, que já agora não será somente uma esperança da sensibilidade brasileira, mas pra todo o mundo uma expectativa de positivas realizações.

²⁸ LAVOURA E CRIAÇÃO. Rio de Janeiro, set. 1922.





O GRITO DO IPINRANGA
Vê-se D. Pedro I, de espada desembanhada, proferindo as historicas palavras:
INDEPENDENCIA OU MORTE.



REVISTA SOUZA CRUZ

Vinculada a uma indústria tabagista, foi editada desde 1916, no Rio de Janeiro, a *Revista Souza Cruz*, a qual lembrava o crescente interesse por tal gênero jornalístico, tendo em vista que as mesmas “falam sobre mil e um assuntos sem se deter, propriamente, na apreciação demorada de qualquer deles”. Desse modo, dizia que, “para se adaptar ao gosto do público inteligente”, a magazine se transformara em uma “publicação eminentemente moderna”, que oferecia “ao leitor uma leitura variada, ligeira, que instrui sem pedantismos e deleita, encanta e prende a todos os espíritos, sem distinção de sexo, idade, profissão ou estado de fortuna”. Anunciava que “a inumerável e inteligente clientela dos incomparáveis produtos da Companhia Souza Cruz” encontrariam “de tudo” em suas páginas, como “arte, ciência, literatura, indústria, comércio, estatísticas, entretenimentos infantis, conselhos de economia doméstica” e “advertências da elegância e da moda”. Destacava que traria também aos leitores “os lindos contos, as belas poesias, as crônicas leves e graciosas” e “as informações interessantes”, contando “com um excelente corpo de colaboradores, escolhidos entre os que mais brilho emprestam à vida artística, científica, literária e mundana da culta sociedade brasileira”²⁹.

Por ocasião da data do centésimo ano do Brasil, a revista trazia à capa a figura de uma dama/liberdade, que carregava a bandeira nacional, aparecendo

²⁹ SOUZA CRUZ. Rio de Janeiro, 30 nov. 1916.

ao fundo o raiar do sol, com os anos que demarcavam a efeméride – 1822-1922. A propaganda de um dos produtos da empresa que patrocinava a edição da revista também lembrava o centenário, ao estampar a imagem do monumento equestre de D. Pedro I. A crônica de abertura do periódico era alusiva ao dia da independência e mantinha um tom de ufanismo³⁰:

Até ontem, e não sem certo orgulho, nós nos considerávamos na lista dos povos que são felizes porque não têm história; hoje, porém, como queremos possuí-la, para maior edificação do mundo durante as festas do celebrado 7 de Setembro, tratamos de procurá-la e, pelos modos, fomos encontrá-la, exemplar e esplêndida, como um grande no misterioso que há cem anos, bramindo ou cantando, passasse à beira de todos nós, sem que ninguém nele se quisesse espelhar.

Um século de civilização brasileira!

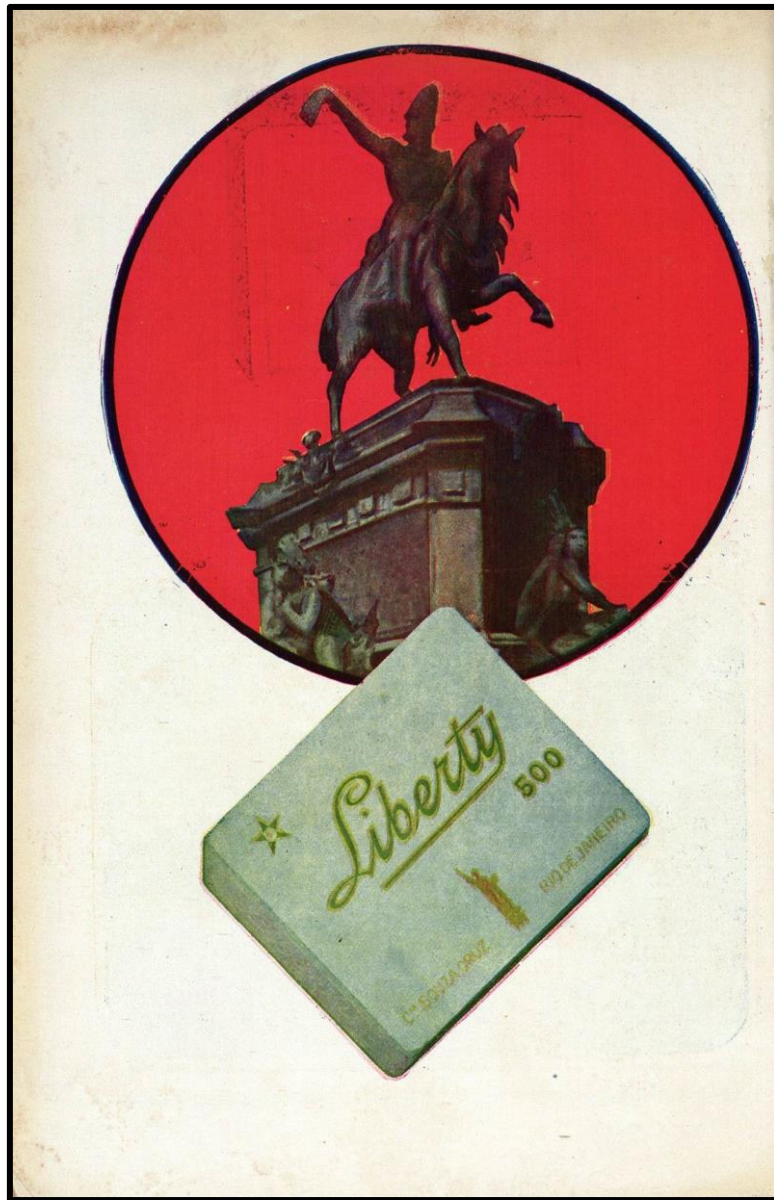
Eu sabia que a minha terra é a mais linda do universo e que a nenhuma outra estão reservados maiores destinos, porque nenhuma encerra em suas entranhas tanta abundância de tesouros, nem em cada semente tamanhas esperanças de colheitas vastas. Abria de quando em quando o livro quase inteiramente branco de sua história, e ficava a conjecturar que páginas não iriam ali escrever as gerações de amanhã, que capítulo não iria ali avultar com o enxame da raça que vinha lutando nos processos acidentados e dramáticos de sua formação.

Mas hoje, (...) já não é lícito desconhecer que nós temos também uma história, e, o que mais importa, continuamos a ser um povo feliz.

³⁰ SOUZA CRUZ. Rio de Janeiro, set. out. 1922.



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A REVISTA

A Revista foi uma publicação mensal lançada no ano de 1919 e editada na localidade fluminense de Niterói, buscando elevar os “méritos intelectuais” da comunidade. Pretendia levantar os “assuntos de interesse” ao longo de trinta dias, abordando-os por meio de bosquejos, críticas e estudos proveitosos. Além da política e da ciência, buscava constituir “uma revista destinada ao doutrinamento do civismo, ao incitamento da arte, ao devotamento pelas verdades científicas”. Intentava atingir um amplo público alvo, como no caso da “mulher na beleza de seu sorriso, o ancião na severidade de seus conceitos, o moço no desejo de seus ideais” e “a criança na pureza de seus sentimentos”, de maneira que tais segmentos, ao percorrer aquelas páginas impressas, “plenas de colaboração suave e inteligente”, sentiriam “o renascer da esperança, a grandeza da alma e a poesia do amor”³¹.

Essa revista lançou uma edição especial acerca do centenário da independência, a qual trazia na capa uma inspiração floral e uma cena litorânea, inspirando-se na exuberância natural do país. A parte ilustrada trazia os retratos de D. Pedro I e José Bonifácio; o monumento do Ipiranga; os quadros “O grito do Ipiranga”, de Pedro Américo, recriando a cena da proclamação da independência; e “A fundação da pátria brasileira” de Eduardo Sá, trazendo José Bonifácio de Andrada e Silva “constituindo a nacionalidade com o concurso das

³¹ A REVISTA. Niterói, maio 1919.

três raças”; além de duas figuras femininas, que, como deusas da liberdade, ou ainda da república, estariam a orientar os rumos do país, após a independência. Na matéria editorial, a publicação, “ao correr da pena”, apresentou “Sete de Setembro – breve palavras”, texto que comparava a pátria a uma família, considerando aquela como “a família em seu máximo desenvolvimento”. Sob orientação do patriotismo, o mensário dizia³²:

Brasileiros, todos envoltos em nossa bandeira, caminhando, impertéritos, em defesa de nossos direitos, sentimos nos estos de nosso entusiasmo um certo encorajamento que afronta as batalhas sanguinolentas e que vence a frieza imperturbável dos canhões.

É que nossa compreensão se patenteia nesse direito que integra e que reabilita, nessa força que reage e que forma os alicerces seguros de nossa soberania.

E esse direito e essa força, em sua legítima significação, não são, nem mais nem menos, que a consciência de nosso valor à vanguarda dos povos livres!

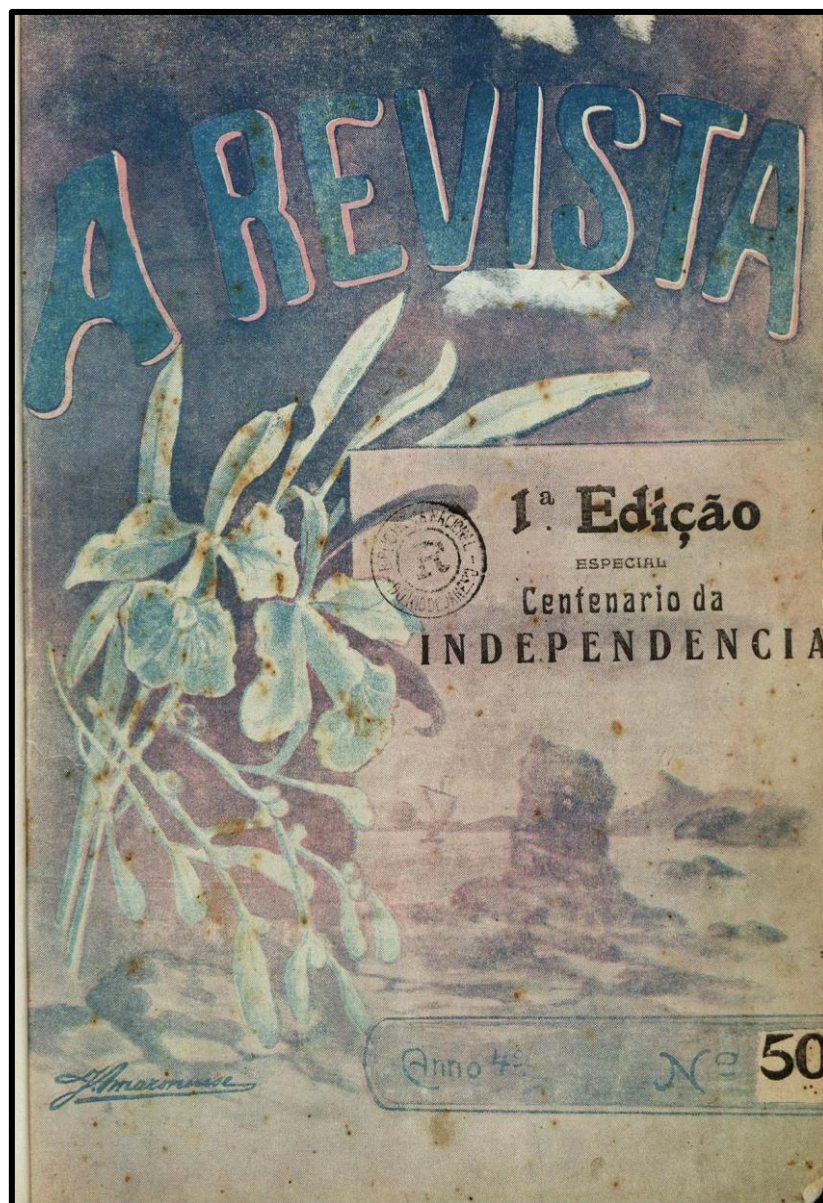
Disse algures Tobias Barreto: “A pátria é uma harmonia instrutiva da vontade, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a célula e tendes o organismo. Multiplicai a família e tereis a pátria”. (...)

A família é o amor, o respeito, gratidão, o conforto, as alegrias e as dores, como a pátria é o céu, a terra, o mar, a consciência, a abnegação, o sacrifício, em uma palavra, o povo.

Divinizai a família pela fé e tereis a pátria fortificada pelo amor.

E na trilogia “Deus, pátria, família” gravitam as energias do universo, que buscam para as almas crentes um futuro que se traduz numa esperança infinita!

³² A REVISTA. Niterói, 7 set. 1922.



A REVISTA

Fundada em 1919
IMPRESSA EM OFFICINAS PROPRIAS
INSTALLADA EM EDIFICIO PROFFIO

Rua do Cruzeiro n. 396. — Anno 4^o Numero 50

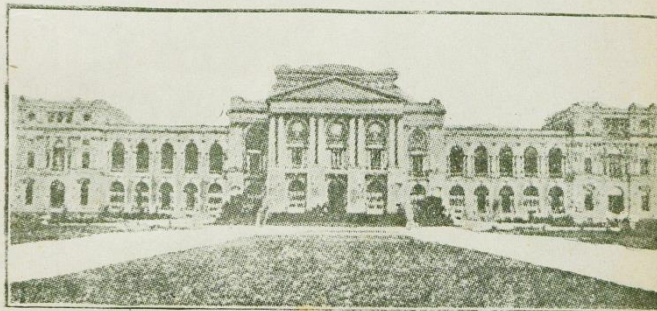
Director-Proprietario Manoel Leite Bastos	Nictheroy, 7 - Setembro - 922	Redactor-Chefe Dr. Armando Gonçalves
--	----------------------------------	---

Ao correr da penna

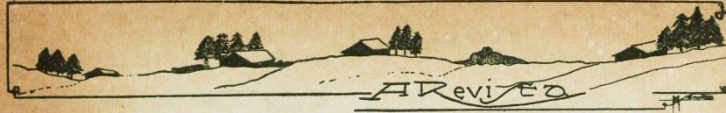
Sete de Setembro Breves palavras



D. PEDRO I



Monumento do Ypiranga

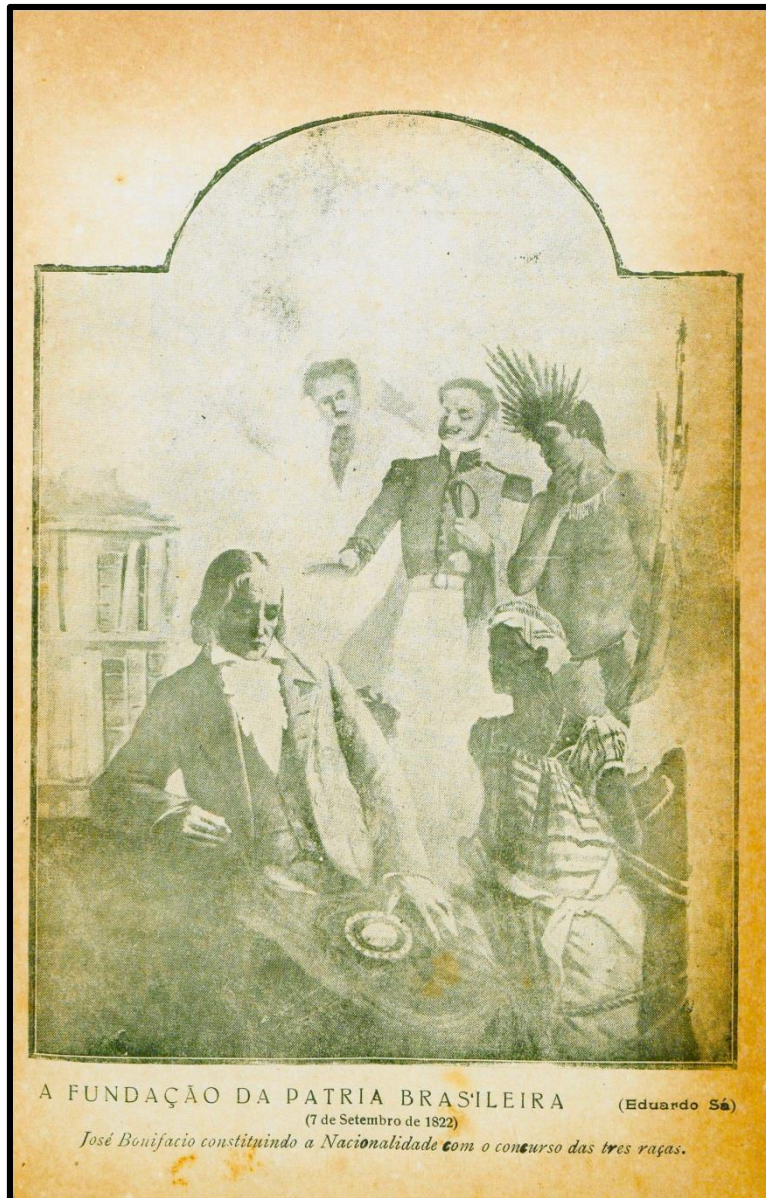


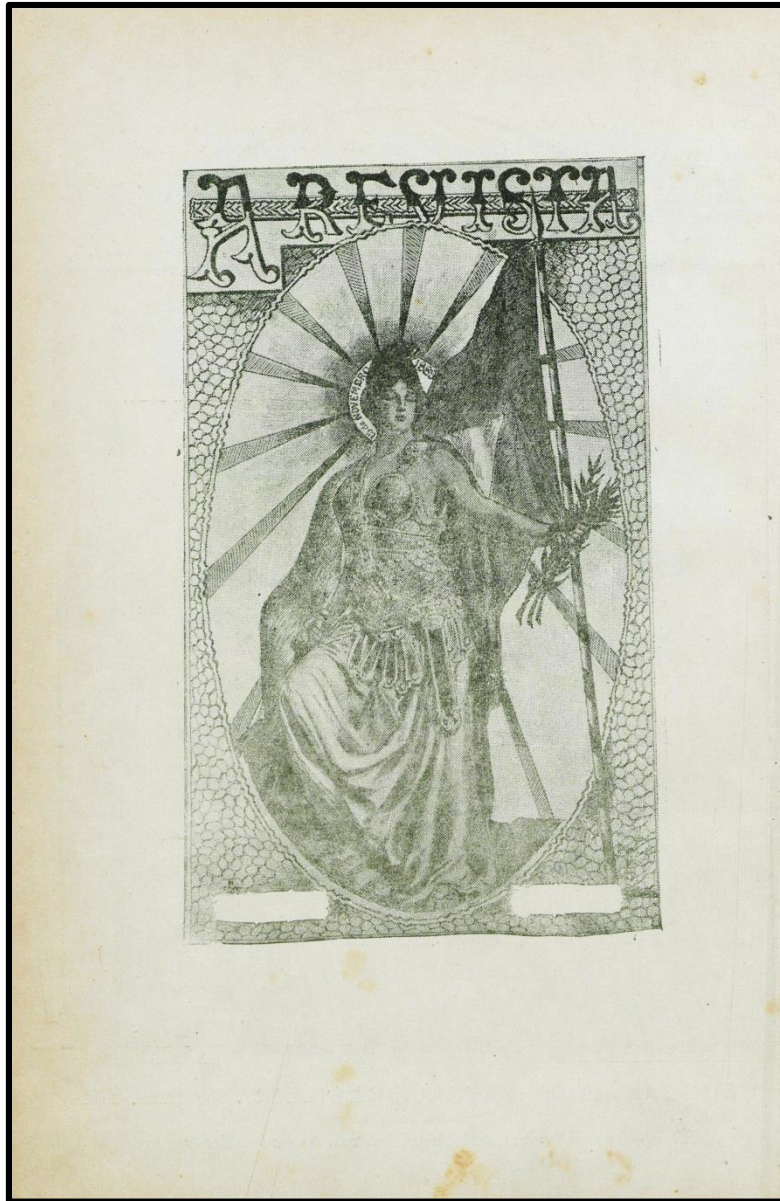
José Bonifácio de Andrada e Silva
Patriarcha da Independência

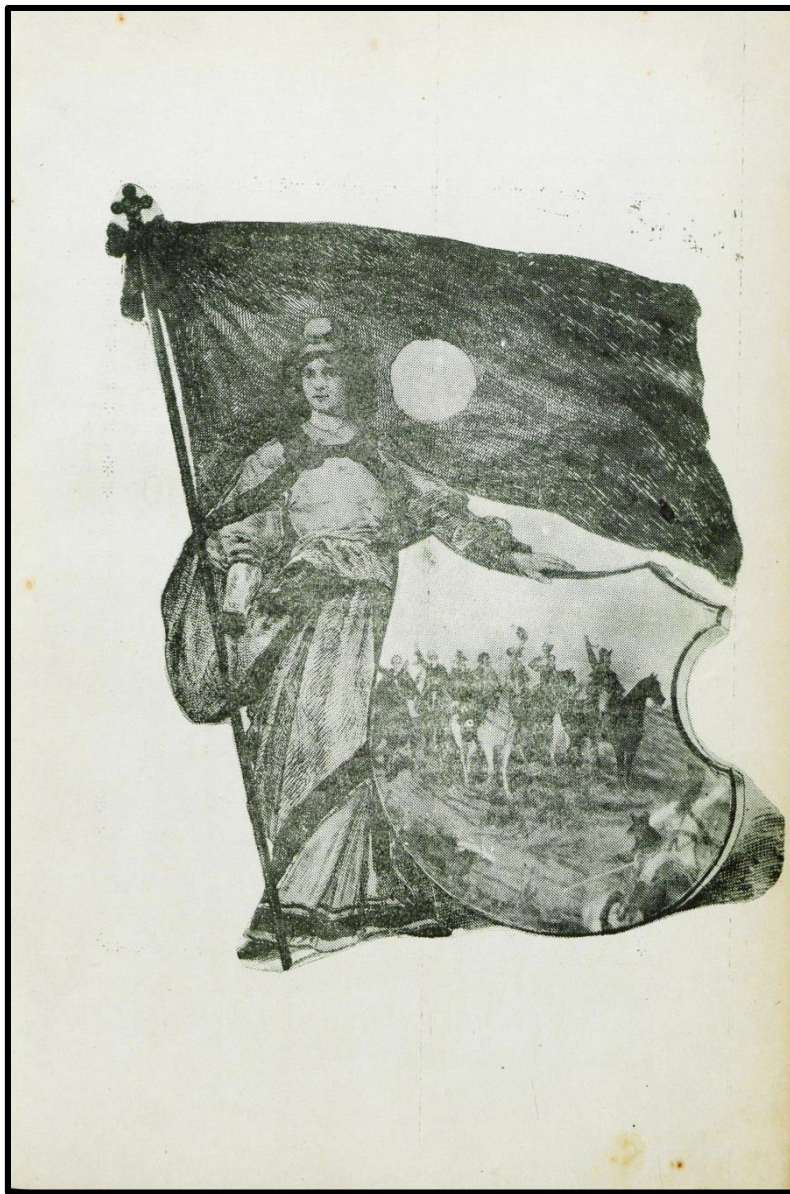
1822 = *Independência ou morte!*



✕ O GRITO DO YPIRANGA ✕
Esquadra de São Antonio







VIDA CARIOCA

A *Vida Carioca* circulou no Rio de Janeiro a partir de 1921, quando anunciava em seu frontispício que se tratava de uma publicação quinzenal literária, política e de amplas informações. A revista sustentava que seu ânimo estava voltado ao “máximo escrúpulo”, usado para “guardar a linha honesta de não tergiversar para a obtenção de apoio ou de solidariedade”, de maneira a tornar-se “patente sempre quando” tivesse a “necessidade de esclarecer este ou aquele problema social” ou fazer “a crítica ou mesmo a análise de tudo” que passasse “pelos olhos”, vindo a “merecer importância, atenção, curiosidade no meio literário, político, comercial e mundano”. Explicitava a sua intenção de buscar ter um “caráter legitimamente nacional”, destinando-se “a defender os interesses da pátria contra os que a ofenderem”, e dando, “nesse sentido, todas as energias, batendo-se, com ardor cívico e sem desfalecimentos”. Pretendia também ocupar-se “da vida mundana”, falando “de tudo que concorra para a intensidade da vida”, estando “atenta ao barulho da cidade, dos clubes de diversões, de desenvolvimento físico”, ou seja, “tudo” que merecesse “um pouco de atenção” teria o seu “comentário”. Expunha ainda que constituiria uma “publicação moderna, de feição independente”, trazendo “nas suas colunas boa, variada e completa colaboração literária” e, se fosse amparada “pela opinião

pública e pela bondade de seus amigos”, desenvolveria “o seu programa cuidando de outros interesses para satisfazer o seu fino paladar intelectual”³³.

Em relação ao centenário, *Vida carioca* apresentou o artigo “A independência do Brasil: um trecho da nossa história”, o qual buscava desvelar certos aspectos da formação histórica que cercava tal evento, contento ilustração com o quadro de Pedro Américo. Essa edição era ainda adornada com a fotografia do monumento erguido em homenagem ao primeiro imperador brasileiro e o desenho do pórtico principal da Exposição Internacional de 1922. Em uma das matérias era realizada uma transcrição de texto, o qual enaltecia o Brasil, ao destacar que se tratava de uma “vastíssima região” e um “felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas”, vindo a tributar “os seus campos o mais útil alimento, as suas minas, o mais fino ouro, os seus troncos, o mais suave bálsamo e os seus mares o âmbar mais seleta”. Segundo a matéria, tratava-se de um “admirável país”, sendo “a todas luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza”, a qual “se desentranha nas férteis produções”³⁴.

³³ VIDA CARIOCA. Rio de Janeiro, 6 jan. 1921.

³⁴ VIDA CARIOCA. Rio de Janeiro, 7 set. 1922.



VIDA CARIOCA

Redação e administração
Rua 7 de Setembro, 77
(2º Andar)
Telephone 1621 Central

Assignatura annual para esta capital e Estados da Republica. — 30\$000 —

PUBLICAÇÃO LITERARIA, POLITICA E DE AMPLAS INFORMAÇÕES

Redactor-Chefe: XAVIER PINHEIRO Proprietario e Director: JOSE B. DE ALMEIDA

ANNO II Distrito Federal, 7 de Setembro de 1922 NUM. 33

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

Um trecho da nossa Historia



O GRITO DO YPIRANGA



Estatua equestre de D. Pedro I

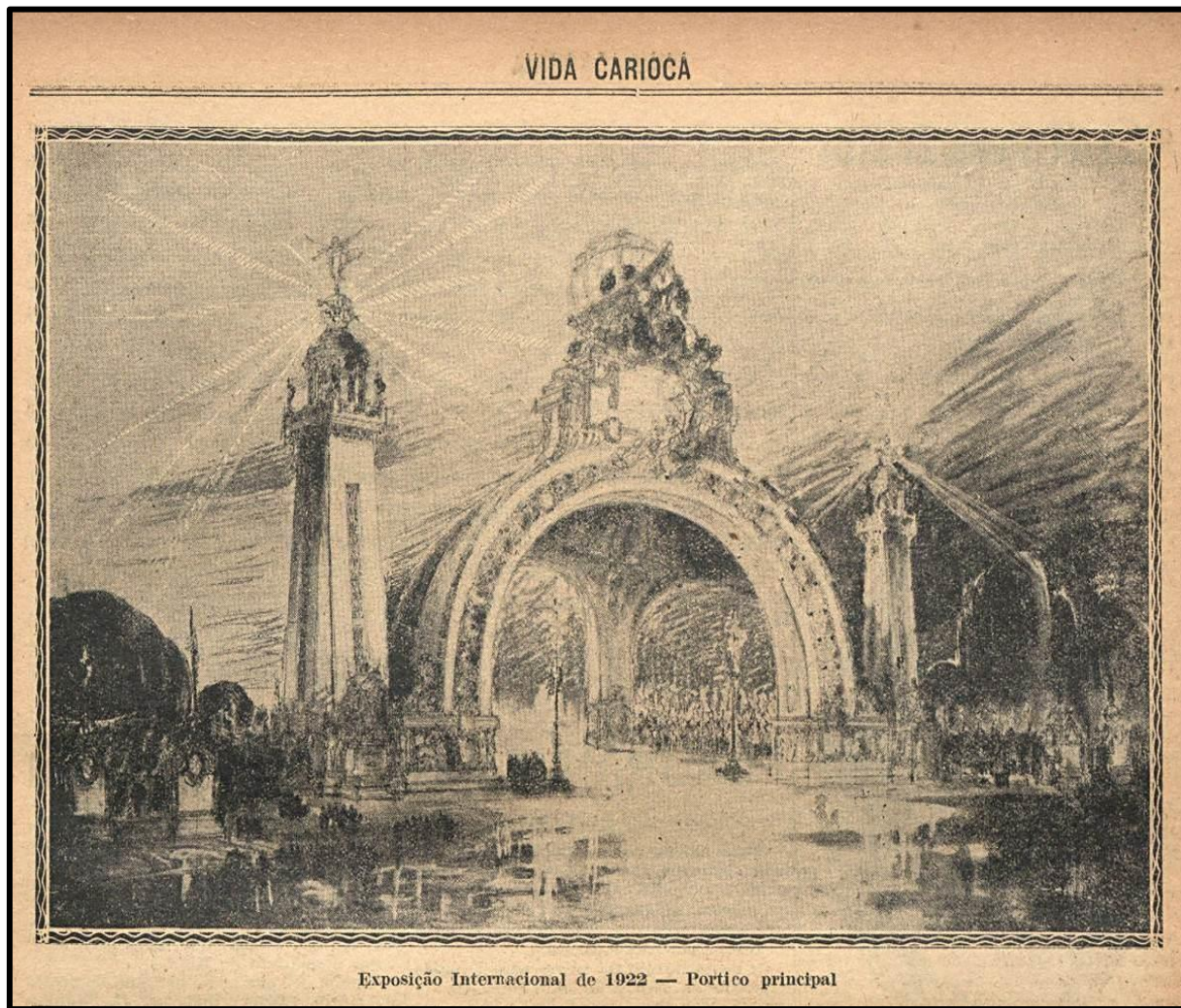


ILUSTRAÇÃO FLUMINENSE

A *Ilustração Feminina* foi fundada na localidade de Niterói, em 1921, destacando que seu enfoque era voltado a temas como “política, ciência, literatura, agricultura, indústria, comércio e esporte”. Pretendia trabalhar “sempre em favor do progresso econômico, moral e literário do glorioso Estado que habitamos”, ao qual seria devido “tanto amor quanto nos pode inspirar o mais sincero e ardente patriotismo nos tempos que decorrem”. Ainda prometia que tudo faria “para que se difunda a instrução, base de todo o progresso, da prosperidade e da vida do cidadão” e garantia que “o direito, a justiça, a moral” seriam “vistos como a verdadeira trindade anímica de uma população que deseja se aperfeiçoar e crescer”. Dizia defender “a liberdade cívica e política” e a “aspiração suprema de uma democracia, estribada sempre nos princípios de amor que levam à fraternidade”. Declarando ser “convicta do seu dever jornalístico” a revista proclamava “bem alto os seus sentimentos de amor, de imperecível concórdia, de acrisolada fé e de inteira confiança no portentoso futuro do Brasil”³⁵.

Na matéria editorial referente ao centenário, o periódico divulgou um texto de cunho histórico intitulado “Uma página de História do Brasil – o mês de agosto em 1822 – a viagem do Príncipe Regente D. Pedro do Rio a S. Paulo”. A edição era estampada com os retratos do Presidente do Senado da Câmara, em

³⁵ ILUSTRAÇÃO FLUMINENSE. Niterói, ago. 1921.

1822, D. João VI, o Presidente Epitácio Pessoa e o primeiro imperador D. Pedro I, assim como um registro iconográfico da Exposição do Centenário³⁶.



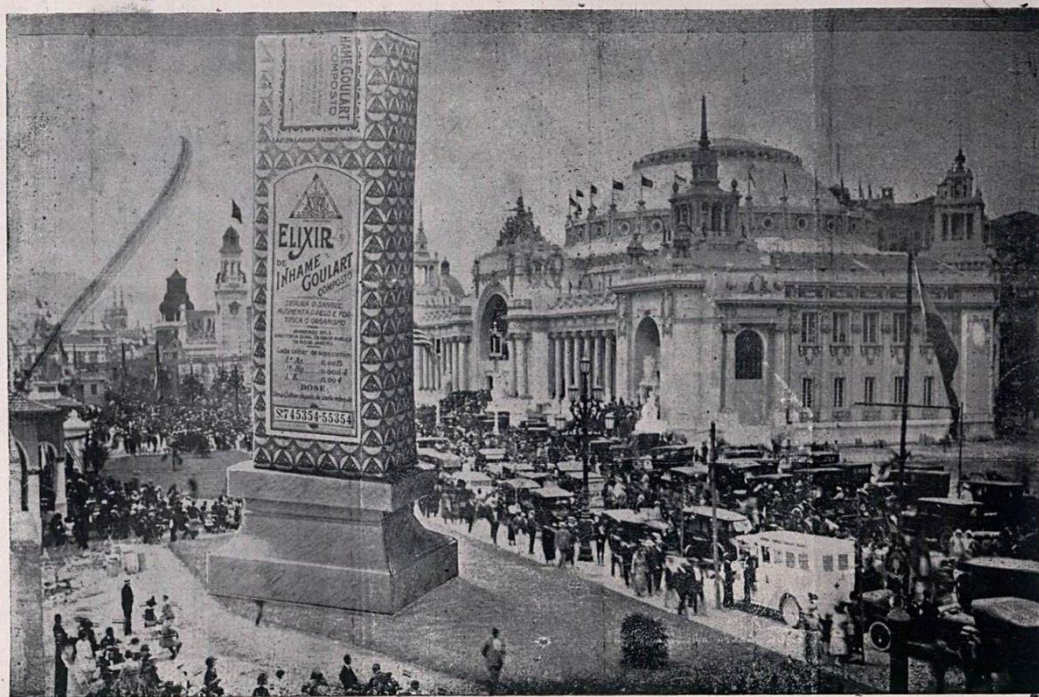
³⁶ ILUSTRAÇÃO FLUMINENSE. Niterói, set. out. 1922.







Exposição Internacional



Um aspecto da Avenida das Nações

A VOZ DO MAR

Apresentando-se em seu cabeçalho como “órgão oficial da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil”, *A Voz do Mar* foi editada no Rio de Janeiro, a partir de 1921. Em sua apresentação, a revista dizia nascer como “uma homenagem que os trabalhadores do mar querem prestar à gloriosa Marinha de Guerra brasileira”, constituindo uma “simples, mas expressiva” homenagem. Seu escopo era o de desenvolver, “em suas colunas reduzidas e modestas, todos os temas que interessam aos que labutam pelo engrandecimento do Brasil, embalados pela inconstância das ondas oceânicas”. Dizia que buscava ser, “antes de tudo, um órgão de construção”, preferindo “defender a atacar”, de modo que, “jamais será joguete das paixões partidárias e servirá a baixos interesses inconfessáveis”, sendo “a sua política a da defesa dos interesses marítimos do Brasil”. Afirmava ainda que era “o órgão oficial” da “grande instituição de classe que congrega os pescadores brasileiros”, a qual nascera “bafejada pelos poderes públicos”, tornando-se “uma força pelo labor honrado e a unidade de vistas, que com patriotismo e devotamento os pescadores vêm sustentando sem desfalecimentos”³⁷.

Na capa de uma das edições alusivas ao centenário da emancipação nacional, a revista trazia a imagem de dois pescadores em uma jangada, um deles sustentando o pavilhão nacional em sua mão esquerda, ao passo que no

³⁷ A VOZ DO MAR. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921.

horizonte aparecia a inscrição “independência ou morte”. Na cobertura fotográfica, trazia o registro do Presidente da República depois de inaugurar um dos pavilhões da Exposição Nacional e outro, com esta personalidade política inaugurando o Pavilhão dos Estados, na mesma mostra. O editorial intitulava-se “Hora suprema” e abordava as festividades pela efeméride, trazendo também forte exortação patriótica e ufanista³⁸:

Acumulada de honrarias e evidentes manifestações de cordialidade de todas as nações do mundo civilizado, vem a grande terra brasileira de iniciar os festejos comemorativos do seu primeiro centenário de emancipação política.

Presidentes de nações, secretários de Estado, embaixadores, financistas, industriais, literatos, jornalistas – todo um seleto agrupamento de vultos eminentes – afluem à bela metrópole brasileira, no sincero anseio de dar-nos o testemunho solene da sua admiração e da sua amizade pelo nosso país e pela nossa gente, apoteoseando de maneira sublime o primeiro passo do nosso caminhar independente na estrada dos séculos.

Sente-se pairar em tudo que forma a grandeza nativa desta facha da esfera mundial, predestinada a uma epopeia de glórias intermináveis, desde o vigoroso aparelho humano que a povoa, até a inigualável magnificência das suas matas e a extraordinária opulência dos seus mananciais (...).

Somos um povo perfeitamente organizado; todas as nossas energias se congregam à sombra da mesma aspiração, da única aspiração – a da grandeza da pátria!

A massa colossal e gente que, sem explicação plausível, permanecia inerte em toda a extensão do litoral brasileiro, essa formidável classe de homens valorosos, pujantes e bravos pelo seu constante pelejar com as fúrias do oceano, essa gente extraordinária de coragem e sublime de resignação que conseguimos

³⁸ A VOZ DO MAR. Rio de Janeiro, 29 set. 1922.

despertar do enganoso sono da descrença, é hoje uma força poderosa influenciando grandemente no nosso aparelho de defesa.

Salve! pescadores patrícios!

A vossa proeza vale bem uma página de ouro no livro da nossa história!

Salve Brasil grande e amado, terra de bravos, fonte de grandezas!



Anno I Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1922 Num. 15

SECRETARIO  **A VOZ DO MAR**  ASSIGNATURAS
Elzamann Magalhães Orgão Oficial da Confederação Geral Anno 15\$000
Caixa Postal, 1302 dos Pescadores do Brazil Semestre . . . 8\$000
Telep. Norte, 136E Numero avulso \$400
 Numero atrazado \$500

Redacção e Administração: TRAVESSA DO COMMERCIO, 22-sob.

 *Hora Suprema* 

A VOZ DO MAR

O centenário da independência



O Sr. Presidente da Republica depois da inauguração, em um dos pavilhões na
Exposição Internacional



A outra edição de *A Voz do Mar* que também fazia referência ao centenário voltava a estampar dois marinheiros na capa, um deles com a bandeira nacional em uma das mãos, e um tridente, em alusão às lides marítimas na outra, ao passo que o outro trazia uma lanterna, como a iluminar o caminho dos brasileiros ao longo do seu território, demarcado em suas extremas fronteiras setentrional e meridional, ou seja, “do Oiapoque ao Chuí”. As fotografias se referiam às ações da entidade de classe da qual a revista era órgão oficial, mostrando uma “passeata cívica”, na qual os pescadores desfilaram por vários pontos da capital republicana. A matéria editorial denominava-se “Ergue-te Jeca”, em alusão a um dos personagens que servia para simbolizar o povo brasileiro. Nessa linha, a publicação conclamava o “Jeca” a levantar-se, colocando-se “ao lado do Brasil, que acaba de chegar de uma jornada gloriosa, caminhando, desde que o libertaram, numa estrada de obstáculos que, vencidos pelo vigoroso pulso de seus diletos filhos”, tornara-se “um caminho de triunfos, ladeado de edifícios suntuosos, que são os repositórios dos troféus das suas grandes conquistas”³⁹.

³⁹ A VOZ DO MAR. Rio de Janeiro, 29 out. 1922.



Anno I

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1922

Num. 16

SECRETARIO
Elzamann Magalhães

Caixa Postal, 1302

Telep. Norte, 136E



A VOZ DO MAR

Orgão Official da Confederação Geral

dos Pescadores do Brazil



ASSIGNATURAS

Anno . . . 15\$000

Semestre . . 8\$000

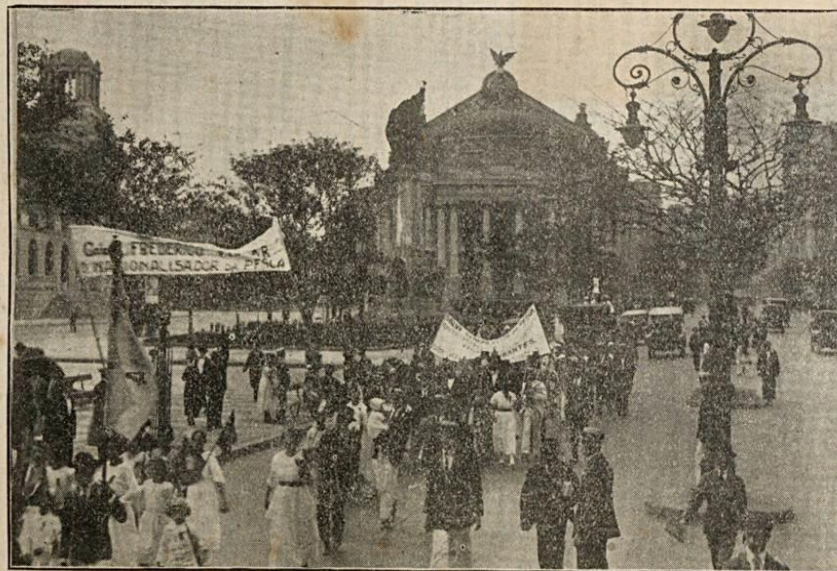
Numero avulso \$500

Numero atrazado \$800

Redacção e Administração: TRAVESSA DO COMMERCIO, 22-sob.

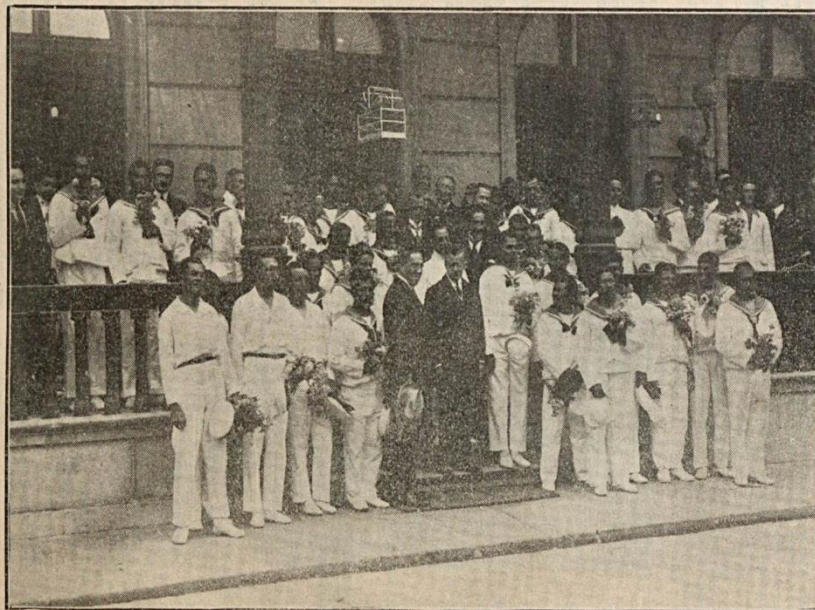
ERGUE-TE, JECA!

A passeiata civica dos pescadores



O PRESTITO NA AVENIDA RIO BRANCO

..... A VOZ DO MAR



Os pescadores "raidmen" no pátio do Palacio do Cattete, após terem recebido os cumprimentos de S. Ex.
o Snr. Presidente da Republica

..... A VOZ DO MAR

A passeiata civica dos praianos



Os pescadores em frente ao Palácio do Cattete

A VOZ DO MAR

PELO MUNDO...

Outro magazine mensal ilustrado, editado no Rio de Janeiro foi *Pelo mundo...*, que teve o seu número original publicado em 1922. Segundo a redação da revista, ela “sempre se apercebeu da verdade das palavras de Salomão – *nil novi sub sole*”, em alusão à falta de novidades, de modo que “jamais se arrogou veleidades de ser uma publicação capaz de revolucionar por completo o seu gênero”. Ainda assim, dizia ter procurado “surgir na arena com os melhores atavios e com a feição mais leve, realizando o escopo da beleza e do interesse”. Afirmava também que só carecia “para viver do favor público e do amparo inestimável da imprensa”, os quais constituiriam “os elementos principais de vida”. Pretendia atender não só ao público carioca, mas igualmente o “de todos os Estados da República”, embora alinhavasse que não pretendia dar nada além daquilo que tinha à sua disposição⁴⁰.

As repercussões do centenário nas páginas de *Pelo mundo...* ficaram mais vinculadas às composições iconográficas, como na capa na qual aparecia uma das paisagens cariocas, reunindo o mar e a montanha, com o protagonismo de uma figura feminina que usava a bandeira nacional como uma sobrecapa. A matéria vinculada à efeméride concentrou-se na notícia da mudança de residência do Conde D’Eu para o Brasil. A matéria estampava vários retratos de Gastão D’Orleans e da Princesa Isabel, em diferentes idades, assim como de seus

⁴⁰ PELO MUNDO... Rio de Janeiro, mar. 1922.

descentes, bem como trazia detalhes sobre a biografia do personagem em pauta. Do ponto de vista histórico, a magazine optou por lembrar a primeira missa no Brasil, por meio do quadro de Vitor Meireles⁴¹. Na capa de outra edição, apresentava a estátua equestre de D. Pedro I, em primeiro plano, tendo, ao fundo, a imagem de uma mulher de barrete frígio coberta pelo pavilhão brasileiro, em alusão à República, ao passo que tal cenário era emoldurado pelas bandeiras de vários países, em referência aqueles que se fizeram representar nas solenidades comemorativas e/ou estiveram presentes na Exposição que demarcou o centenário⁴².

⁴¹ PELO MUNDO... Rio de Janeiro, set. 1922.

⁴² PELO MUNDO... Rio de Janeiro, out. 1922.



PELO MUNDO...

O SENHOR CONDE D'EU

Agora, que já é do domínio publico, que o Sr. Conde d'Eu e seu filho D. Pedro, vêm residir no Brasil, não é de mais que «Pelo Mundo...» dê aos seus leitores alguns traços da vida de tão notavel cidadão.

O Sr. Conde d'Eu, chama-se Luiz Pheippe Maria Fernando Gaston de Orléans, nasceu a 28 de Abril de 1842, em Neuilly e é filho do Duque de Nemours. É, portanto, neto do rei Luiz Pheippe e da Duqueza Victoria Augusta de Saxe Co-burgo Gotha.

Em 1864 o Sr. Conde d'Eu consorciou-se com a filha primogenita de D. Pedro II, D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga. Tinha elle



A Princesa Izabel aos 18 annos, em 1864, anno de seu casamento.



O Sr. Conde d'Eu aos 22 annos.

22 e ella 18 annos de idade. O casamento effectou-se a 15 de Outubro, sahindo o cortejo da Quinta da Boa Vista e servindo de mestre de ceremonias o Sr. Paulo Barbosa da Silva. O casa-

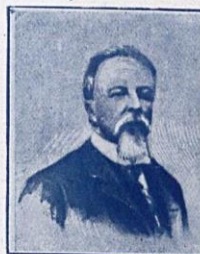
mento foi effectuado na Cathedral e nesse dia formaram no largo do Paço, a Guarda Nacional, o 1º Batalhão de Fuzileiros e o Corpo de Policia, então sob o Commando do Coronel Manoel Pedro Drago. Em regosio a essa data, S. M. o Imperador, mandou dar liberdade a todos os escravos que serviam á Princesa e distribuiu esmolas a varios estabelecimentos de caridade. Quando o prestito passava pelo Campo de Sant'Anna, um aereonauta chamado Wells, subiu em seu balão, indo cahir no morro da Viuva.

Em 11 de Setembro de 1865, o Conde d'Eu parte para o Paraguay



D. Izabel, Princesa Regente, aos 35 annos.

regencia, D. Izabel assigna a lei de 13 de Maio, pela qual ficou extincta a escravidão no Bra-



O Sr. Conde d'Eu com 55 annos

sil. Deu-lhe o povo então, o titulo de a "Redemptora".

Obtendo o titulo de marechal do exercito, o Sr. Conde d'Eu fez uma declaração publica, de que desistia em favor dos cofres nacionaes dos proventos que, por ventura, lhe coubessem, em virtude daquelle alto posto.

De 1864 a 15 de Novembro de 1889, data em que a familia imperial foi banida, o Sr. Conde d'Eu foi 3 vezes á Europa, ahi fazendo curtas estações, em visita a parentes que lhe eram caros.

e m companhia de seu sogro, S. M. o Imperador.

A 22 de Março de 1869 o governo o nomeia marechal do Exercito, commandante em chefe das forças brasileiras, assumindo o commando a 16 de Abril do mesmo anno. Em 12 de Agosto, dá-se o ataque de Peribebuy, onde elle toma parte com o Barão de Herival. Quatro dias depois, toma parte na batalha de "Campo Grande", onde os paraguayos perdem cerca de 3 mil homens. A 29 de Abril de 1870, regressa ao Rio e em 1871, sua consorte, então regente do imperio, — sanciona a lei de 28 de Setembro que declara livres os filhos de escravos.

Em 1888, estando pela terceira vez na

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

PELO MUNDO...

Com excepção desses períodos relativamente curtos, o Sr. Conde d'Eu sempre viveu no Brasil, nação que elle adoptou como sua e á qual deu sobejas provas de amor.

O Sr. Conde d'Eu conta agora 80 annos e aqui residiu cerca de 25.

O filho que o acompanha é o Príncipe do Grão Pará e chama-se Pedro de Alcantara Luiz Felipe Maria Gastão Miguel Gabriel Raphael Gonzaga. Nasceu em Petropolis a 15 de Outubro de 1875 contando, portanto, actualmente, 47 annos de idade.

O outro filho do Conde d'Eu chamava-se Luiz de Orléans e Bragança, foi casado com S. A. D. Pia de Orléans e Bragança. Nasceu tambem em Petropolis a 26 de Janeiro de 1878. Falleceu em Paris.

O 3.º chamava-se Antonio Gastão de Orléans



D. Izabel com 75 annos, em 1921, anno em que falleceu.

patente os seus dotes de militar illustre. Ia começar a parte mais renhida da lucta. Com a entrada dos exercitos alliados em Assumpção, estaria terminada a guerra se o dictador Francisco Solano Lopes não quizesse sacrificar o seu paiz e o seu povo. Inter-nando-se pela Cordilheira de Ascurra, conseguiu elle reunir um exercito de dezeseis mil homens para combater commosco. Era preciso, pois, que os nossos homens se internassem pelas regiões doentias dos sertões paraguayos. Dahi, um continuar ininterrupto de guerrilhas, de emboscadas, que nada decidiam e que só serviam para

matar sem glorias, soldados de parte a parte. O primeiro encontro foi em Jejuy. Ahi o General José Antonio Correia da Camara, algum tempo depois Visconde de Pelotas, em um renhido combate que teve com uma força paraguaya, que estava sob o commando do General Gálbano, tomou-lhe 12 poderosas peças de artilharia, no dia 30 de Maio de 1869. Quasi dois mezes depois, isto é, a 20 de Julho, o bravo general Menna Barreto apoderou-se de Sapucaia, isto depois de ter transposto o rio Paraná e de ter atravessado com immensa difficuldade muitas leguas de terrenos inteira-



S. A. R. o Sr. Conde d'Eu com 25 annos (da "Semana Illustrada" de 1870).

e Bragança; nasceu em Paris a 9 de Agosto de 1881 e tambem é já fallecido.

Temos necessidade ainda de tratar da phase da guerra do Paraguay, em que o principe Conde d'Eu tomou conta do commando geral das forças em operações, afim de melhor ficarem



S. A. R. o Sr. Conde d'Eu aos 30 annos.

PELO MUNDO...

mente alagados. Foi, então, que a 12 de Agosto se effectuou o terrível ataque a Perebebuy, cuja acção foi dirigida pelo Conde d'Eu, auxiliado pelo inclito General Osorio, barão de Herval, e pelo não menos illustre General Menna Barreto, que ahí morreu atravessado por uma bala inimiga. Perebebuy, que era, então, uma pequena villa, estava muito bem fortificada por Sola no Lopes, que fez dahi o seu baluarte. Atacado porém, de sopetão, de tres lados, de modo a confundir o inimigo, que não sabia por onde se defender, rendeu-se por fim, depois de algumas horas de luta, tomando os brasileiros 19 bocas de fogo, 12 bandeiras e aprisionando mil e oitocentos homens. Não se tinham ainda passado 5 dias e eis novamente



O Sr. Conde d'Eu e a Princesa D. Isabel, com seu neto, filho de D. Luiz de Orléans.

atirando-lhe um golpe de espada. Foi, então, que um soldado chamado Chico Diabo lhe deu uma lançada, exhalando elle o ultimo suspiro e terminando assim a longa lucta, que durou mais de 5 annos e á qual o Conde d'Eu prestou inestimaveis serviços. E' justo, pois, que a nação inteira se rejubile por ter de receber aquelle a quem muito deve.

Consta que Sua Alteza vae residir em Petropolis, onde tem propriedades e onde os seus filhos nasceram e passaram todo o tempo de sua menoridade. Vamos terminar estas ligeiras notas dando alguns dados sobre a vida do Duque de Nemours, pae de Sua Alteza. E' elle filho do rei de França, Luiz Felipe e da rainha Amelia. Carlos X o nomeou em



S. A. o Principe D. Pedro e D. Anna Granewald, sua ama de leite, em 1821.

bastava só prender Solano Lopes para se dar um desfecho á guerra. O dictador, porém, com um pequeno grupo de soldados, internou-se no matto, até que foi encontrado em Cerro-Corá, ás margens do Aquidaban, quasi na fronteira de Matto-Grosso. Encontrou-os o General Camara, no momento em que Lopes se apeando do seu cavallo procurava transpôr o rio. O General Camara intimou o dictador a que se rendesse e entregasse a espada, pois a sua vida lhe seria garantida. Lopes respondeu-lhe,



O Sr. Conde d'Eu aos 60 annos

o Principe Conde d'Eu entrando em foga e ganhando a batalha de Campo Grande, onde cerca de tres mil soldados paraguayos foram feitos nossos prisioneiros. Enfraquecidos os inimigos,



S. A. o Sr. Conde d'Eu (ao centro), por occasião de sua visita ao Brasil em 1821.

para não descontentar a Europa. Em 1834, o duque foi promovido a Marechal de Campo e em 1840 casou-se com a duquesa Victoria Augusta Antonietta de Saxe Coburgo Gotha. Em 1841 o duque de Nemours partiu em serviço para a Argelia, onde luctou contra os Kabylas e contra Abd-el-Kader. Logo depois do fallecimento de seu irmão mais velho, — o Sr. Duque de Orléans, a Camara votou um projecto que o nomeava regente do reino durante a menoridade de seu sobrinho, o Conde de Paris, no

PELO MUNDO...



Busto do Príncipe do Orão Pará, por Bernardelli.

caso de fallescer o rei Luiz Felipe. Esta lei foi mal recebida. Durante os ultimos annos do reinado de seu pae, o duque tomou parte saliente nos trabalhos parlamentares. Depois da revolução de 1848, foi residir na Inglaterra. Reentrando em Fran-

de Guise o herdou. Mais uma vez, reunida a corôa e em 1696, foi dado em apanagio a Carlos, duque de Berry. Depois de uma ultima annexação ao dominio da corôa, Luiz XIV deu em apanagio a seu irmão, que foi Luiz XIII. Dahi, o titulo de duque de Alençon, passou, como já dissemos, ao irmão



O Príncipe D. Pedro de Alcântara, filho mais velho de S. S. A. A. D. Izabel e Sr. Conde d'Eu, aos 15 annos (Em uniforme de official austriaco).

ça em 1871, mostrou-se favoravel á reconciliação de sua familia com o Conde de Chambord. Além do Conde d'Eu, o Duque de Nemours teve mais um filho: Felipe Maria, duque de Alençon, que nasceu em Neuilly em 1844. O titulo de duque de Alençon tem sua historia. O condado de Alençon reunido á corôa de França por Felipe Augusto, foi destacado por Luiz IX para seu 5.º filho, Pedro, de 1269 a 1284 e depois em 1293 por Felipe o Bello, para seu irmão Carlos de Valois. Em 1414 foi elevado a ducado.

Com a morte de Margarida de Angoulême, duqueza donataria de Alençon, Carlos IX o deu á sua mãe Catharina de Medicis, que cedeu em 1566 a seu filho mais novo, Francisco. Em 1584 voltou novamente á corôa.

Annexado por Henrique IV, ao Duque de Wurtemberg, foi readquirido por Maria de Medicis e de novo reunido a os seus dominios. Em seguida, foi dado por Luiz XII a seu irmão Gaston de Orléans, o qual sua segunda filha Mlle. de Alençon, casada com o duque

do Sr. Conde d'Eu. E', como já se viu, um titulo, cuja origem remonta ao seculo XII.

Como já deixámos dito, a descendencia do Sr. Conde d'Eu é uma das mais gloriosas. Seu avô, foi rei de França e seus tios, cada qual foi mais illustre. São elles: o duque de

Orléans, Ferdinando Felipe Luiz Charles Henrique; Luiza Maria Theresa Carolina Izabella, que se casou com Leopoldo I, rei dos belgas; Maria Christina Carolina Adelaide Francisca Leopoldina, duqueza de Wurtemberg; Maria Clementina, casada com Augusto de Saxe Coburgo Gotha; Francisco Ferdinando Felipe, principe de Joinville, que se casou com uma irmã do Sr. D. Pedro II; Henrique Eugenio, duque de Aumale e, enfim, Antonia Maria que foi duqueza de Montpensier.

Informam-nos as estatisticas que durante o anno de 1921, aproveitaram-se dos diversos meios de transporte da cidade de Paris, 859 milhões de passageiros.



S. A. T. D. Luiz de Orléans e Bragança, sua esposa e filho







A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

